DALVA LEAL MARTINS
ELAINE MARIA GOULART NUNES
MARIA ISLAIR DUARTE LAGES
MARISA WILDE RODRIGUES PINTO
SIMONE POSSAS FONTANA
ANTÓNIO JOSÉ BARRADAS BARROSO
DANIEL COSTA DOS SANTOS
ORGANIZADOR:
MARCOS COSTA FILHO

ANTOLOGIA ENCONTRO LITERÁRIO

Poesias, Contos e Crônicas

casaletras

ANTOLOGIA
ENCONTRO LITERÁRIO

Poesias, Contos e Crônicas

MARCOS COSTA FILHO
Organizador

ANTOLOGIA
ENCONTRO LITERÁRIO

Poesias, Contos e Crônicas

casaletras
PORTO ALEGRE
2020

Copyright ©2020 de Marcos Costa Filho

Direitos desta edição reservados ao organizador, cedidos somente para a presente edição à EDITORA CASALETRAS.

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora ou do(s) autor(es), poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA:
Casaletras

FOTO DA CAPA:
A foto que originou a capa é de autoria de minha Afilhada Marisa Wilde Rodrigues Pinto e foi gentilmente por ela cedida especialmente para esta finalidade e por isso lhe presto meus sinceros agradecimentos (O ORGANIZADOR).

EDITOR:
Marcelo França de Oliveira

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

En17 Encontro literário (antologia): poesias, contos e crônicas / Marcos Costa Filho (organizador). Porto Alegre: Editora Casaletras, 2020.

220p.
ISBN: 978-65-86625-16-5

1. Literatura em Língua Portuguesa - 2. Antologia - 3. Poemas - Contos 4. Crônicas - I. Costa Filho, Marcos - II. Título

CDU: 869.0(81)-3 CDD: 869.93

EDITORA CASALETRAS
R. Gen. Lima e Silva, 881/304 - Cidade Baixa
Porto Alegre - RS - Brasil - CEP 90050-103
+55 51 3013-1407 - contato@casaletras.com
www.casaletras.com

APRESENTAÇÃO

Meus andares pela Literatura, desde os anos noventa do século passado, bem como, minha passagem pela presidência da Casa do Poeta Brasileiro, no Cassino, em Rio Grande - RS e minha adentrada à Academia Rio-Grandina de Letras, serviram como o suporte que me deu a conhecer vários poetas e poetisas. O acompanhamento de alguns participantes do "SUA POESIA VAI À FEIRA", atividade que criei e organizo já há dezessete anos na Feira do Livro da Universidade Federal do Rio Grande, anualmente, deu-me a oportunidade de apreciar vários autores literários e suas produções, o que me levou a convidar para ingressar na Academia, a qual pertenço, Dalva Leal Martins, Marisa Wilde Rodrigues Pinto, Elaine Maria Goulart Nunes e Maria Islair Duarte Lages. Daniel Costa dos Santos, meu sobrinho, depois de Engenheiro com Doutorado, surpreendeu-me ao iniciar-se no mundo da Literatura com poesias e prosas e convidei-o a fazer parte do quadro de Membros Correspondente da Academia, pois reside em Curitiba – PR. Já António José Barradas Barroso, natural e residente em Portugal, o conheci de modo virtual ao participar do Concurso Literário Internacional Castro Alves, por mim criado e organizado por oito anos na Academia, que por sua belíssima produção literária surgiu meu convite. O caso de Simone da Conceição Possas difere dos citados por termos um relacionamento muito mais antigo, desde quando eu exercia o magistério na Escola Municipal de Ensino Fundamental Helena Small, em Rio Grande – RS, e ela, então adolescente, foi minha excelente aluna. Naquele tempo ela já publicava suas poesias num jornalzinho semanal, O Peixeiro, que era distribuído gratuitamente na entrada dos cinemas da cidade. Acompanhei sua caminhada literária e dai surgiu meu convite a ser Membro Correspondente da Academia, pois reside em Campo Grande – MS. Dado ao convívio literário com meus Afilhados, convidei-os a participarem comigo da edição desta Antologia para marcarmos juntos um período de nossas vidas em que o escrever nos uniu... para sempre.

SUMÁRIO

DALVA LEAL MARTINS

AMIGOS VERDADEIROS 15
A ESCRITA DA VIDA 16
BELOS CAMINHOS PERCORRIDOS 17
REALIDADES 19
QUE MUNDO É ESTE? 20
ESPARÇAS LEMBRANÇAS 21
AS AVÓS! 22
FUGA! 23
NOSTALGIA! 24
O AMOR E OS NAMORADOS 25
ESPUMAS DE SAUDADE 26
VIAGEM AO SOL 27
QUERER 28
JARDIM DA MENTE 29
PROCURO ALEGRIAS! 30
RENASCER 31
RIO GRANDE DO SUL 32
NOSSAS MÃES 33
OCASO DA VIDA 34
O SER IDOSO 35
BUSCA 36
RAZÕES DE ESCREVER 37
DIA DA IMPRENSA 38

ELAINE MARIA GOULART NUNES

MONALISA 40
CABO POLÔNIO 41
HOJE 42
ESPERAS 41
INQUILINA 44
LUA NOVA 45
A ORAÇÃO 46
DOMÌNIO 47
SEMEADOR DE SONHOS 48
ANUNCIAÇÃO 49

SOLIDÃO....50
PALETA DOS ANJOS....51
BOLA DE CAPIM....52
TRIGAIS....53
MAR E SOLIDÃO....54
A VISITA....55
FIM DE INVERNO....56
COM CARINHO....57
MATERNO....57
ESTAÇÃO DO AMOR....58
A MESTRA....59
A NOITE....60
EU SEI....61
CENTAURO NEGRO....62
FLOR NO CABELO....63

MARIA ISLAIR DUARTE LAGES

AMAR....66
SONHO DE POETA....67
POEMA PARA UM HERÓI....68
A AMIZADE....69
VERSOS PELA PAZ....70
FUGA....71
AO SOM DO FADO....72
SONHANDO....73
TRAJETÓRIA....74
MENSAGEM DE ESPERANÇA....75
POEMA DAS MÃOS....76
ROTINA....77
A CARTOMANTE, O AMOR E O MAR....78
O MISTÉRIO DO VENTO....79
ESTRADA....80
DESERTO INTERIOR....81
PAIRA UM SILÊNCIO NO AR....82
SOU AMIGA....83
VIAJANTE DO TEMPO....84
INIMIGA OCULTA....85
ANSEIOS DE LIBERDADE....86
NA VELHA ESTAÇÃO DO TREM....88
O VENTO QUE MOVE A VIDA....90

MARISA WILDE RODRIGUES PINTO

AMOR QUATRO ESTAÇÕES 93
ECOLOGIA DOMÉSTICA 95
AS CRIANÇAS 97
HOJE SAUDEI IEMANJÁ 97
A GEOMETRIA DO AMOR 101
DESPEDIDA 103
FESTA JUNINA 105
MANHÃ DE PRIMAVERA 106
A INVISIBILIDADE DAS PESSOAS 108
SOBRE O ENCURTAMENTO DO TEMPO 110
A VOZ DE DEUS 112

SIMONE DA CONCEIÇÃO POSSAS

A FUGA 115
ABANDONADA NA ESCADARIA 117
A VIDENTE 120
CADA QUAL COM O SEU CADA QUAL 123
CALCE TÊNIS 125
DESABAFO 128
DEU BRANCO 130
DIA DO BIÓLOGO 132

ANTÓNIO JOSÉ BARRADAS BARROSO

O CAMINHO 135
POETA AMARGO 136
OLHOS FECHADOS 137
ESTRELA PRISIONEIRA 138
A VIDA 139
QUANDO VOLTARES 140
O HOMEM ALENTEJANO 141
AS FLORES DO ALENTEJO 142
O MAR 145
LENDA ALENTEJANA 146
A FÉ 147
DESPEDIDA 148
SONHOS 149
O TEU EXEMPLO 150
O TÉDIO 152
PALAVRAS 153
A PANDEMIA 155
MATAR 154
LADRÃO INDIGENTE 157

LADRÃO DE CASACA 158
O MEU TEMPO 159
MEUS POEMAS 160
SÚPLICA 161
ACTO FINAL 162
NASCIMENTO 163

DANIEL COSTA DOS SANTOS

MARSEILLE 166
UM ENCONTRO NO DESENCONTRO DO TEMPO 170

MARCOS COSTA FILHO

QUANTO AMOR EU TENHA 174
A VIDA É UM POEMA 175
CHUVA NA JANELA 176
AMORES!... Ah!... OS AMORES! 177
MÁGOAS AO MAR 178
O EQUILÍBRIO DO SER 179
AMOR TRANSCENDE O TEMPO 180
AMANTES 181
UM TESOURO NO SILÊNCIO 182
A CORRENTEZA DO DESTINO 183
UMA ÓPERA CHAMADA VIDA 184
LEMBRANÇAS APAGADAS 185
VERSEJANDO SONHOS 186
AMAR 187
INUSITADO 189
OBRIGADO ÀS FLORES 190
A FLOR DO LÁCIO 191
CHIMARRÃO A DOIS 193
GAÚCHO DESLOCADO 194
INVERNADA DE SAUDADE 196
O EFEITO PEALO NO AMOR 196
O TREM DA FELICIDADE 200
A AMPULHETA 202
A FOLHA E A LÁGRIMA 204
A PROFESSORA DO DOUTOR 206
O BALÉ PLUVIAL 208
VIAGEM SEM RETORNO 209
NOEL DE VERDADE 210
VIAGENS INESQUECÍVEIS 212
UM OPERÁRIO DE ESCOL 215

DALVA LEAL MARTINS

Na Feira do Livro da Universidade Federal do Rio Grande, no ano de 2002, conheci Dalva como participante do Concurso Literário, por mim organizado, quando era membro da Casa do Poeta Brasileiro no Cassino, em Rio Grande – RS.

Ela classificou-se em primeiro lugar com sua poesia intitulada *Viagem ao Sol.*

Passaram-se alguns anos.

Acompanhei suas atividades literárias até que um belo dia, a convidei para fazer parte da Academia Rio-Grandina de Letras. Dado seu aceite, providenciei o cumprimento do protocolo para solicitar sua candidatura a uma cadeira no sodalício. Com a aprovação, em uma reunião ordinária, veio a tornar-se minha Afilhada ao ser empossada, em sessão solene, na cadeira de número vinte e nove.

Natural de Rio Grande (RS), nascida em 07/08/1930. Cadeira 29 da Academia Rio-Grandina de Letras, atuou como presidente nas gestões 2011/2012 e 2013/2014, como vice-presidente na gestão 2017/2018 e como membro do conselho fiscal na gestão 2019/2020. Responsável pelo departamento de correspondentes de 2008 até a atualidade. Membro da Academia de Letras do Brasil – RS, Porto Alegre, cadeira N° 002. Membro literário efetivo da Casa do Poeta Riograndense, Porto Alegre (RS). Membro da International Writers and Artists Association –

IWA. Integrante da Casa do Poeta Brasileiro Cassino – Rio Grande. Comendadora da Academia Pelotense de Letras (RS). Membro benemérito da Associação dos Aposentados da CRT – Companhia Riograndense de Telecomunicações. Patrona da 41° Feira do Livro da FURG – Cassino (RS). Tem 16 livros publicados entre contos, poesias, pensamentos, crônicas, histórias de trabalho, romance, literatura infantil e Memorial Regional da AACRT – Rio Grande.

AMIGOS VERDADEIROS

Sou feliz porque tenho amigos
De fé, verdadeiros!
Nas horas de venturas
E nas horas de tristezas
Nos momentos indecisos
E nos momentos de certezas.
Amigos verdadeiros!
Infalíveis companheiros
Que nos estendem suas mãos,
Que nos protegem em orações.
Amizades que não fenecem,
Que no tempo permanecem
E são guardadas no coração!

A ESCRITA DA VIDA

A vida é escrita pelo inconstante tempo,
Que torna todos instantes em páginas viradas.
Um livro de histórias composto no pensamento
De infinitas personagens materializadas.

Sequência de pessoas, diversificadas vivências,
Que o tempo se encarrega de lhes oportunizar.
Registros bons e maus, com abastanças e carências,
Retratam a trajetória da vida a passar...

Ambos, o tempo e a vida, são época e essência,
Incomensuráveis e mutáveis elementos,
Que formam vital complemento do universo.

E o passado, o presente e o futuro, são anversos,
Para a eterna continuidade programada...
Perpetuada na incrível escrita da vida!

BELOS CAMINHOS PERCORRIDOS

Foram muitos os caminhos por onde andei e que conheci, mas nenhum deles supera os percorridos na extraordinária viagem ao Chile e à Argentina, em setembro e outubro de 1985. Éramos 36 participantes de uma excursão via terrestre, e partimos da capital gaúcha para um percurso de oito mil quilômetros programados.

Lá, em terrenos de ambos os países, naqueles solos gelados, ante aquelas montanhas altíssimas cobertas pela neve compacta e de um branco tão forte que magnetizava nossos olhos fascinados, eu, particularmente, senti-me como um grão de areia no deserto.

Essa bela visão da Cordilheira dos Andes, cuja magnitude seja a ser tão agressiva como assustadora, foi a causa de um impacto muito forte para quem conhecia somente as tranquilas paisagens de praia, mar e serra. Maior que o susto desta visão, foi o da descida no "Caracol", como é cognominado o local.

Trata-se de uma estrada ao redor das montanhas. Essa estrada ultrapassa quatorze túneis e possui vinte e duas curvas em declive, como um imenso cone. Foram momentos de angústia e medo, admiração e prazer.

Conhecer a região dos lagos andinos foi bem mais repousante. Nesta região chove durante duzentos e setenta dias por ano e o degelo é abundante, formando do alto dos morros da cordilheira inúmeras quedas d'água. Há cachoeiras e riachos, além de verdejantes ilhas e lagos de águas azuladas. A cada novo local, espanto e deslumbramento.

Ao chegarmos na pitoresca e turística Bariloche, uma grata surpresa: nevava fortemente! Foi uma festa! E maior festa, foram os diversos passeios na Estação de Esqui, num dos quais, vestindo roupas especiais fomos transportados até o topo da montanha pelos teleféricos. Uma sensação de temor e um voto de coragem! Lá em cima, num mirante todo envidraçado funciona um bar muito acolhedor, onde saboreamos chocolate quente, admirando o céu, as nuvens e as montanhas, os quais, naquela altitude, parecem perto demais.

Da alegre Bariloche seguimos para Buenos Aires, através do deserto argentino. Este é uma atração estranha e curiosa: sem qualquer vegetação, é

composto de areia grossa e pedras. Possui formação natural em suas rochas e em diversos formatos, que lembram as figuras de tigre, padre, leão...

Neste mesmo lugar ocorre um estranho fenômeno: os fortes ventos que sopram, quebram o profundo silêncio e impulsionam as águas da superfície do rio Limay em direção contrária ao seu percurso natural. Pelas características que cercam o local e o desolamento, torna-se uma beleza tétrica.

Essa impressão, tão pouco alegre, dissipou-se ao chegarmos à capital portenha, uma metrópole de vida comercial e artística ininterrupta e agitadíssima!! Contagiados, permanecemos dois dias e duas noites (o tempo disponível), conhecendo-a e divertindo-nos o máximo, esquecendo o sono e cansaço.

Ao visitarmos o descontraído bairro La Boca, ouvimos um gaiteiro que recepcionava grupos de turistas, com a música regional de seus países. Antecipei-me, solicitando um tango a fim de homenagearmos sua nação tão acolhedora.

O gaiteiro, surpreso mas orgulhoso, tocou a sagrada " La Cumparsita". Não resisti, enlacei meu marido e ali mesmo, na rua, dançamos aquele tango bem marcado, no capricho, à moda castelhana!!! Após, o gaiteiro feliz, mostrou que sabia muito bem tocar nosso samba e o baile generalizou-se.

Em todo o trajeto da viagem, parando aqui e ali, pernoitamos em cidades grandiosas como Córdoba, Mendonza, Santiago, Buenos Aires e pudemos assimilar os costumes, a história, a cultura e as tradições comuns destes povos. O mais impressionante, tornando-se uma atração singular para mim, foi observar em todo território chileno, fortes vestígios da civilização inca, entre os quais, seus esconderijos nas rochas, lembrando-nos o aniquilamento daquele império. Ainda no Chile, senti muita emoção ao visitar Viña del Mar e conhecer o estádio Sauscleto, pisando no gramado onde a seleção "canarinho" consagrou-se bicampeã de futebol.

Naquele estádio encontra-se fixada uma placa de bronze da "CBD", agradecendo o carinho do povo chileno dispensado à Delegação do Brasil. Ao lê-la, fui invadida por uma saudade imensa do meu país, da minha família, dos meus amigos, enfim, do meu "habitat".

Assim, por tudo que conheci, aprendi e admirei, por toda emoção sentida, agradeço a Deus pelos momentos felizes e inesquecíveis vivenciados.

REALIDADES...

Sonhos desperdiçados
Sonhos fracassados
Esperanças perdidas
Verdades incompreendidas!

A felicidade fez-se pequena
A saudade um tanto amena
Os sonhos já esquecidos
A solidão não mais sentida!

No agora restam lembranças
Guardadas no doído coração
Perpetuadas num canto d'alma
Que lhes dá jatos de vida!

Realidades tão sofridas
Lembranças tão doídas
Experiências valorizadas
Minha vivência desejada!

QUE MUNDO É ESTE?

Que mundo desfigurado é este,
Onde a perversidade invade a alma humana
Destruindo o fraterno amor?
Que mundo doentio é este,
Onde os jovens pelas drogas enlouquecidos
Consomem suas próprias vidas?
Que mundo corrompido é este,
Onde a ambição e o desamor
Armam mãos assassinas
Contra filhos, irmãos e progenitores,
Contra amigos e professores?
Que mundo deplorável é este,
Sem princípios nem conceitos,
Onde inexiste confiança e respeito,
Onde a imoralidade impera?
Que mundo agonizante é este,
Agredido, mutilado, transfigurado,
Onde tudo é consumido, destruído,
Transformado e contaminado?
Que mundo desprezível é este,
Onde a palavra de Deus é esquecida,
Sequer ouvida, e Seus caminhos ignorados?
Que mundo evoluído é este ávido de paz,
Necessitando de equilíbrio e proteção,
Senão um mundo carente de salvação!

ESPARÇAS LEMBRANÇAS

Amizades e amores perdidos, esquecidos,
Nos caminhos e descaminhos de nossas vidas,
Brotam, por vezes, nas lembranças ressurgidas.
E passam, como tantas nuvens em desalinho!

Enlaçadas entre formas muito diferentes,
Tão divergentes..., de confusas aparições.
Assim, são estas insólitas recordações,
Que ressoam em nossa aturdida mente.

Tantas lembranças em descompasso...
Múltiplas recordações tristes ou alegres,
Por pensamentos inusitados, laços!

O tempo enrola seu próprio pergaminho,
Deixando profundas marcas nos caminhos
E múltiplas lembranças esparças!...

AS AVÓS!

Sempre consideradas como segundas mães, de certa maneira realmente são, mas... Os tempos mudaram, transfigurando o modo de viver das vovós, elas modernizaram-se e buscam novos caminhos, ladeando a solidão... Vestem-se com aprumo, na moda, sempre mantendo-se elegantes. Manicure, cabelereiro, ginástica, natação, caminhadas fazem parte de seu cotidiano. Muitas curtem a noite, até namoram... Por que não? E tantas mais têm outras escolhas: leituras, ações de solidariedade, religião, cinema, excursões... Também, algumas cursam uma universidade na realização dos próprios sonhos, afinal são donas de si mesmas! Oh, liberdade!

Todas, porém, quando sozinhas amenizam as inevitáveis saudades com as mais doces lembranças... A nostalgia que possam sentir ainda, afogam nas imagens da televisão que as distraem. Sentem-se em paz, enfim, revivendo a felicidade que o amor e a vida lhes proporcionaram ou, por outras razões, apagando lembranças de dificuldades e infelicidades vividas.

Os netos são seus adoráveis complementos, quando existe a união familiar e o respeito às divergentes opiniões em relação às épocas vividas. Mas, para as avós – estilo moderno, a vida tem que ser vivida com realismo e onde a felicidade é colocada!...

FUGA!

Desejo viajar... Longe, bem longe ficar.
Partir e viver outros diferentes sonhos...
Ficar distante para novas ideias semear.
Ser um pensante alegre, jamais tristonho!

Irei viajar levando saudades, por certo!
Sem despedidas, apenas até logo,
Pois, em pensamento, estarei por perto,
E irei com a bagagem vazia de remorsos.

Continuarei com minhas doces lembranças,
Não esquecidas, de um venturoso viver.
E a saudade deverá ser minha bonança.

Nesta fuga repentina, busco conquistar:
Equilíbrio de emoções e serena paz...
A simples felicidade, razão de bem-estar!

NOSTALGIA!

Amanhece... A luminosidade solar
Aos poucos, se faz presente...
Mas, a lua teimosa, fica a contemplar
a terra, lá do alto, em longa despedida.
O céu está sereno e a noite calma.
Tudo em minha volta é tranquilo, apenas...
a dilacerante saudade de ter-te comigo
A mim aflige, magoa e castiga,
Mesmo assim sonho e desejo
receber teu amor e teu carinho,
e contigo reviver os nossos sonhos,
nossas incertezas e nossas alegrias.
Mas, tudo isso ficou no passado, perdido.
Partistes, e eu fiquei aqui, tão sozinha,
envolta em minha profunda nostalgia!

O AMOR E OS NAMORADOS

É comemorado em doze de junho o Dia dos Namorados. Uma data profundamente romântica! Representa uma forma terna de homenagear-se o amor, este sentimento sublime e poderoso que convulsiona os sentidos, que enfeitiça e conduz os namorados à doçura das carícias. O amor, a mais linda e a mais influente lei da vida, harmoniza cérebro e coração, ilumina a alma, transporta ao paraíso e ofusca a razão! Mesmo assim, absolutamente poderoso de delícias, traz sofrimentos vivenciados na angústia dos ciúmes, no medo de perdas, na separação ocasional ou definitiva dos enamorados.

Não obstante, pode-se afirmar que a humanidade é escrava do amor! Uma escravidão voluntária ao prazer ou à tortura, onde a felicidade ou a desventura regem, de maneira absoluta, esse sentimento único do ser humano. Mas, quem sobrevive sem amor? Quem não anseia amar e ser amado? Poderemos fugir de qualquer sentimento, porém não do amor, porque ele está intrínseco em nossa natureza. Louvemos, pois, o amor, que nos contenta, nos fere, nos eleva e nos deprime, mas que em tudo, nos completa...

Basta possuir um coração para senti-lo nascer: soberbo, arrebatador, dominante! Poderá não ser eterno, mas é inevitável como a morte, precioso como a vida!

ESPUMAS DE SAUDADE...

Saudade é como espuma solta de lembranças,
vertente de bons e ruins momentos já vividos.
Provoca sentidas lágrimas e sorrisos furtivos...
pensamentos também, de amor e esperanças.

É leve toque de sentimentos que nos invadem,
quando a sós ficamos, presos aos pensamentos...
Causam, por vezes, tristezas, por vezes, alegrias,
São respingos de saudade, bolhas de melancolia.

Difícil não sentir, impossível não lembrar...
tantas recordações, tantas vivências e felicidade.
Elas afloram forte, sempre chegam para ficar!

E assim segue a vida de quem solitário ficou,
tentando até ser feliz em sua conformidade,
mesmo mergulhado... em espumas de saudade!

VIAGEM AO SOL

Ao contemplar o sol daquele amanhecer,
Lentamente surgir e com seu raio aquecer
Minha face, exposta ao seu calor,
Então, refleti, na sua grandeza e poder!

E nesse mágico fascínio, por um momento,
Num desvairado e absurdo pensamento,
Viajei através daquele raio fulgurante
Até a amplidão de seu domínio abrasante!

Assim, nessa louca aventura imaginária,
Louvei essa fonte de múltiplas vidas, a imensidão!
Louvei a natureza enigmática, lendária...
Louvei o Senhor do universo e sua criação!

Viagem fantástica, inverossímil!
Na realidade, absolutamente impossível...
Na imaginação, absolutamente indescritível!...

QUERER

Quero para mim
A forma mais terna
De uma amizade fraterna,
Onde eu possa me abrigar.
Quero para mim
A forma única de paz,
Que me faça capaz
De mui tranquila sorrir.
Quero para mim
A forma mais bela da alegria
Pela esperança trazida,
Que me faça a vida retornar.
Quero para mim
A forma suave de lembranças,
Para apagar a saudade doída
E o meu coração acalmar.
Quero para mim enfim
A forma absoluta da fé
Que me faça sentir protegida
Nos caminhos que ainda devo trilhar.

JARDIM DA MENTE

A mente – esta desconhecida…
Que tudo cria e tudo imagina
É um jardim de pensamentos,
Que cresce e floresce a cada dia.

Nos atalhos de córregos quentes
Que irrigam e renovam as sementes
Plantadas na memória habitada…
Na clausura ignorada da mente!

Um jardim de múltipla história
Um estranho e sagrado relicário
Um entrevero de raízes a brotar!

É o jardim da vida sempre a florir
É a luz do Criador sempre a guiar
É o impulso de emoções a sentir!

PROCURO ALEGRIAS!

Procuro alegrias
no brilho do sol,
em meio de nuvens;
no luar que ilumina
a noite escura;
no cintilar radiante
e belo das estrelas;
no colorido das flores
que enfeitam jardins;
na brisa refrescante
das claras manhãs.
Procuro alegrias
no riso das crianças
a brincarem nas ruas;
na revoada cantante,
simétrica, dos pássaros;
nos casais enamorados.
Procuro múltiplas alegrias
na vida que descortina;
nos versos das poesias;
no carinho dos amigos;
no calor da esperança;
no sabor da afeição;
na paz e na fé da oração!

RENASCER

Emergir de uma hecatombe emocional exige esforços subumanos para evitar cometer-se a heresia de renunciar à própria vida. Nenhuma condição adversa, por pior que se apresente, valerá um só segundo no tempo do existir. Compreende-se assim, que o viver é complexo e desafiante, o morrer, a lógica natural e indecifrável. Impossível fugir ao finito destino quando cumprida a caminhada, curta ou longa, feliz ou infeliz. Esse raciocínio nos conduz à valorização de nossos atos e sentimentos; ao respeito pela vida recebida; à resignação, quando nos tornamos impotentes ao mal que nos aflige e aos obstáculos que nos derrotam.

Viver é uma alegria ou uma penitência... Depende do estado espiritual de cada ser humano. Mas, indiscutivelmente, a vida é uma glória! É o renascer para novas missões designadas e para o aprimoramento da alma.

RIO GRANDE DO SUL

Tenho maior orgulho em ser sulina
E ter nascido no Rio Grande do Sul!
Neste Estado de guerreiras tradições,
De berço de heróis, de laboriosas etnias!
Onde o regionalismo é consagrado
Dentro do gauchismo falado,
Com amor e com respeito,
Sem igual, à gloriosa terra natal.
Onde as religiosidades são respeitadas,
Consideradas e referenciadas.
Onde os gaúchos corações se ufanam
À entoação do Hino Rio-Grandense!
Onde a fraternidade é eloquente,
Quando servido o chimarrão
Que circula entre prosas, de conhecidos
Ou não, na mais perfeita união.
Terra de nobres personagens
E afamados ilustres escritores,
de inspirados poetas e repentistas cantores!
Terra promissora, amada e abençoada,
Nosso RIO GRANDE DO SUL!

NOSSAS MÃES

A estrela mais fulgurante
No mais cativante olhar,
Um sol de proteção
No mais caloroso abraço
Partindo do coração.
Um céu de harmonia,
Uma ilha de brandura,
Um perfume de alma pura,
Doce aroma que exala,
Do aconchego que embala,
Os mais audazes sonhos,
Capazes de a vida mudar.
Um porto seguro,
Abençoado remanso,
Oferecendo descanso,
Às decepções e amarguras.
NOSSAS MÃES, abençoadas criaturas!

OCASO DA VIDA

De repente, surpresa percebi,
Estar no ocaso da vida!
Assim, com tamanha energia,
Para tudo fazer, tudo querer...
Amar, sonhar, criar, aprender!
Poder sentir paz, felicidade,
Orar a Deus, lhe agradecer!
Estar assim, com esta força interior,
Como sustentáculo que me impele,
Tirar da vida o máximo sabor...
Ter a mente sã que concebe
Lembrar-se do passado com serenidade
Desfrutar o presente com liberdade
Pensar no futuro como realidade!
Em tal estágio, procuram-se motivos,
Para intensamente viver e refletir
Procurando a razão de tudo e compreender
Quem fomos e o que somos, para onde iremos...
E, nessa real incógnita, cabe-nos permitir
Que a alma flutue..., sem a perturbar,
E nos desígnios de Deus, acreditar!
Ocaso da vida... Glória conquistada!
Acúmulo de experiências..., sapiência!
Dificuldades sofridas..., vivência!
Amores, prazeres... Grata lembrança!
Ocaso da vida..., enfim, esperança,
De mais tempo viver e poder,
Mais amar, mais servir, mais aprender!

O SER IDOSO

Alcançar a longevidade nas condições atuais de independência social e econômica, saúde e bem-estar, representa para o idoso a maior de suas conquistas – a valorização! De um modo geral, a Lei nº. 10.741 de 2003 que dispõe sobre o Estatuto do Idoso foi, sem dúvida alguma, o instrumento que lhe assegurou respeito, proteção, segurança e direitos devidos. Portanto, é um forte alicerce que promoveu o idoso à integração na sociedade, resgatando-lhe a autoestima. A família tem obrigações deveras importantes com seus idosos.

A Previdência Social não contempla devidamente os necessitados de idade avançada e o sistema de saúde, por vezes, lhes é omisso tanto no atendimento como no fornecimento dos medicamentos de uso contínuo, ainda assim, reconhecemos que foi dado um passo importante na reabilitação geriátrica. O idoso, por si só, aprendeu a preservar sua saúde e a lutar por direitos que lhe foram assegurados. Compreendeu, também, que a modernidade derrubou velhos conceitos, oferecendo-lhe assim, maior liberdade social. A ele são abertos espaços de entretenimentos, nos quais recupera o prazer de viver e o faz sentir-se rejuvenescido.

Livre de preconceitos tolos, o idoso alarga seus horizontes de vida, arquitetando sonhos nunca imaginados ser possível antes... Um novo tempo surgiu para quem atravessou fases de trabalhosas atividades na existência. Uma nova oportuna situação para desfrutar a alegria que a vida ainda poderá proporcionar-lhe, no entanto, a bem da verdade, devendo esquecer as reminiscentes dores da alma e as naturais dores corpo...

BUSCA

Busquei na praia a tranquilidade precisa,
onde na branca areia o mar desmaia...
Para afogar na teia das espumas frias,
a centelha do angustiar da nostalgia.

Busquei no horizonte onde o sol desponta
e quando, palpitante, o dia se anuncia...
Qualquer esperança donde conseguiria
vislumbrar bons sonhos à minh'alma tonta.

Minh'alma tonta na busca da paz perdida,
num sobreviver de recordações queridas.
Inconsciente, mórbida, desiludida!

Nem no mar nem no raiar do dia encontrei
o tudo que pretendia para não sofrer...
E a busca seguirá, durante o meu viver!

RAZÕES DE ESCREVER

É permitir o coração falar...
Transmitir suas íntimas emoções.
É libertar a alma e poder voar...
em busca de puras comoções!

Escrever é revelar ambições,
desejos contidos, perdidos...
Exaltar o belo, montar o castelo
de seus pensamentos e sonhos!

Escrever é o pensar reflexivo...
Conceitos próprios constituídos,
e na própria verdade elaborada.

Muitas são as razões de escrever:
Aprazíveis, contestáveis, elevadas.
Mas, todas, na verdade inspiradas!

DIA DA IMPRENSA

Dez de setembro é o dia consagrado à imprensa. Sua invenção com caracteres móveis, em meados do século XV, deve-se ao impressor alemão Johann G. Gutenberg. Sabe-se, porém, que muito antes, os chineses já utilizavam tipos móveis para impressão e produziam livros em rolos. Um meio que satisfazia, na época, os ávidos do saber. Após, com a descoberta da fabricação do papel pelos europeus, no fim da Idade Média e a invenção de Gutenberg, muito rápido aconteceu o desenvolvimento e o aperfeiçoamento desse veículo, importante divulgador até os dias de hoje, das mais variadas informações sobreo o cotidiano, a cultura e demais conhecimentos.

A imprensa representa uma liberdade democrática de expressão – preceito fundamental, onde prevalece a busca incessante de esclarecimentos verdadeiros, que visem aos interesses de uma coletividade. Sendo um comunicador de fácil acesso, atinge todas as classes sociais, permitindo inclusive, as notificações públicas de reclamos e protestos. Restringi-la é estancar sua liberdade de direito.

São dignos de cumprimentos, nesta consagrada data, todos os profissionais que labutam neste importante ofício, incansáveis artífices da propagação informativa.

ELAINE MARIA GOULART NUNES

Em minhas atividades literárias, vim a conhecer esta escritora e poetisa, que veio a me despertar admiração pelos seus textos, na Feira do Livro da Universidade Federal do Rio Grande, que anualmente ocorre no Bairro Balneário Cassino, na cidade do Rio Grande – RS. Também, a assisti apresentar-se várias vezes no Grupo de Poetas Livres Girassol. Foram poesias, por algum tempo, os textos que dela li e fiquei entusiasmado. Mas, foi então ao ler seu primeiro romance, BLANCA, A ESPANHOLA que surpreendi-me com a poetisa a andar muito bem pela prosa. Então, no correr do tempo, em atividades literárias, em comum, estreitamos um relacionamento o que resultou em meu convite a ela para seu ingresso na Academia Rio-Grandina de Letras, consequentemente, tornar-se minha Afilhada.

Brasileira, nasceu em 19/08/1952, na cidade de Rio Grande. Casada, mãe, avó e bisavó. Enfermeira aposentada, apaixonada pelas letras, sempre escreveu poesias, contos e crônicas, com inúmeras participações e premiações em concursos nacionais e internacionais. Faz presença em mais de cinquenta antologias. Membro do GRUPO DE POETAS LIVRES GIRASSOL, por 15 anos. Em 2017 lançou seu primeiro romance, *Blanca a Espanhola*, na Feira do Livro de Porto Alegre, obra que foi destaque da Feira. Em 2018 apresentou sua obra na Feira do Livro do Cassino.

Este ano, 2020, concluiu o segundo romance, *May a Prisioneira*, no momento na editora Alternativa. Suas maiores paixões: a família, a criação literária, a leitura, papéis, lápis e canetas. E mail: serrabela67@bol.com.br

MONALISA

Não persigo mais pegadas
Palavras, rezas, procissões
Mas ainda visto trajes ingênuos
Vestes comportadas de Monalisa.
Cavalgo estradas vermelhas
Mãos firmes em loiras clinas!

À noite um fantasma sinistro
Vencendo os abismos do espelho
Na manhã derramando auroras
Fingindo que aceita concelhos!

Mas como ser uma nova cor
A perpetuar o arco-íris?
Quem sabe comover o mundo
Com o lamento de um violino!

Como despetalar o sol
Sem queimar os dedos da mão?
Quem sabe na loucura, no auge
Da mais tórrida paixão!
Desobediente e mulher
Faço parte do Universo
Saber, essência, perfume
Mistérios em forma de verso!

CABO POLÔNIO

Íntima de mim
Nestes dias imprecisos
Estou íntima de mim
Apaixonada e sem juízo
Querendo muito
O doce da vida
E o céu é um cobertor azul
A procurar meu norte
A colorir meu sul!
Íntima de mim
Nestas areias brancas
Nestas águas verdes
Nestas horas calmas
Estou como abelha
Em miolo de flor
Coração em paz
Pólen, néctar e amor!

HOJE

Hoje, estou mais viva
Intensa, pulsante,
Cabalística, interiorana.
E a lua cheia mareia em mim
Espuma e poesia
O sal e a prata
A sereia e o tempo
E um medo que mata
De que haja vento
E sopre para longe
Esse mistério que se anuncia,
em mim!

ESPERAS

Onde está a surpresa
Que tu guardaste para mim?
Itália, Londres, Veneza
Paris, Lisboa, Madri?
Se meu amor está no peito
E nunca saiu daqui!

Onde está a surpresa
Que tu guardaste para mim?
Mimos, diamantes, rubis?
Se é só ternura, nudez
Tudo que planto em mim!

Se sou tua fantasia
Fetiche, cruz, noite densa
A mim chegaste suave
Necessário como benção!

INQUILINA

No começo ela invadia
Chegava sem avisar
Arrumava a cama, dormia
Conjugava o verbo amar!
No início eu cobrava
Ela se encolhia, pagava
Ficava ali escondida
Depois eu deixei morar!
Ela arrumou a casa
Decorou com maestria
Ramalhetes de carinho
Ternura em tudo que havia!
Hoje ela mora comigo
Nunca mais vai se mudar
Silenciosa me acompanha
Quem mandou me apaixonar?
Tão linda, tão delicada
Essa minha inquilina
Vivemos em simbiose
Na mais pura sintonia!
Para quem ainda não sabe
O nome dela é POESIA!

LUA NOVA

Recolho a lua para o meu ventre
Numa espera mútua e quente
E gero uma placenta crua
Branca e sanguinolenta!
Ouso provar do meu próprio fel
Sinto-me monstruosamente
Fria e indiferente.
Nesse momento, meu coração
Tem a textura e o peso do papel.
A lua é só minha
Está presa em mim
Sem espaço, sem universo
A noite virou treva.
Nenhum Adão tem mais a sua Eva
Elas, abusadas ninfas
Deixaram os casulos
A procura de pirilampos.
É madrugada, e em mim
Tudo amadureceu!
Romperam-se os diques e as comportas
Inundou-se o meu cais.
E escandalosamente iluminada
Renasce a lua nova
Sem querer saber
Dos meus protestos e dos meus ais!

A ORAÇÃO

Eu fui me desenhando
No contato com o infinito
Ninguém pode perceber
Porque abafei o meu grito!

Seria um grito de espanto
Assustado, fascinado
Bem além do sol se pôr
Vi o meu corpo ajoelhado
Na frente de Nosso Senhor!

Despida dos medos de outrora
Das paixões e dos pecados
Sentia-me leve agora
Aura pura, ave canora
Corpo e voz na mesma luz!

Não conseguia entender
O que estava acontecendo
São mistérios da redenção
E da oração diante da cruz!

DOMÌNIO

Quero-te todo paixão
Miniatura ardente
Agonizando de prazer
Na palma da minha mão!

Quero-te sem segredos
Passos à deriva
A beira do abismo
Dos meus dedos!

E já meio morto
De tanto se dar
Faleces na concha
Da palma no ar!

Então pressentindo
De teu triste destino
O silêncio e a escuridão
No momento extremo...

Recebes em ti
Meu olhar de amanhecer
E da minha boca
O sopro da ressurreição!

SEMEADOR DE SONHOS

Eu semeador de sonhos
Jardineiro da ilusão
Caminhei por tua pele
Em silêncio foste meu chão!
Fui descobrindo as campinas
Fui trabalhando as encostas
E tatuando com flores
As tuas costas!
Dos meus corações entregues
O teu caiu na terra
Com o tempo vai germinar
Em meio a grama e as heras!
Assim como o sol
É para o mundo
E a luz é para o olhar
A beleza da rosa
Será o bálsamo do caminho!
Eu semeador de sonhos
Quero tatuar em mim
A nitidez da rosa
E das suas pétalas
A maciez e o carinho!

ANUNCIAÇÃO

O anjo da poesia
Anunciou-me um novo dia
E eu disse faça-se em mim
A festa e a romaria
De sonhos, de fantasias
Tudo transformado em poesia!

O anjo da poesia
Abriu suas frágeis asas
Que abertas e iluminadas
De tons prata – violetadas
Envolveram tudo em magia!

Era o instante do tempo
De comoção infinita
Onde mora sonho e paz
Onde a emoção é bendita!

É nesse instante sagrado
Que ocorre a fecundação
Nasce mais uma poesia
Do fundo do coração!

E o anjo sorri contente
Enquanto se arranjam as letras
Genomas da inspiração
Guiadas com cuidado
Pela tinta da caneta!

O Anjo da poesia
Cumpriu mais uma missão
Volta ao céu todo feliz
Entoando uma canção
Canto, memorial do tempo
Mananciais do pensamento!

SOLIDÃO

As mãos preparam a noite
Quando dobram as colchas
E estendem os cobertores

O silêncio prepara a insônia
Enquanto as chamas das velas
Crepitam nas sombras da parede!

A madrugada já pisa no abandono
Desconhece ou esqueceu
Não sabe mais o que é sono...

Uma orgia de absurdos
Alimenta a noite
Atrás das cortinas...

Ventos enredam os destinos
Mudam rumos, desabam ninhos
Deixam em pânico os passarinhos.

Fantasmas invisíveis
Retiram taças de seus pedestais
E fazem um brinde à solidão!

PALETA DOS ANJOS

Não, não estou preparada
Para criar a poesia
Ainda não tive tempo
Para abraçar o sol
Desembaraçar as nuvens
Sair para as ruas e colorir as calçadas!

Com a primavera solta por aí
É grande o risco de não voltar
Na paleta mágica dos anjos
Misturar cores para as estrelas
Pintar luas verdes no mar
Garças e sabiás vermelhos
E até uma grama lilás!

Com a rede de sonhar
Pescar versos pelo ar
Mas não estou preparada
Para criar a poesia
É preciso querer mais
É preciso sonhar mais!

BOLA DE CAPIM

Mais belo do que um quadro de Renoir
O sol vermelho rolando no capim
Fugiu do céu o astro – rei
Sei que é difícil acreditar em mim.
Se fez pequeno de um leve avermelhado
E veio ver de perto o chão sagrado
A lavoura, o capinzal e o roçado!

Que sol é esse que passeia descuidado
Assustando as capivaras no banhado?
Voam flamingos encantados e outras aves
Gerando círculos pelo ar, no descampado.
Lá no céu um arco iluminado
Portal de luz à espera do rei verde
Que voltará feliz, cansado, irreverente
Disfarçado em uma bola de capim!

TRIGAIS

A terra toda emplumada
Vestida de ouro em grão
Logo, logo por mãos hábeis
Se transformará no pão!

O melhor enfeite
Para o centro de uma mesa
Não é aquilo que pensas
Os doces ou a sobremesa!

É o pão com sua singeleza
Seu aroma impregnando a casa
Com ternura e delicadeza!

Bendito quem planta o trigo
E quem o colhe também
Quem o moe e faz farinha
Quem amassa o pão na cozinha!

Forasteiro ou viajante
Que por aqui faz parada
Até onde a vista alcança
A terra ficou dourada!

Na região das Missões
Dá gosto passar na estrada
De longe chega a canção
Orquestrada pelo vento
Avisando o fechamento
Do ciclo das estações

O trigo já está maduro
A colheita vai começar
Graças a Deus, mais uma vez
Haverá fartura, o pão não irá faltar!

MAR E SOLIDÃO

A lua solta no espaço
Cinge em prata a escuridão.
No mar revolto, encapelado
Há um mistério, uma agonia.
Não tem mais fim a tristeza
Que inundou meu coração!
Tão distante meu amor
Mas me restou a poesia!
O olhar procura uma estrela
Para encontrar o caminho
Inútil, só mar em fúria
Só uivos do vento se escuta.
Pensamentos em desatino
Só ondas bravias em luta!
Lua nova, fria e bela
Brilho de prata, punhal.
Nuvens em campanário
Lembrando uma catedral!
Ao longe, abandonado
Um barco de mastro quebrado
Cavalgando as negras ondas
Tem destino ignorado!
Quem dera seja de paz
A manhã que se aproxima
Quem sabe surja um farol
Luz acesa, forte e firme
Mostrando uma nova vida!

A VISITA

Sou aquela a quem tu queres bem
Moro aqui tão distante
E meu amor continua igual
Do mesmo jeito como era antes!

Irmã querida vem me visitar
Chega de surpresa, assim sem avisar
Não quero tempo para me preparar
Sou abstrata, vivo de sonhar!

Olho para a porta, em silêncio
Já te vejo entrar
Braços prontos para abraçar!

A mesa está posta
Há flores nos vasos
Eu arrumei a casa
Deus aprontou a paisagem!

É primavera, gostarás da viagem
Te espero irmã
Prepara a mala
Vem me visitar!

FIM DE INVERNO

Quietas aguadas, capivaras enamoradas
Na umidade da grama, caminhos de garça
Vestígios de lua, esboços de primavera!
Prenúncios verdes, degrade de esperas!
De luzes matinais somam-se os campos
O cheiro da terra, madressilva, alecrim
O bezerro que berra e um olhar assim
De um cão com frio, lerdo e matreiro
Que conhece muito bem a sarça e o potreiro
Seu labor diário desde que nasceu!
A cor rósea anuncia, já amanheceu
As primeiras flores abrem suas pétalas
Exibem suas cores a primavera chegou
Sorri a vida, a natureza é festa!
É o fim do inverno
Primavera, versejar eterno
Acabou a espera do poeta!

COM CARINHO

Cuida da tua tristeza
Com todo zelo e carinho
Vai toma um chazinho
Vê se descansa um pouquinho!

MATERNO

Quem dera o colo materno
No minuto derradeiro
A mão que acaricia
Como uma língua quente sobre a cria!

Quem dera o materno olhar
No minuto derradeiro
Repleto da ternura
Que só as mães têm para dar!

Quem dera o abraço imenso
Carregado de infinito
Capaz de fazer da dor
Um cenário, até bonito!

Reviveria das cinzas no derradeiro minuto
Como a fênix ferida, que já estava de partida
Imploraria um pouco mais de vida
Para ficar junto à mãe querida!

ESTAÇÃO DO AMOR

Que as acácias derramem ouro
Que os pessegueiros deem flor
Que invadam o meu corpo
Templo do meu amor!
Que venham estimular do sonho
A magia e cor, do toque o melhor sabor
Que em seiva tudo se faça
Um é predador, outro é caça!

Que o ipê receba a graça
Da beleza, da floração!
E que o amor não se desfaça
Quando passar a estação!

E quando as acácias murcharem
E os pessegueiros secarem
Que o amor descanse em paz
No que restar do coração!

A MESTRA

Soltos os risos invadem a sala
Chegaram as flores no espaço vazio
Brincam e pulam crianças felizes
Antes que sintam da vida o frio!

Silêncio, silêncio implora a mestra
É só um instante, eu quero falar
Mas é tão doce o perfume das flores
Que a mestra querida se deixa encantar!

Existem as rosas tão puras e belas
Existem os cravos, o lírio, o jasmim
Também a violeta, ali escondida
A haste pendida tão triste a cismar!
As flores dos pobres são murchas, às vezes
Recebem os ventos que sopram do estio!

No quadro já dançam as letras com graça
E a mestra querida se põem a pensar
Bem que eu queria poder conversar
Brincar de esconder, quem sabe cantar!

Mas estou presa, é o destino, é a vida
A minha missão é as flores regar!

A NOITE

A noite gazela negra emplumada
Atravessa a barra do horizonte
Veio de longe a viajante
Trazendo consigo suas sombras e seus medos!

A noite, gazela misteriosa
Apaixonada pelo frio das madrugadas
Espaneja-se gelada e glamorosa
A esparramar no céu a escuridão!

Enquanto a lua surge toda coração
E com sua luz prateada
Ilumina a imensidão

Se curva a gazela enfeitiçada
À aquela luz brilhante e abstrata
E deixa-se folhear à luz de prata!

EU SEI

Eu sei de toda a agonia
Dos dias em que não chegavas
Sei das noites sem sono
E do frio das madrugadas!

Eu sei dos passos inquietos
Com o gosto de abandono
Dos olhos que não fechavam
Querendo entregar-se ao sonho!

Sei do barulho do vento
Agitando a galharia
Sentir teus braços em mim
Era tudo o que eu queria!

Vi as árvores sem folhas
Por dez anos, dez outonos
Ouvi o triste canto dos pássaros
Quando perderam os ninhos!

Só eu sei do meu coração
Sem jeito, sempre sozinho
Perseguindo os próprios passos
Sem amor, sem ternura, sem abraço!

CENTAURO NEGRO

Centauro negro olhos verdes flamejantes
Outrora um jovem que viveu um grande amor
Cavalga hoje pelos pastos verdejantes
Do espaço livre que lhe deu o Criador!

Traz consigo uma saudade inesquecível
De um passado que não volta nunca mais
Amor, paixão, sentimentos intangíveis
Em outro plano, em uma outra dimensão
Um centauro galopando no infinito
Olhos verdes faiscantes de emoção!

Quem dera um dia de volta ao planeta azul
A história venha logo repetida
Verá Naíma emergir das brancas águas
Qual crisálida deixando seu casulo
Ninfa ao sol, asas abertas, primeiro voo
Jovem centauro revivendo um grande amor!

FLOR NO CABELO

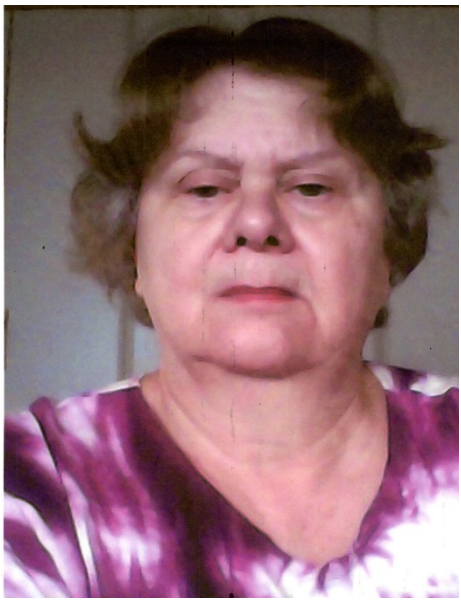
Arruma o cabelo
Ajeita o ninho para a flor
E atenta fica a escuta
Ao zumbido da abelha
A chegada do amor!

Noite estrelada, bonita!
Para o cabelo basta a flor
Dispensa o laço e a fita
Presta atenção na cor
No brilho que tem a vida!

E pinta o quadro mais lindo
Na tela da eternidade
Nele apareces sorrindo
Na doce espera do amor
Só não esquece do ninho
Só não esquece da flor!

MARIA ISLAIR DUARTE LAGES

Vim a conhecer esta escritora e poetisa por participar de minhas atividades literárias, principalmente, na Feira do Livro da Universidade Federal do Rio Grande, que anualmente ocorre no Bairro Balneário Cassino, na cidade do Rio Grande – RS. Presenciei sua participação no Grupo de Poetas Girassol e fiquei entusiasmado com sua poesia. Em seu livro MESCLA DE SENTIMENTOS, surpreendi-me com a poetisa a andar muito bem pela prosa ao apresentar uma série de crônicas de muito boa qualidade. Dado estas atividades literárias, em comum, estreitamos um relacionamento o que resultou em meu convite a ela para seu ingresso na Academia Rio-Grandina de Letras, consequentemente, tornar-se minha Afilhada.



Natural de Camaquã, reside em Rio Grande há mais de 40 anos. Estudou no colégio Getúlio Vargas onde cursou o Técnico em Secretariado e Letras (até o terceiro ano) na FURG. Trabalhou na Santa Casa de Rio Grande por quase 30 anos, na função de auxiliar de escritório. Em 2000 resolveu mostrar seus trabalhos literários, quando convidada pela colega Elaine Maria Goulart Nunes, para conhecer o Grupo de Poetas Livres Girassol, fundado pela poetisa Diva Vazquez do qual fez parte até seu encerramento, onde começou a participar de concursos literários com mais de sessenta premiações (de primeiro a quinto lugar) e menções honrosas. Também participa de mais de sessenta Antologias. Publicou dois livros individuais "ALMA NUA" em 2004 e "MESCLAS DE SENTIMENTOS" em 2019. Há seis anos, participa do Acampamento da Poesia de Entre Ijuís. Faz parte da ASAS (Associação Sãoluizense de Autores) de São Luiz Gonzaga.

AMAR

O amor chega quando menos se espera,
Quebrando o silêncio da tapera,
Do peito de quem vive em solidão.
Está no sol que renasce a cada dia,
No som de uma suave melodia,
Arrancada das cordas da emoção.

O amor é sonho, é vida, é luz,
É semente lançada em solo fecundo,
O melhor remédio para salvar o mundo,
É herança recebida de JESUS.

O amor é tudo!
É a sabedoria de entender um gesto mudo,
É força, renúncia, doação,
Amar é pintar sorrindo,
O momento mais terno e lindo,
Na tela do coração,

SONHO DE POETA

Quando for desatado o nó do laço,
Que me prende ao mundo dos mortais,
Serei como um pássaro voando no espaço,
Longe da angústia que faz doer demais.

Quero viver a magia do instante
Sem mágoa, dor, nem choro na partida.
Embarcarei serena, confiante
No trem celeste que conduz ao outro lado da vida.

Hei de chegar pisando com firmeza,
Diante do Pai Maior do Universo.
Despir a alma das vestes escuras da tristeza
E vesti-la com matizes de alegria.
Pedir numa oração composta em versos,
Para que eu volte em chuva mansa transformada,
Fazendo nascer, nos corações de terras ressecadas,
Botões de paz num roseiral de poesias.

POEMA PARA UM HERÓI

Vou descrever nestes versos
Uma importante "figura".
Herói de tantas batalhas
Sem ter no peito as medalhas
Pelos atos de bravura.

Na sua longa trajetória
Dos anos de faculdade,
Tantas noites mal dormidas, renúncia, determinação.
Pesquisando enfermidades
Até alcançar a vitória
De chegar à formatura
E carregar em suas mãos
A esperança da cura.

Desci ao fundo da alma,
Com jeito com muita calma,
A procura de palavras também da inspiração,
Para dedicar um poema nascido do coração
A esse soldado bendito.
Raça pura, brava e forte,
Que recebeu do infinito
A GRANDE MSSÃO DIVINA
De guerrear contra a morte
Nos campos da medicina.

A AMIZADE

A amizade é o sol que aparece após a tempestade.
Aquecendo, derretendo o gelo da indiferença,
Aproximando e tornando irmãs,
Pessoas que não nasceram do mesmo ventre,
Unidas apenas pelos laços do coração.
Ser amigo é estar presente,
Com gestos de bondade,
Com as mãos estendidas afetuosamente,
Com palavras de consolo,
Nas lágrimas que se misturam
No encontro dos sorrisos,
Amparando nas derrotas,
Vibrando com as vitórias.
Quem tiver amigos
E conhecer o verdadeiro valor da amizade,
Souber cultivá-la com carinho,
Nunca será uma árvore seca,
Sem flores e sem frutos
No descampado da vida.

VERSOS PELA PAZ

Que bom seria...
Se o mundo andasse sempre em harmonia,
Se não houvesse ódio nem intrigas,
Se nós ouvíssemos as mais belas cantigas
Ecoarem vindas de todas as direções.
Se baixassem as armas, cessassem os clarins
E a multidão inteira de mãos dadas
Percorresse todos os jardins,
Colhendo cravos, rosas e jasmins,
Para perfumar os corações
E receber a paz tão desejada.

FUGA

Contemplando o horizonte dos meus dias,
Nuvens pesadas anunciam temporais.
Da natureza, ouço os lamentos de agonia,
Por ver seus encantos sumindo sem deixar sinais.

Tenho a alma pelo medo estraçalhada
Por ver a terra pelo mal ser invadida.
Crianças sofridas, tão martirizadas
E tantas mãos armadas destruído a vida.

Arrasto-me por entre luzes apagadas.
A dor me queima como ferro em brasa.
Faço da fantasia uma longa escada,

Tentando fugir dum mundo de horrores
Pra no centro do arco-íris construir minha casa
E viver abrigada num manto de cores.

AO SOM DO FADO

Os acordes da guitarra,
O cantor e a voz dolente,
A canção que desamarra
Do meu peito uma corrente...
Soltando loucos anseios
De iniciar uma viagem ao mundo espiritual,
Buscando novos matizes,
Ultrapassando a fronteira que há entre o bem e o mal
E encontrar minhas raízes
Nas terras de Portugal.
Esta terna melodia que chega até meus ouvidos
Como a mais bela oração,
Trazendo estranhas lembranças
De um não vivido passado
E sentimentos adormecidos
Há muito tempo guardados
No cofre do coração,
Faz minha alma com emoção
Diante de um altar sagrado
Curvar-se diante de Amália,
Doce rainha do fado.
E seguindo lentamente
Os rastros da fantasia
Quem sabe encontre Severa no "Beco da Mouraria"?

SONHANDO

Quando eu me encontro magoada, contemplando a dor alheia
Envolta em manto tristonho,
Chega até minha retina uma imagem tão feia.
Refugio-me no sonho,
Para afastar a descrença de tudo o que me rodeia.

Sonhando, eu percorro o mundo sem seguir estradas
Sou um gigante enfrentando qualquer desafio,
Atravesso oceanos sem precisar de navio,
Possuo tesouros, mesmo sem ter nada.

E quando a revolta me invade,
Roubando a tranquilidade
Que guardo no coração.
Eu, com astúcia e maldade,
Transformo-me numa bruxa preparando uma poção,

Mas tenho dentro da alma uma criança tão pura,
Que sonha um dia voar o mais alto que puder.
Levando nas brancas asas a mansidão, a doçura
De um anjo que veio à terra disfarçado de mulher.

Quando eu sonho, sou estrela, sou rainha,
Sou sereia, sou fada madrinha,
Tenho trono e varinha de condão.
E, no amor eu vivo a história mais bonita,
Mais heroica que a de Garibaldi e Anita
Mais bandida que a de Maria e Lampião.

TRAJETÓRIA

Sou um caminhante na estrada comprida,
Encontrei alegrias e muitos desencantos.
Entre tantos sorrisos, eu vi chegar à vida
Também vi a vida partir entre prantos.

Abri muitos caminhos,
Espalhei carinhos,
Com a perícia de um bom semeador,
Colhi as flores que estavam entre os espinhos
E me enfeitei de sonhos para esperar o amor.

No imenso mar desta existência,
Eu vi um barco se afastar do cais
Bem que eu tentei, mas confesso, não pude!
Com minhas mãos, impedir a juventude
De fugir com o tempo pra não voltar mais.

MENSAGEM DE ESPERANÇA

Se vives alheio a tudo ao teu redor,
Fitando o mundo como quem fita uma moldura vazia
Se o teu hoje é triste, amanhã haverá de ser melhor
E te trará o ouro do sol de um novo dia.

Se o teu amor foi ingrato, não te quis,
Transformou-te no ser mais infeliz,
Fez em teu peito sangrar uma ferida,
Pôs diante de ti a mais escura visão,
Não penses jamais em desistir da vida
Pois ela é única e outros amores virão.

Se vives como um sedento a percorrer o deserto,
Tentando encontrar o rumo certo,
A luz da esperança que conforta
E te perdeste pela estrada tão comprida,
Lembra-te! Antes que atrás de ti se fechem todas as portas
Com fé em Deus, sempre acharás uma saída.

POEMA DAS MÃOS

Olhando para as minhas mãos
Tão cansada das batalhas,
Meditando mais a fundo
Chego em fim a conclusão:
Que está nas mãos de quem trabalha,
A força que move o mundo.
Existem mãos sem escrúpulos
Que usando de baixos meios
Esticam-se mais do que elásticos
"surrupiando" os bens alheios.
Mãos que envolvendo a caneta
Ou teclando o computador,
Usando a linha dos versos
Tecem poemas de amor.
Mãos heroicas, mãos bandidas
Mãos dos crentes ou dos pagãos,
Mãos que no fim de uma vida
Afofam o leito da terra,
Pra o repouso de outras mãos.
No labirinto das ruas,
A mão escura do medo, pesada me desatina
Penso em estender minhas mãos
Para juntá-las as tuas,
As dele, as de toda gente!
Nesse gesto de união,
Formarmos uma corrente
Implorando a proteção
E as bênçãos das MÃOS DIVINAS.

ROTINA

Meu lar, minúsculo espaço,
Onde o silêncio me escuta.
Na mesa quase vazia,
Mastigo sonhos e cansaços,
Frutos com sabor de luta
Que colhi no fim do dia.
No aconchego do leito,
Mergulho em sono profundo
Como quem fugiu da vida.
Nunca encontrei quem quisesse
Ou soubesse me responder,
Nem sei onde buscar a resposta que mereço.
Gostaria de saber
Sempre que eu adormeço,
Em que lugar deste mundo,
Minha alma fica escondida?
Quando o relógio desperta,
A noite se vai embora,
Pela janela entreaberta,
Eu vejo surgir a aurora,
Mostrando-me a clara face,
A natureza inteirinha entoa um canto de esperança
Pra embalar o sol criança
Que no horizonte renasce.

A CARTOMANTE, O AMOR E O MAR

Visitando o meu passado tão distante,
Na longa estrada, parei naquele dia
Em que me apareceu a cartomante
Empunhando o seu baralho enganador,
Com voz dramática então ela me disse,
Ao ler as cartas sem que eu lhe pedisse
Que amiga ursa meu destino enredaria
E que o mar me traria um grande amor.
No cais do tempo, esperei a vida inteira,
Igual criança tola, confiante,
Hoje me culpo por acreditar
Nas falhas previsões da cartomante,
Não percebi nenhuma amiga traiçoeira
E o grande amor nunca chegou do mar.

O MISTÉRIO DO VENTO

Quando veste o céu de luto,
O vento é um inimigo astuto
Soprando o clarim de guerra,
Aliado ao raio e ao trovão,
Trazendo a destruição,
Com violência, invadem a terra.
Seus lamentos nos telhados,
Num desabafo magoado,
Quanta agonia nos traz,
Parecendo almas penadas,
Assombrando as madrugadas
Procurando a paz.
Seu proceder esquisito
Ora ele é bravo, agressivo,
Açoitando sem motivo,
Ora é sereno e doce
Agindo como se fosse
Um mensageiro do infinito.
Acho até que é bipolar,
Pois muda a todo o momento.
E certa vez, inclusive,
Brinquei de ser detetive,
Mas não consegui desvendar
O mistério que tem o vento.

ESTRADA

Movida pela coragem
E o espírito aventureiro,
Pus os sonhos na bagagem,
Deixei meu mundo, minha casa
Como um pássaro a bater asas,
Fugindo do cativeiro,
Encarei a imensa estrada,
Estendida à minha frente
A me acenar ardilosa,
Em formato de serpente.
De mãos dadas com a incerteza,
Tropeçando sobre os dias,
Entre cargas de tristezas,
Reciclei poucas alegrias,
No meu mundo, novamente,
Vim construir novo ninho,
Larguei a vida cansada
De liberto passarinho.
Nem que surjam mil estradas,
Chamando, batendo guizos
Com tentações de serpentes,
Não saio do paraíso!

DESERTO INTERIOR

Eu e mais eu, numa estrada comprida,
O silêncio grita, as pedras têm vida.

Eu e as árvores em plena união,
Sem sentir o peso da solidão.

Vozes ao longe, aqui é deserto,
Mas de mim mesma, me sinto mais perto.

Estou em paz com a natureza,
Os olhos fixos em tanta beleza.

Flores desabrochando em solo fecundo,
Tudo isso é meu! Sou dona do mundo!

PAIRA UM SILÊNCIO NO AR

Uma peste traiçoeira,
Originária da China
Que o mundo inteiro domina,
E minha alma deprime
Transformando-me em prisioneira,
Sem ter cometido crime.
Tudo mudou de repente!
Paira um silêncio no ar
Deixado por tantas vidas
Que partiram sem despedida.
Uma nuvem de tristeza,
Encobriu a natureza,
E eu aqui encarcerada,
Com o olhar fixo no nada,
Sem poder ouvir o mar,
Meu amigo e confidente,
Ao sair, quando preciso,
Não sinto calor humano,
Não vejo um gesto, um sorriso,
Apenas rostos de pano.
Mas quando a pandemia passar,
A alegra preencherá no meu peito, uma lacuna
E o meu corpo então liberto,
Correrá feliz por entre as dunas,
De braços abertos,
Pra num abraço, envolver o mar.

SOU AMIGA

Sou amiga da natureza,
Do sol que aquece meus dias,
Da chuva, quando cai mansamente, molhando a terra.
Dos rios, dos passarinhos que em coro encantam os meus ouvidos.
Dos cachorrinhos de rua, que quando saio em minha caminhada diária, me fazem festas, parecendo querer dizer-me alguma coisa,
Sou amiga da minha família, fazendo-me presente sempre que necessário,
Amiga verdadeira dos verdadeiros amigos, querendo tê-los por perto, esperando que nunca se desfaçam os laços da amizade.
Enfim sou amiga do mundo inteiro, pois quero vê-lo em paz e feliz.

VIAJANTE DO TEMPO

Eu venho de uma interminável jornada pelos caminhos da vida, montando o potro do tempo, cortando atalhos, encurtando distâncias, para chegar a um lugar qualquer onde eu possa repousar meu corpo cansado, machucado pelas quedas que levei, durante o percurso já vencido e renovar as forças para continuar a caminhada.

Cada ano vivido é a reunião das vitórias de cada dia, pois a vida é composta de bons e maus momentos e mesmo assim, passar por ela é como receber um prêmio do mais alto valor, faz o coração exultar de tanta felicidade.

Não conservo rancores dentro do peito, minha alma é leve como pluma, transparente como as águas dos riachos e está sempre pronta a acolher quem a procura, com o calor da amizade, como a terra fértil a receber e germinar as sementes.

Quero viver tranquila e mansamente, aceitando tudo o que a vida me oferecer, sem erguer castelos, sem sonhar demais, para que mais tarde, as expectativas frustradas não venham a se arrastar entre os escombros dos meus sonhos.

INIMIGA OCULTA

Chegou sem mostrar o rosto, carregando em sua escura mala uma variedade de pesados sintomas como: dores de cabeça, dores pelo corpo inteiro e desânimo. Arranhou minha garganta e sem título de propriedade nem contrato de aluguel, instalou-se em mim como um caminhante se instala numa tapera a beira da estrada... E, o pior, fechou as duas janelas do meu nariz, deixando apenas uma pequena fresta para que o ar entrasse com uma dificuldade danada.

Já faz um mês e essa macabra figura nada de fazer retirada! É tanto medicamento, chá disso ou chá daquilo e não consigo combatê-la. As vezes penso que ela tomou vergonha, recolheu suas tralhas... resolveu desaparecer, procurar outro abrigo, mas qual a minha surpresa? No meio da noite, ela se manifesta, me desperta causando aquele desagradável "cof cof" e um chiado que mais parece uma sirene de ambulância, que me traz um desespero, um ódio que nunca pensei capaz de sentir.

Não gosto de violência, porém, eu juro que se esse ser horroroso tivesse corpo, tivesse rosto e se apresentasse na minha frente, seja a paulada, facada ou revólver, eu a mataria sem dó e sem piedade. Alegaria legítima defesa, iria para o banco dos réus e acho que o júri me daria absolvição, pois era a minha vida ou a dela.

Agora está esbravejando, me obrigando a parar com o meu desabafo, me torturando, colocando em meu peito aquele incomodo "rim rim"... Sinal que o "cof cof" começará novamente. Socorro, socorro! Sai de mim, GRIPE MALDITA

ANSEIOS DE LIBERDADE

A nossa ânsia de liberdade começa desde quando somos destinados a fazermos parte deste mundo, durante os nove meses que vivemos prisioneiros no ventre materno até sermos libertos pelo nascimento

Depois, vamos crescendo, mais parecendo ilhas, cercado de gente por todos os lados, nos seguindo a cada passo, nos dizendo: não mexa nisso, não mexa naquilo, puxando nossas orelhas, nos dando castigos e nos obrigando a engolir cada "goroba danada", para nos tornarmos fortes e saudáveis, quando nossa vontade, e comermos uma boa porção de batatas fritas, cachorros quentes e sorvetes de todos os sabores.

Quando chega a hora de frequentarmos a escola, temos o começo da "lengalenga" diária: "Fulano, vá fazer suas lições, tens que estudar muito para ser uma pessoa importante, útil à sociedade"! Ficam controlando o nosso tempo, principalmente aos fins de semana, quando voltamos das "baladas". Querem que prestemos contas do que fizemos, com quem saímos. Parece até que estamos respondendo um interrogatório policial. Se deixarmos são capazes de decidir qual profissão devemos seguir ou a pessoa certa para namorarmos e até casarmos.

Falando de profissão, depois de tanta pressão, "queimando pestanas" sobre os livros, chega a hora de recebermos o nosso diploma, para, enfim trabalharmos na área que fomos qualificados. Então, tem início a um tipo de cativeiro: muita correria, insatisfações causadas por questões salariais, longos períodos confinados entre as quatro paredes do ambiente de trabalho... o que em nome da sobrevivência, somos obrigados a aceitar, enquanto que, o que mais desejamos é passearmos com os amigos, sairmos para namorar, curtirmos uma boa praia.

Quanto ao casamento: esse é outro tipo de armadilha que a cada momento estamos sujeitos a cair. Quando o nosso olhar se encontra com outro olhar cativante, nossa alma se enternece com uma voz melodiosa e calma. Aí então não tem mais jeito! Somos levados felizes para o altar, com o sonho de união "até que a morte nos separe", o que hoje em dia está muito difícil, pois tudo o que parecia muito bonito, eterno, se desgasta pela rotina, nos levando a apelar para o divórcio, para em seguida, cairmos em nova armadilha.

Em nossas moradias, também vivemos como prisioneiros: rodeados por muros, por pesadas grades, sonhando com um mundo melhor, onde possamos ter nossas portas e janelas destrancadas. Mas a audácia da "bandidagem" é tamanha a ponto de fazer com que vivamos sempre em estado de alerta com medo de sofrermos uma invasão.

Existem muitos casos de pessoas desesperadas por problemas sem solução, e, talvez, por falta de coragem para lutar ou por covardia, desistiram desta vida, pensando encontrar liberdade para suas aflições num mundo além. Mas será que encontraram? Eu tenho minhas dúvidas, ninguém voltou para contar!

Nós, seres humanos, nunca estamos satisfeitos com o que temos, nos sentimos prisioneiros de tantas coisas que nos são impostas pela sociedade. Na romaria da vida somos eternos peregrinos carregando a fé de que um dia encontraremos e sentiremos o perfume da tão sonhada liberdade.

NA VELHA ESTAÇÃO DO TREM

José Inácio e Marina começaram a namorar num baile de carnaval lá pela metade do século passado na cidade de Pedro Osório, onde ambos residiam. Já se conheciam de vista, mas até então, nunca haviam se aproximado. Ele, filho de um importante comerciante e dono de terras da região. Ela de família humilde, filha de uma senhora viúva, que trabalhava sem descanso, debruçada sobre a máquina de costura para ajudar no sustento dos filhos, pois a pensão que o falecido marido lhe deixara não dava para suprir todas as despesas.

Marina sentiu o seu o seu coração bater de forma diferente, como se quisesse saltar-lhe do peito quando aquele jovem alto, moreno, de cabelos encaracolados, com um sorriso alvo, dirigiu-se a ela, convidando-a para dançar ao som da velha marchinha "A Jardineira".

Desse dia em diante, os dois formaram um par feliz passando pelas ruas, pelas praças, pelas festas que aconteciam na cidade. Trocavam juras de amor eterno, faziam planos de um futuro juntos com as bençãos de Deus. Mas o romance não agradava a família do moço devido às diferenças econômicas e sociais, tanto que resolveram interromper o namoro afastando-o dela com a desculpa que ele deveria ir para a Capital com a finalidade de estudar "Direito".

Na hora da partida, lá estava Marina na estação, com um olhar triste e o coração aos pedaços para se despedir do seu grande amor que lhe prometeu escrever todos os dias, que a visitaria sempre que possível; e, que assim que se formasse, viria buscá-la para viverem juntos, para toda vida, aquela história de amor.

No começo, trocaram cartas cheias de saudades, que foram diminuindo, até que não mais chegaram. Os familiares dele também se transferiram para Porto Alegre, fazendo com que ela não recebesse mais nenhuma notícia sobre ele. O tempo foi passando, o brilho da juventude aos poucos foi se apagando e Marina com vontade de partir a procura de José Inácio, ao mesmo tempo cheia de temores de deixar a família e do que encontraria num mundo desconhecido. Teve alguns bons pretendentes, até pedidos de casamento, mas rejeitou a todos, foi ficando cada vez mais triste, mais sozinha.

De mãos dadas com as lembranças, usando seu o vestido mais bonito e uma rosa vermelha no cabelo, toda perfumada, a cada entardecer, dirigia-se para a estação com o coração agitado, se perguntando se aquele dia seria "o grande dia da volta". Surgiu o comentário que José Inácio havia se casado com a filha de um comerciante sócio de seu pai, mas ninguém teve coragem de contar para ela, preferiram deixá-la na ilusão e na constante espera.

Marina passou a se dedicar a todos ao seu redor. Cuidou da mãe até a morte, dos irmãos, das cunhadas, dos sobrinhos, até da vizinhança, que quando nos momentos de precisão, apelavam para o seu coração generoso. Muitos anos transcorreram, os cabelos se transformaram num branco véu envolvendo seu rosto, leito de muitos riachos, onde passaram correntezas de lágrimas que só o sol escaldante do tempo foi capaz de secar.

Mas ela, vivendo entre a razão e o imaginário, não perdeu o costume: todos os dias quando a tarde cai, é vista em seu local preferido, amparada pela bengala, rosa vermelha nos cabelos, olhar ansioso, fitando a estrada de ferro, onde o trem há muito não passa, esperando que seu amado desembarque na Velha Estação.

O VENTO QUE MOVE A VIDA

Francisco e Candinha eram namorados, juntos construíram castelos de um futuro feliz, lado a lado. Ela queria uma casa simples, rodeada por um jardim cheio de roseiras com flores perfumadas de todas as cores e com muitas crianças correndo, pulando, fazendo algazarra. Mas o sonho dele era outro. Ele queria ter melhores condições de vida, não queria viver para sempre naquele lugarejo pacato, em situação quase precária, trabalhando de sol a sol, com as mãos cheias de calos.

Até que contrariando a vontade de Candinha, numa manhã gelada de inverno, seguindo em busca de um destino melhor, ele partiu, pedindo que ela o esperasse, deixando-a com o coração num vendaval de tristeza.

Na cidade grande, trabalhou como auxiliar de pedreiro. Os sacrifícios, os cansaços eram semelhantes aos que ele vivia em sua terra, fazendo com que lhe batesse o vento do desânimo e uma imensa vontade de voltar, mas pensava consigo mesmo, que voltar era um sinal de derrota e derrotado ele não voltaria. E continuou na luta, até que o vento da sorte lhe sorriu, quando comprou um bilhete de loteria e quando o conferiu, descobriu que estava premiado.

Com toda a "dinheirama" na mão, não lembrou mais de Candinha nem de outro qualquer familiar. Começou a gastar sem controle com luxos, noitadas, mulheres, amigos e a namorada ficou no passado.

Assim como a velocidade do vento, o tempo foi correndo e Francisco já envelhecido, sem dinheiro, lembrou de Candinha e resolveu voltar. Ao chegar em sua terra, encontrou tudo mudado e descobriu que o vento de um novo amor soprou na vida de sua namorada e que a chance de felicidade se foi com o vento.

Olhou para a gigantesca estrada à sua frente e resolveu partir, dessa vez, sem choro, sem lenço acenando, apenas as árvores com o movimento de seus galhos pareciam dizer-lhe adeus. E sem olhar para trás se foi, como folha varrida pelo vento, até se perder na imensidão do mundo,

MARISA WILDE RODRIGUES PINTO

Conheci Marisa em uma Feira do Livro da Universidade Federal do Rio Grande no ano de 2011. Fui presente no lançamento do seu livro UM AMOR CONQUISTADO. Foi a ocasião do nosso primeiro diálogo. Num apanhado de minhas impressões, fui cutucado, digamos, à primeira vista, com o entusiasmo pela obra da autora. Me interessei em saber de sua trajetória no mundo da Literatura e fiquei encantado. Não demorou a acender em mim a luz que iluminou o caminho de convidá-la a levar seu trabalho literário para somar-se à Academia Rio-Grandina de Letras. Brevemente o dia chegou. Resoluto, fiz o convite. Me foi gratificante receber sua positiva resposta. Em seguida, providenciei os trâmites regulamentares dos Estatutos da Academia o que culminou com uma aceitação por unanimidade no sodalício. Então, em sessão solene da Academia ela tomou posse da cadeira de número 17 ao mesmo que, tornou-se minha Afilhada.

Marisa Wilde Rodrigues Pinto, que também assina seus livros infantis pelo pseudônimo de Karana, é farmacêutica-bioquímica, natural de São Martinho – RS e reside em Grande desde o ano de 1990. No ano de 2002, publicou o livro *Alerta 26 – A Irmandade Cósmica,* pela Editora Imprensa Livre de Porto Alegre – RS, dando início à divulgação de conhecimentos ligados à literatura esotérica, através do site www.airmandadecosmica.com.br, artigos em jornais e revistas e realizando palestras em Porto Alegre, a convite do MGU (Movimento Gaúcho de Ufologia), GAIDU, na Livraria Cultura e no Edel Trade Center. Também participou de diversos Congressos de Ufologia e Encontro Mundial de Contatatos. No ano de 2006, passou a dedicar-se

também à literatura infanto-juvenil com a publicação da coleção infantil *Bichinhos dos Sete Raios*, composta de sete volumes, sendo eles A *Borboleta Azul, A Abelha Rosa, A Formiga Lilás, A Joaninha Vermelha, A Lagarta Verde, O Beija-Flor Anil* e *A Pomba Dourada*. A autora tem participado de inúmeros eventos ao público infantil em livrarias, feiras e escolas, como palestrante, em horas do conto e sendo Patrona e Homenageada Especial de Feiras do Livro de escolas de Rio Grande. No ano de 2011, publicou o livro intitulado UM AMOR CONQUISTADO, que é uma coletânea de poesias e contos tendo como tema principal o Amor em suas diferentes manifestações. No ano de 2012, foi indicada pelo seu Padrinho Cultural, Professor Marcos Costa Filho, a ocupar uma cadeira na Academia Rio-Grandina de Letras, tendo sido eleita por unanimidade e tomando posse no ano de 2013 na Cadeira nº 17 cujo Patrono é o escritor Rio-Grandino Eduardo Ernesto de Araújo. A partir do ano de 2014, realizou o Curso de Extensão de Literatura Grega na FURG, com a duração de 2 anos. Na 42ª Feira do Livro da FURG, em janeiro/fevereiro de 2015, lança seu segundo livro de Poesias e Crônicas chamado AZUL DA COR DO MAR.

Nos anos de 2018 e 2019, palestrou e participou da organização dos 1º e 2º Encontros Ufológicos na cidade de Rio Grande, realizados na Livraria Vanguarda e no Teatro Municipal com a participação da Revista UFO.

A partir do ano de 2018, além de sua intensa participação em publicações em poesia e prosa no Caderno Peixeiro do *Jornal Agora*, na página da Academia Rio-Grandina de Letras, escreve crônicas para o Caderno Mulher Interativa do *Jornal Agora* de Rio Grande. No ano de 2018, foi convidada a escrever Crônicas do Cotidiano para o Caderno Mulher Interativa do *Jornal Agora* de Rio Grande, atividade mantida até o ano de 2020.

AMOR QUATRO ESTAÇÕES

Da matéria viva
De que são feitos os sonhos
Te extraí
E assim permaneceste
Etéreo, incompleto
Soprando como a brisa do OUTONO
Voando como as folhas secas
Amontoando-se em cantos de calçadas
Em frisos de mim
Entranhando-se em desvãos
Não preenchidos da minha alma
Colorido como o pôr do sol distante
Horizonte em zênite por um instante
Refletido nos olhos de candura infinita,
Dourado, mas fugaz e tênue.

Tal qual o brilho do poente
Já de malva e celeste iridescência
Evanescendo-se em estrelas
Trazendo o frio no INVERNO da noite
A escuridão, a ausência, a amplidão
Cortando veredas, véus, feito açoite
Mas brilhando distante estrela,
Única, imutável
Do Universo sendo parte,
Jamais estanque, jamais ausente,
Sempre presente.

No tempo preparando os brotos
Da PRIMAVERA aguardando os botões
Na esperança do verde intenso
Da copa das árvores,
Do veludo gramado

Do sussurrante canto dos pássaros
Tocando a leveza flutuante das pétalas
Sentindo o ar, o mundo todo perfumado
Ansiando por dias de sol.

Antevendo dias de mar, colorido de VERÃO
Calor de bem vinda estação
Guarda sóis, guarda corações
Aconchego e alegria
Pertencimento e areia cálida
Planando no ar gaivota pálida
Horizonte alvo brilhando ao sul
Espuma branca do mar azul
Amor-outono, Amor-inverno
Amor-primavera, Amor verão
Assim, sempre bem vindo
Sempre Vivo, Amor Estação.

ECOLOGIA DOMÉSTICA

Vejo frequentemente na mídia escrita ou falada, diversas palavras como ecologia, meio ambiente, energias verdes e limpas, sustentabilidade, materiais retornáveis ou recicláveis. Também são abundantes as opiniões e orientações como devemos cuidar de nosso planeta e que tipo de civilização e estado da natureza deixaremos para nossos filhos.

As opiniões sobre o assunto meio ambiente se dividem. Muitos destes movimentos são movidos por interesses verdadeiros. São grupos que acreditam no que fazem e verdadeiramente executam ações no sentido de manter nosso meio ambiente livre do lixo, da poluição e de atitudes exploratórias do nosso planeta. Por outro lado, muitas destas questões ambientais são movidas por interesses políticos e financeiros de grandes conglomerados que desenvolveram tecnologias de recuperação de águas e reciclagem de materiais e pretendem vendê-las aos países do terceiro mundo a altos custos e pagamento de royalties.

Este é o mundo do comércio e os interesses mundiais e jamais saberemos com certeza quem é quem e de que lado devemos estar. Mas com certeza podemos fazer a nossa parte, que eu chamo de Ecologia Doméstica. Possível. Palpável. Sem interesses maiores a não ser o verdadeiro. Deixar nosso planeta limpo do lixo que nós mesmos produzimos, da sujeira e contaminação que nós mesmos provocamos.

Falo em medidas ecológicas palpáveis e ao nosso alcance, porque ao tentar empreender batalhas maiores, em termos mundiais, inevitavelmente vamos nos chocar com questões vitais e críticas, como: – O mundo precisa produzir alimentos – O mundo precisa embalar alimentos – O mundo precisa transportar alimentos – O mundo precisa produzir eletrodomésticos, produtos tecnológicos, insumos, medicamentos, vestuário – O mundo precisa se deslocar – O mundo precisa se comunicar – O mundo precisa produzir muita energia. E a população mundial aumenta a cada dia. Como fazer isto em larga escala sem usar matérias primas extraídas do planeta? Como evitar que esta extração deixe resíduos? Com consciência, seria a resposta correta. Ótimo. Perfeito.

Pois então comecemos nossa consciência doméstica. Muitos falam que a geração passada, dos que agora estão entre os 50 a 70 anos, poluiu o

planeta. Mero engano. Não tínhamos ainda embalagens plásticas ou de isopor. A maioria das borrachas eram naturais, derivadas da seringueira. Nossas compras eram embaladas em sacos de papel pardo ou jornal reaproveitado. Os alimentos eram distribuídos em sacos de algodão que era reaproveitado para se fazer panos de limpeza e até tingidos para fazer roupas e sapatinhos infantis. Os televisores e rádios eram raros e fabricados em grandes caixas de madeira. Quase não tínhamos telefones e usávamos os públicos. Os carros eram raros e pouco combustível era consumido. Nada era descartável. Garrafas de vidro eram retornáveis. Latinhas de alumínio não existiam. E a lista do que não tínhamos e não sujávamos e não gastávamos e não contaminávamos é imensa.

Mas vejam os pequenos milagres que podemos fazer em nossa casa atualmente, onde produzimos muito lixo e muitos resíduos.

Podemos separar o lixo reciclável: plástico, papel, vidro, isopor, metal, etc. Mas façamos isto de maneira higiênica, ou seja, lavando antes estas embalagens, secando-as, dobrando-as. Consuma menos energia elétrica. Destine adequadamente pilhas e baterias, pois são extremamente tóxicas. Separe o lixo orgânico, e com um pouco de terra e boa vontade, produza seu próprio adubo orgânico. Não jogue comida fora. Se embaladas de forma higiênica, bem conservadas, as sobras de nosso alimento diário podem salvar a vida de outra pessoa. Jogar alimento fora, nunca! Lembre-se: Milhões de pessoas no mundo passam fome!

Eu acrescento ainda vários itens no que denomino como Ecologia Doméstica. Não jogar lixo nas ruas, na praia ou em terrenos baldios. Por que jogar lixo em locais públicos, se existe um serviço de recolhimento, inclusive de lixo reciclável? Embale o lixo adequadamente para facilitar o serviço dos recolhedores. Se for vidro quebrado, lembre-se de enrolá-lo em jornal, para que não corte as mãos de quem for recolher. Quando for à praia ou voltar da mesma, venha recolhendo o lixo que encontrar no caminho. Junte o lixo da sua rua ou de sua quadra. Logo, logo, todos se conscientizarão de que é muito bom fazer o mesmo porque a rua ficará limpa e o lixo não entupirá bocas-de-lobo.

Por fim, plante flores nos canteiros de sua rua, plante árvores, cuide de animais abandonados. Economize energia elétrica, economize água potável, economize combustível, use menos embalagens plásticas. Desta forma, faça a sua Ecologia Doméstica. E se não puder mudar o mundo todo, mude pelo menos o mundo à sua volta. Mude você mesmo!

AS CRIANÇAS

As crianças correm e saltitam
Por sobre cordas invisíveis
Enquanto os adultos insistem
Em dar marcha a ré.

As crianças enxergam
Borboletas coloridas
E as seguem, para voar com elas
Com suas pequeninas asas de anjos.

As crianças abrem os braços
Para abraçar árvores e águas
E unir o mundo inteiro
Com seus longos laços de sonhos.

As crianças embalam
Bebês rechonchudos
E acarinham os filhos
De sua imaginação.

As crianças recolhem
Das ruas, calçadas e becos
Bichinhos abandonados
Que sofrem de verdade.

As crianças pulam amarelinhas
Em calçadas esburacadas
Enxergando nelas
Perfeição, traçado e cor.

As crianças pulam altas cercas
Escalam ásperos muros
Que os adultos continuam a criar
Para separar homens iguais.

As crianças jogam bolas
De infinita luz e cor
Vendo-as globos, planetas e luas
Em órbitas de sóis e estrelas.

As crianças armam altas torres
Para com elas alcançar
Seus amigos, os anjos
E com eles brincar de roda.

As crianças andam sempre
De mãos dadas com Deus
Voando em asas de anjos
Para que assim eles protejam
Sua infância e sua inocência
Com Seu Infinito Amor.

HOJE SAUDEI IEMANJÁ

Hoje saudei Iemanjá, quando meus pés pisaram a cálida areia do mar. Pulei as sete ondas e, em meio a orações de agradecimento por sua eterna proteção, lhe joguei um singelo buquê de flores do meu jardim. Sei que assim a saudaram milhares de pés na areia antes de mim e que muitos outros pés ainda virão saudá-la depois de mim, numa verdadeira procissão de fé. Isolados ou em grupos, todos chegam à beira-mar para agradecer pela sua proteção e dirigir a ela orações, honrarias e pedidos.

Quem vem sozinho, chega de mansinho e em silêncio faz suas orações.

Quando em grupos, expressam em rituais e cânticos a sua fé cultivada em várias religiões e cultos já bem brasileiros, mas de raízes nascidas em terras africanas.

Iemanjá, cujo nome deriva do Iorubá *Yeyé omo ejá – (Mãe cujos filhos são peixes),* através do sincretismo religioso com outras divindades e de influências europeias, adquiriu atributos da água salgada, associada aos mares do Novo Mundo. Ficou sendo também Dona Janaína, a Mãe d'Água no Brasil. Ainda a vemos com o nome Jara, no guarani, significando senhora ou Y-jara, senhora das águas. Esta orixá nasceu na África, no povo Egba, divindade da fertilidade, que originalmente foi associada aos rios e desembocaduras. Celebrada em Ifé como filha de Olokun, a divindade dos mares, acabou sendo enaltecida nos mares do Novo Mundo como arquétipo maternal em Mãe de todos os Orixás, com inúmeros atributos e poderes. Iemanjá representa o poder progenitor feminino, que nos faz nascer, que é maternidade universal, a Mãe do Mundo.

Como Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição ou Nossa Senhora da Glória, em seu sincretismo afro-brasileiro, protege os homens do mar e é homenageada em procissões desde 1870.

Hoje saudei Iemanjá, que de tão saudada e homenageada, tão receptora de pedidos e orações por quem singra as ondas do mar ou por quem pisa o duro solo das ruas, já se tornou universal. De tão bela e forte, esta entidade ultrapassou as fronteiras de crenças e religiões. A ela cada um deposita em agradecimento, suas melhores intenções, preces, presentes e energias positivas em forma de flores, frutas, barcos azuis lindamente decorados,

espelhos, pentes e sabonetes. Somente uma bela dama estaria tão ricamente ornada neste dia 2 de fevereiro!

Assim a vemos representada, assim a imaginamos, assim a honramos, nós, que à beira de suas águas moramos, trabalhamos e amamos. Sempre sob a sua proteção. Oramos para que mantenha a água em seus cursos. Pedimos que proteja nossos pescadores e nossas famílias. Nós, que do seio da água viemos, no seio da água moramos e um dia, em meio à água de lágrimas saudosas, partiremos, afinal. Para depois retornarmos às fontes da água da vida e, quem sabe, um dia, voltarmos à felicidade de poder morar à beira-mar. E assim, poder agradecer à Iemanjá, a Nossa Senhora dos Navegantes, por ver a lua nascer nos Molhes da Barra ou se deslumbrar com o pôr do sol que tinge de prata e ouro a lâmina da água a oeste, antes de esconder-se por entre a silhueta recortada das dunas de areia.

E de minha parte, estrangeira que sou, nascida bem distante destas águas, o muito obrigada por me acolher e me permitir agora andar sem fronteiras à beira-mar ao entardecer. Muito obrigada por me permitir singrar suas águas, pisar suas areias e meu olhar estender-se ao infinito. Acima, vejo o céu pontilhado de estrelas da Via Láctea. Abaixo, apenas a imensidão das águas do Atlântico, estendendo-se longínquo até a África, sua origem, Iemanjá, agora também Rainha dos Mares do meu imenso Brasil.

Neste dia, e em todos os dias do ano, eu te saúdo, Iemanjá!

A GEOMETRIA DO AMOR

O amor é sempre
Uma curva perigosa
Amor que vai e vem
É uma linha de mão dupla
Mas amor que fica
É uma linha única, contínua
O amor incerto
Tem muitas reticências
Quando é intenso
Tem muitas exclamações
Amor solitário é um círculo
Fechado em si mesmo
Amor sonho é ficar
Andando em círculos
O amor não correspondido
Tem muitas interrogações
E quando acontece uma traição
Cria-se um triângulo
Amor casado é um quadrado
De casa, fechado
Amor livre tem muitos
Triângulos e círculos
Ou retângulos de portas abertas
E janelas amplas
Paixões juvenis são feitas
De pontos e vírgulas
Alguns vão, muitos vêm
Alguns ficam
Amores seguros e duradouros
São galgados aos poucos
Em retângulos de degraus
Mas a paixão com certeza
É uma elipse ascendente

Amor passageiro
É uma eterna onda
Amor Divino
É uma alta esfera
Num infinito
De órbitas elípticas
Mas todo amor
Quando acaba
É certamente
Um triste ponto final.

DESPEDIDA

Desculpem-me, mas agora preciso partir.

Estava só de passagem.

Vi, conheci e fiz coisas maravilhosas por aqui. Mas como sou uma passageira do tempo, não posso ficar, pois comprei passagem de ida e de volta. Mas levo todos em minha bagagem de vida, junto com o que muito amei, o que muito ajudei, o que muito construí e o que muito dei. Isto me rendeu bônus de luz que me acompanharão em minha partida. Mas deixarei por aqui, por terem muito peso, as coisas materiais que usei e que me fizeram muito feliz, porque ajudaram a tornar mais leve e fácil a minha vida na Terra.

Amei e fui feliz com a casa que construí, pois a fiz bela e agradável aos meus olhos e aos olhos dos que me amaram e que acompanharam em minha caminhada. Gostei muito também dos automóveis que tive e alguns ainda tenho, porque não me deixaram cansar tanto ao encurtar meus caminhos e diminuir minhas distâncias.

E como me senti bela com as roupas que vesti, assim como um pavão ou um beija-flor brilham com o colorido de suas penas! E ainda acrescentei à minha decoração pessoal, brincos coloridos e colares que faiscavam com a luz do sol, e assim me senti uma princesa ao me olhar no espelho.

Muito me orgulhei dos meus sapatos de salto, que me trouxeram em muitos momentos a ilusão de ser bem mais alta e assim talvez poder estar bem mais perto de Deus, mas com certeza alguns centímetros a mais acima de mim mesma.

E acima de tudo, agradeço a Deus pelos imensos presentes que me deu. Quando nasci, Ele me deu o dom da própria vida. Com o passar dos anos, a cada aniversário, me deu a capacidade de crescer e apender sempre mais. De conhecer o amor de pai, de mãe, de irmãs e o carinho de inúmeros amigos.

Deus também me deu o dom da inteligência, para construir meu futuro, ter uma profissão e um trabalho honrado e justo, e poder assim ganhar meu sustento sem enganar ou roubar. Então, para que eu não precisasse andar sozinha pelo mundo, me fez conhecer o amor de um companheiro, para que juntos construíssemos um ninho e uma família.

E de tanta felicidade que havia nesse ninho, Deus me deu a humildade de querer reparti-lo com alguém. Me fez perceber como é bom doar-se a alguém e como é necessário abrir mão do egoísmo. Então nuns dos meus aniversários na Terra, Ele me deu meus maiores presentes: meus filhos, a quem deixo feliz e em paz porque sempre fizemos tudo juntos. E a quem ensinamos tudo o que sabíamos de bom. Os entrego agora aos cuidados de Jesus, para que, na minha ausência, Ele caminhe ao seu lado como Amigo e Mestre.

De resto, deixo tudo o que consegui criar, para que outros também o façam, pelo exemplo. Levarei no reflexo dos meus olhos interiores, toda a beleza da Terra, do mar, do ar, das árvores, das flores, para repartir esta beleza com os meus companheiros de viagem. Sei que teremos muito para conversar até a próxima estação, até um novo desembarque.

Foi uma excelente viagem esta aqui. Saio muito maior do que quando aqui cheguei, mas muito mais leve, pois deixo para trás antigas dúvidas, todos os temores e alguma falta de fé. Levo comigo somente certezas, coragem e muito Amor Divino.

Com certeza, irei voando, mesmo que tenha chegado aqui a pé.

FESTA JUNINA

Estoura a pipoca
Saltitante
Num instante
Muda o milho
Brilhante
De estrela o brilho
Lá longe
Malha o malho
Entediante
Aqui dança a dança
Espoucante
Envolve a todos
Num instante
Muda o mundo
Muda a cor
Assiste a cena
Com olho posto
Moça morena
Plena de amor
Sorriso no rosto
Mas que pena
Lá vai o moço
Já bem distante
Corre lágrima
Em seu rosto
Escorre no poço
Haverá outro junho
Ela não desiste
Estrela brilhante
Do céu a tudo assiste.

MANHÃ DE PRIMAVERA

A caminho do meu trabalho, numa ensolarada manhã de primavera, observo a cidade acordando.

Logo ao sair de casa, enxergo a calçada da rua e o canteiro central, e estão feitos tapetes de flores amarelas e brancas, que o vento da noite fez cair feito chuva de pétalas. E ao sol da manhã de primavera, o intenso tom amarelo das flores de canafístula, derramadas pelas pedras, faz um contraste com o intenso verde das folhas das árvores. E vejo, extasiada, que estes tons misturados ao branco das flores de outra árvore ali perto, encimados e emoldurados pelo azul do céu, homenageiam a nossa Bandeira Nacional. Compreendi uma vez mais porque estas cores nos representam e que estas são as cores do nosso Brasil, a nossa pátria.

Vou caminhando a passos firmes sobre o meu solo. Olho para uma vitrine e paro para olhar, encantada, para maravilhosos vestidos para festas de 15 anos. São bordados, rodados, longos, acinturados, de diversas cores. Mas vejo mais além, os sonhos de uma menina moça, o mundo imenso à sua frente, a amplidão de tempo e de possibilidades de uma vida se abrindo feito leque. Escuto o som da valsa, o pai orgulhoso, a mãe sorridente, o coração mal cabendo no peito, a família toda reunida, muitos amigos, risos e despreocupação. Vejo um mundo ainda mais colorido que o matiz dos vestidos, envolto em sonho, magia, esperança e felicidade.

Sigo adiante bem mais leve, como se também estivesse valsando.

Passo pela loja de materiais esportivos onde recém estão abrindo as grades. Olho a profusão de acessórios para esporte, pesca, camping, natação, remo, ciclismo, artes marciais, escalada, caminhada, corrida, academia, dança. Mas vejo muito mais do que artigos esportivos à venda. Sinto bem fundo a vontade do ser humano de estar com o corpo em forma, de se manter saudável, de viver mais e melhor. E também a necessidade de sair da rotina em seus momentos de folga, fazendo algo bem diferente da rotina do dia-a-dia. Percebo a importância de ter um hobby, para manter a saúde do corpo e da mente.

Continuo seguindo o meu caminho, cheia de energia.

Passo por uma barbearia, e me admiro por já estar aberta e com um cliente cortando o cabelo tão cedo. E vejo que as barbearias voltaram à

moda. Já abriram várias na cidade. E percebo que estão com decorações diferenciadas, com opções de bebidas e alguns entretenimentos, tipo mesas de sinuca ou TV com jogos de futebol. Compreendi que muitos homens gostam mesmo é de cortar o cabelo ou fazer a barba em barbearias bem masculinas e cheias de estilo, ao invés de ir a um salão de beleza sofisticado com lustres de cristal.

Vou andando rumo ao meu trabalho, plena de esperança.

Passo pela floricultura recém inaugurada, e bem cedinho, observo que ela já está repleta de flores multicoloridas. Tem vasos de lindas flores pendurados pelas grades de janelas, escadarias e portas. E eu vejo Deus nesta beleza toda.

Sei que Ele, em Sua Suprema Benevolência, criou as flores, em suas tantas formas, cores e perfumes, só para nos alegrar. E vejo que é verdade, pois eu já me senti feliz, somente em ver as flores. E em meio a elas, vejo o busto da estátua dourada de um anjo criança, debruçado sobre um grande livro, o queixo apoiado numa das mãos, o olhar enlevado voltado para o céu. Talvez esteja agradecendo à divindade, em nosso lugar, por nós, pela manhã de sol, pelas flores, pela vida.

Neste momento, também agradeci a Deus por tudo o que me dá como graça divina.

Sei que meu olhar é poético e olho tudo através de lentes especiais, que não apenas olham e enxergam. Meu olhar enxerga e vê bem além das coisas ou das pessoas.

Meu olhar vê a vida. E a vida está por aí, à espera de ser olhada e vista por todos.

A INVISIBILIDADE DAS PESSOAS

Vou falar aqui de um assunto estranho: A invisibilidade das pessoas.

Como? Invisibilidade? Sim, é exatamente a esta conclusão que eu cheguei, depois de analisar algumas situações estranhas que aconteceram comigo. Algumas pessoas que hoje vejo na rua, simplesmente já passaram por mim nas mesmas ruas, certamente durante muitos anos e eu não as via. Como eu podia ter convivido com estas pessoas durante mais de 20 anos numa cidade relativamente pequena e não conhecê-las? Como podia nunca tê-las visto em alguma rua?

Aí me perguntei o porquê disto. Simplesmente porque eu não as conhecia, não sabia quem eram, não sabia como elas eram. Então percebo que nosso cérebro é, de certa forma, muito estranho e bem parecido com um computador. Como não havia nenhum arquivo de dados gravado sobre a tal pessoa estranha, ele simplesmente não a via, ou melhor, não a reconhecia, não a destacava entre os milhares de transeuntes. Ou seja, nosso cérebro precisa de dados específicos, de detalhes que tornem uma pessoa especial entre muitas. Precisa de dados comparativos, para localizar especificamente esta pessoa no tempo e no espaço e torná-la especial, para que a grave em seus arquivos, lhe dê um nome, atribua a ela características físicas, qualidades específicas. E então compare-a com dados agradáveis ou desagradáveis, atitudes que classifique como qualidades ou defeitos, emoções boas ou ruins que lhe tenham provocado e definir então se gosta ou não daquela pessoa.

Será que seguindo por este caminho, chegaríamos ao que definimos por ”Amar” uma pessoa? Mas, em se tratando de uma área tão delicada como o amor, eu prefiro parar por aqui. Parece complexo, mas acho que isto tudo, abordado aqui de maneira bastante tecnológica, já foi dito de uma maneira bem mais simples e poética (ou não foi simples para quem não o compreendeu) por Antoine de Saint Exupéry em sua obra O Pequeno Príncipe. Especialmente quando o Pequeno Príncipe conversa com a raposa sobre cativá-la, e afirmava que a partir daquele dia ela já não seria uma raposa comum, mas uma raposa única no mundo.

Com certeza, depois desta conclusão, tentarei ser sempre, de alguma forma, muito especial para qualquer pessoa que eu encontrar numa rua qualquer da cidade.

Quem sabe eu cative as pessoas e assim elas me vejam, seus cérebros me destaquem entre muitos.

E para elas eu passe a ser especial e única.

Então, para estas pessoas, eu deixarei de ser Invisível, pois elas já me conhecerão.

E para elas eu passe a ser especial e única.

SOBRE O ENCURTAMENTO DO TEMPO

Já ouvi diversos comentários acerca do encurtamento do tempo. São sempre as mesmas frases, carregadas de um pouco de stress: "Não dá tempo para nada !" "Estou sempre na correria" " Nossa, a manhã passou voando !". "Já estamos em abril, daqui a pouco já será Natal de novo !".

Será que esta impressão da rapidez da passagem das horas, dos dias, do tempo, é algo real, tangível? Ou será que é porque temos sempre muitas coisas a fazer, muitas coisas para ler, muitas coisas para ver, muitos lugares para ir? Verdade é que atualmente vivemos soterrados sob um excesso de informações, seja das redes sociais, dos programas de rádio, televisão, jornais, revistas, filmes...Tem sempre uma festa, um show, um shopping, um evento público ao qual não podemos faltar, uma viagem imperdível, seja no inverno ou no verão.

Muitas vezes, frente a esta enorme oferta de fontes de diversões e entretenimentos, deixamos de lado as coisas mais simples, como visitar amigos, parentes, abraçar de verdade e pessoalmente, alguém pelo seu aniversário. Hoje se manda um like, um bj., um coraçãozinho vermelho, um parabéns com emoticons de palminhas, bolinhos, e ok! Considera-se a pessoa cumprimentada, acarinhada e amada. E por aí vamos rolando a vida. Ou será que a vida é que está nos rolando, nos atropelando muito rápido? Rápido demais?

E aí voltamos ao tempo, nosso virtual inimigo. Invisível, impalpável, nos mantém como seus prisioneiros, rindo de nosso cansaço, do nosso sono, de nossas rugas, de nossos cabelos brancos. Nos faz respirar superficialmente, nos faz sempre estar divididos entre o aqui, o agora e o daqui a pouco. Pré ocupados. Ocupados antes. Nos fica a impressão que estamos presentes, mas também já estamos um pouco lá na frente, no futuro. Ou será que estamos trabalhando mais, estudando mais? Com certeza, uma das coisas que mais nos faz ter a noção de que o mês passa rápido demais são a inexoráveis contas a pagar. Tem a conta da luz, da água, do colégio, da faculdade, da prestação da casa ou do aluguel, do carro ou da moto, do cartão de crédito...E aí sim, nos confunde mesmo este "Senhor Tempo". Como ele passa rápido quando temos tantas contas a pagar!

Ou então será tudo culpa de uma tal de Ressonância Schumann? Esta ressonância representa a frequência do campo eletromagnético da Terra, de 7,83 Hz (ou pulsações por segundo), determinado pelo físico alemão Winfried Otto Schumann em 1952 e já citado por Nicola Tesla 60 anos antes. Este campo funciona como um coração do planeta e todos os seres vivos pulsam com ele.

Numa outra abordagem, para os sábios rishis indianos, esse número se identificava com a frequência OM – o som cósmico e sagrado na religião hindu.

Segundo alguns estudos científicos, como o Russian Space Observatory Sistem, demonstraram uma aceleração nesta ressonância a partir dos anos 80 e de forma mais acentuada depois dos anos 90 passando de 7,83 para 11 e para 13 Hz, com picos de até 16,5 Hz, que está nos fazendo perceber um período de 24 horas como tendo apenas 16 horas.

O coração da Terra disparou. Coincidentemente desequilíbrios ecológicos se fizeram sentir: perturbações climáticas, maior atividade dos vulcões, crescimento de tensões e conflitos no mundo.

O artigo *Schumann Resonances, a plausible biophysical mechanism for the human health effects of Solar/Geomagnectic* propõe que a radiação eletromagnética de Schumann interagiria com o cérebro humano coordenando os pulsos elétricos que controlam os níveis de serotonina e melalotina no organismo com consequências em funções vitais como pressão sanguínea, respiração, sistema imunológico e processos cardíacos e neurológicos.

Bem, estudos à parte, com certeza todos estamos correndo muito, trabalhando muito e achando que tudo está passando muito rápido. Pelo sim, pelo não, prometi a mim mesma, passar a cuidar melhor do meu tempo, para que ele também cuide melhor de mim, da minha saúde física e emocional. Preciso trabalhar sim, porque as contas já estão aí. Mas juro que vou procurar sorrir mais, abraçar mais, visitar mais pessoas. Vou tentar viver no hoje, não vou querer fazer coisas demais, vou olhar as pessoas nos olhos. E vou com certeza, vou tentar amar bem mais.

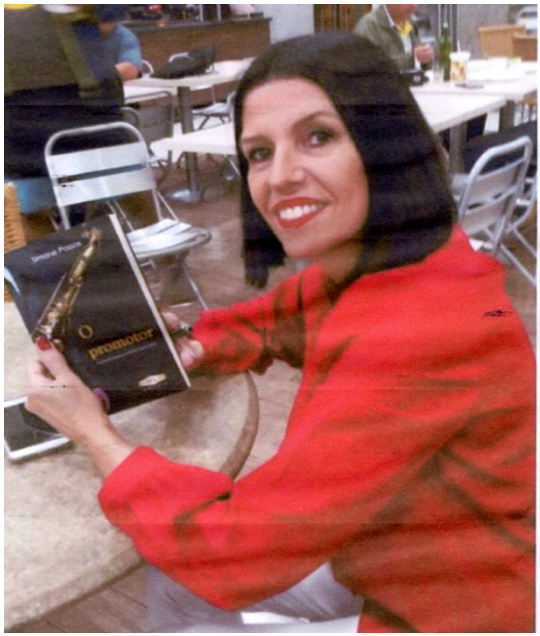
Desta forma, vou considerar que tratei do meu tempo muito bem e sei que ele também vai cuidar bem de mim.

A VOZ DE DEUS

Andava em meio às estrelas
Mas não podia vê-las
Era um homem no escuro
E mesmo de coração puro
Não podia e nem sabia tê-las
Assim seguia o homem perdido
Assim caminhava o homem distraído
Era o homem de preto
Que sorrir ainda não sabia
Nenhuma réstia de luz entrevia
Entre tormentos e temores ele seguia
Passos hesitantes, a palavra não ouvia
Então um chamado ecoou
Ao som de trombetas, um sino vibrou
E em seus passos tortos e lentos
Entre orações, prédicas e lamentos
O homem ouviu a voz
Sentiu-se seu próprio algoz
E soube que andava no esquecimento
Então parou, ouviu e escutou
A voz, a palavra, ao seu ouvido soou
Então finalmente pôde vê-las
Elas, as brilhantes estrelas
E seu passo vacilante firmou
E seu olhar hesitante viu
E seu coração endurecido amou
E o homem chorou por um momento
E em silêncio contrito orou
Então ele viu Deus,
Luzindo mais alto firmamento.

SIMONE DA CONCEIÇÃO POSSAS

Ao tempo em que conheci Simone, eu exercia o magistério e trabalhava na Escola Municipal de Ensino Fundamental Helena Small na cidade do Rio Grande– RS. Ela, adolescente, foi minha aluna. Uma excelente aluna. Embora nossa grande diferença de faixa etária, nasceu entre nós uma pura e bem alicerçada amizade. Na época ela escreveu suas primeiras poesias que eram publicadas em um jornalzinho semanal, O Peixeiro, que era distribuído gratuitamente na entrada dos cinemas da cidade. Ainda jovem a família mudou-se para Campo Grande – MS, porém, mesmo à distância nossa amizade continuou. O tempo correu e ela continuou sua caminhada na Literatura, com sucesso e eu a acompanhar sua trajetória, o que me levou a convidá-la para adentrar na Academia Rio-Grandina de Letras como Membro Correspondente. Dado seu aceite, e o trâmite regulamentar de seu processo ser aprovado pela Academia, tornou-se minha Afilhada Cultural.



Simone Possas Fontana, pseudônimo de Simone da Conceição Possas, é membro da Academia de Letras do Brasil/MS, ocupante da cadeira 18 e membro correspondente da Academia Rio-Grandina de Letras, formada em Letras e pós-graduada em Literatura. Nasceu em Rio Grande-RS e desde os doze anos de idade escrevia poesias, contos e crônicas; aos quinze publicava-os nos jornais de sua cidade natal. Quando a iniciante escritora tinha dezoito anos, a família se mudou para Campo Grande-MS, para melhorar a qualidade de vida. É desse tempo de infância e adolescência

em Rio Grande-RS e da vida adulta em Campo Grande-MS que Simone trata em seu primeiro romance "*MOSAICO*" (Editora Gibim), lançado em 2011.Encorajada pelas críticas de amigos e familiares, escreveu seu segundo romance em 2012: "*A MULHER QUE RI*" (Editora Life), que está em sua segunda edição .Lançou em 2015 seu terceiro livro intitulado "*PCC*" (Editora Life), que é a união de seus poemas, contos e crônicas. Em 2019 lançou seu quarto romance: *O PROMOTOR*. Além disso, participa como coautora de 17 coletâneas. Atualmente dedica-se a elaboração de seu quinto livro que terá como título: "O PROMOTOR 2".

A FUGA

Está na mídia e não sai dos meus pensamentos, a imagem das pessoas deslocando-se, movendo-se, fugindo, batendo retirada de seus lugares de origem, atravessando fronteiras, fugindo da fome, da guerra, do desemprego, da escassez de saúde, educação, infraestrutura e emprego.

E eu aqui, neste país tropical e abençoado por Deus, fazendo torcida para que nossos governantes saibam cuidar das finanças e economias desta nação.

Quem me dera ver o encolhimento das despesas públicas como fim do cartão corporativo, redução da quantidade de ministérios, assim como do número de cargos auxiliares! Não deveria haver cargo por indicação; mas através de concurso para trabalhar nos órgãos públicos, em todos os níveis: federal, estadual e municipal.

Quem me dera ver os políticos trabalhando pelo bem da comunidade e não para encher os próprios bolsos! E se reduzíssemos seus salários pela metade? Certamente permaneceriam apenas os que querem trabalhar em prol da sociedade.

Quem me dera ver meus irmãos brasileirinhos serem atendidos em hospitais e postos de saúde equipados, sem filas e com equipes de médicos e enfermeiros treinados e bem remunerados!

Quem me dera ver as escolas públicas ensinando como há quarenta anos, quando, além dos textos dos livros, instruíam lições de cidadania, a respeitar os adultos, aos professores, aos pais, enfim, moldavam com firmeza e dignidade, a índole dos jovens com a finalidade de formar adultos de bom caráter.

Quem me dera ver o homem do campo ser devidamente recompensado pelo esforço de sol a sol, com preços moderados no maquinário, na semente e no adubo, assim como com preço justo ao vender sua produção.

Quem me dera ver cidades com ruas sem buracos, bairros iluminados, casas com luz elétrica e água encanada, esgoto, recolhimento de lixo, enfim, infraestrutura básica em funcionamento.

Quem me dera ver o fim dos conflitos, o fim do desemprego, o fim da violência, o fim do tráfico, o fim de furtos, roubos e assaltos.

Quem me dera o povo aprendesse a votar!!! Votar conscientemente sem aguardar, em troca, presentinhos, churrascos, dentaduras, cestas básicas, etc.

Quem me dera ver alegria no lugar da tristeza; amor no lugar do ódio e rancor; esperança no lugar do desânimo e descrença; sorriso no lugar das lágrimas!

Quem me dera ver o bem triunfar e o mal se esvair!

Oxalá tudo isso aconteça!

Não quero ter que sair do meu país!

Tomara.

Nota da Autora:
Texto premiado em 3º lugar no Concurso ALPAS/2017

ABANDONADA NA ESCADARIA

Tenho dezessete anos. Já devem ser mais de dez horas da noite. Não tenho certeza, pois saí as dez da escola e já faz uns quantos minutos que aqui estou. Onde? Sentada na escadaria do prédio da Escola J. M. Coloco os livros no degrau da escada e sento-me sobre eles, esperando pela carona de meu pai.

A escola J. M. é enorme. Ocupa um quarteirão inteiro. Ao subir essa escadaria com vinte degraus (contei-os enquanto espero), chega-se num saguão chamado de Sala de Espera. Quem aí espera para ser atendido pela diretora, fica rodeado de fotos de ex-professores homenageados.

Passando por esse saguão, chega-se numa bifurcação: à esquerda, longo corredor com vinte salas de aula e a direita também. Em frente da bifurcação, uma longa escadaria que leva ao segundo andar igualzinho ao primeiro. Isso é somente uma ala da escola. Nos fundos existe um grande pátio com área de lazer e quadras para prática de esporte. Cercando esse pátio, surgem mais três blocos com dois andares cada, contendo mais salas de aula.

Quem conhece a Escola J. M. sabe de sua imponência física e educacional. É uma escola mantida pelo governo estadual com educação pública de alto nível. Estudo no período noturno, pois trabalho como recepcionista num escritório de advocacia durante o dia. Curso o último ano do segundo grau e prestes a fazer as provas do Vestibular.

Ocasionalmente acontecia um fato engraçado: a porta da sala de aula se abria bem devagar, rangendo seus velhos e enferrujados parafusos. Olhávamos para a porta aberta e gritávamos num uníssono:

– ENTRA J.M.! ENTRA!

Nem os professores conseguiam conter o riso. Virou lenda! Quem estudou no J.M. sabe dessa brincadeira fantasmagórica!

Todos os alunos estão indo embora. Todos? Todos menos eu que espero sentada na escadaria. Vejo os professores e outros funcionários saindo também. Aceno para uns, converso com outros. A escola está ficando vazia. O silêncio aumenta. Escuto um barulho de interruptor sendo desligado e todas as luzes se apagam, com exceção da lâmpada que fica no lado de fora da escola. É a última funcionária que sai: Dona L., a bibliotecária.

Esquelética, alta, cabelos brancos pintados de louro ou louro pintados de branco. Não sei. As rugas do seu rosto são salientadas pelo excesso de maquiagem.

– Puxa! Você ainda está aí? Já são 22h30min e já foram todos embora! Vai ficar sozinha? Tem medo? Quer que fique mais um pouco com você? – pergunta ela ao deparar-se comigo na rua.

– Não, Dona L. Pode ir tranquila. Meu pai já deve estar chegando. Obrigada mesmo assim. – disse para tranquilizá-la, mas estava com medo de ficar só.

Dona L. vai em direção ao seu Fusca que a espera em frente da escadaria do prédio. É o último veículo a sair.

O luar está lindo, mas amedrontador. Céu preto tendo ao centro aquela lua enorme e muito brilhante que clareia mais ainda o granito branco da escadaria. Fico ali me sentindo como o centro das atenções: iluminada pelo luar, numa escadaria branca e rodeada de escuridão e silêncio por todos os lados. Centro das atenções de quem? Não há pessoas na rua e nem veículos!

– Só falta o J.M. aparecer aqui. Vou falar para ele: "SENTA J.M.! SENTA!". Vamos ficar batendo papo *prá* passar a hora mais rapidamente! (O que o medo faz a gente pensar!).

O tempo continua passando. Escuto vozes e risadas. É um grupo de rapazes que se aproxima da escola, caminhando pelo meio da rua. Vêm rindo, gritando, chutando as lixeiras e derrubando os lixos nas calçadas.

– Tomara que não me vejam. Agora não dá mais tempo de sair desta claridade e ir para um canto mais escuro. Eles vão perceber que estou me escondendo. – penso apavorada.

O grupo passa olhando-me. Murmuram como se estivessem combinando algo.

– Será que vão me assaltar?

Continuam caminhando até a esquina, onde termina o prédio da escola. Ali ficam parados por uns dez minutos, olhando para mim e conversando.

– Estou "fu..."! Eles vão vir para cá. Tenho certeza. O que posso fazer? Para onde vou? Será que dá tempo de sair daqui e caminhar até a esquina oposta sem chamar a atenção deles? Paizinho, onde o senhor está? Será que se esqueceu de buscar sua filhinha querida na escola?

Ao terminar esse pensamento, escuto um barulho de carro que passa na esquina.

– Tomara que esse carro vire para cá. Se virar, deve ser meu pai. Vou fazer pensamento positivo.

O carro vira na esquina, mas passa em alta velocidade em frente à escola.

– Que "mer..."! Não era meu pai. Não sei se estou apavorada, triste ou com raiva.

Já passa das 23 horas. Outro carro vira a esquina. Meu coração dispara de alegria e alívio ao reconhecer o carro de meu paizinho. Levanto-me da escadaria e corro até o carro que já está estacionando. Aproximo-me e vejo que meu pai está no banco do carona e quem está dirigindo é meu tio E.

– Nossa! Que alegria em ver vocês! Como demoraram!

– Filha, você esqueceu que seu tio E. estava chegando de viagem? Ficamos conversando... conversando... e nem vimos o tempo passar! Desculpe pelo atraso.

– Oi sobrinha querida! Quanta saudade! A culpa foi minha, viu? Comecei a falar e não parei mais!

– Tudo bem, gente! Não há problema algum, mas vamos sair logo daqui. Estou morrendo de vontade de chegar ao aconchego do nosso lar. – disse aflitamente, olhando para o lado oposto de onde estava o grupo de rapazes.

Nota da Autora:
– 1º lugar Concurso Castro Alves 2018 da ARL
– Conto escrito em fevereiro/2014
– Publicado no blog: simonepossasfontana.wordpress.com.br
– Publicado no site: www.recantodasletras.com.br

A VIDENTE

Fernanda e Tânia são colegas no mesmo escritório. No final de semana saem para festas, bares ou pizzarias. Numa dessas festas, conheceram um rapaz magrinho com cerca de dezessete anos, moreno, barba rala, tatuagem nos braços e brinco numa das orelhas. Suas vestimentas destoavam do restante dos outros homens já que era aniversário de um jovem advogado e este havia convidado colegas do Forum, do Tribunal de Justiça e escritórios de advocacia. Os convidados e o aniversariante trajavam calça, camisa e sapatos sociais, alguns ainda estavam com blazer; outros, mais acalorados, de mangas de camisa. Conforme o tempo foi passando, a conversa fluindo, o volume das conversas e o calor foram aumentando, as mangas das camisas foram sendo enroladas nos braços, as gravatas foram retiradas, mas isso não diminuía a elegância dos advogados.

O rapaz magrinho estava de tênis velho, calça jeans, camiseta muito usada e boné com a aba virada para trás. Tânia notou a diferença, mas não se importou. Fernanda notou e ficou com um pé atrás.

– Você vai dizer que sou preconceituosa, mas esse rapaz aí é bem estranho, não? – diz Fernanda apontando o magrinho com o queixo.

– É... Achei que ele é um estranho neste grupo, mas no grupo dele não destoaria nadica.

– E qual é o grupo dele?

– Ora Fer, percebe-se de cara que ele é um morador de uma comunidade pobre, né? – responde a intelectual Tânia.

– Mas até que é bem bonitinho...

– Hã hã. Venha comigo. – fala Tânia, já puxando a tímida Fernanda pelo braço e encaminhando-se até o magrinho.

Contando com o desembaraço de Tânia, logo os três novos amigos já estavam em animada conversa. O papo não fluiu com temas de alto padrão, tendo em vista que a diferença cultural era grande, mas o que fez com que as moças permanecessem na prosa foi o que ouviram do magrinho.

Fernanda e Tânia não se lembram de como foram parar nesse assunto, mas após alguns drinques, estavam cochichando sobre adivinhar o futuro. E o magrinho disse:

– Minha avó é vidente! E das boas!

– É? – gritaram as duas.

– Vixe se é! Tem um montão de freguesas que saem daqui das "grãfinage" e vão lá pedir conselho prá velha.

– Ah Tânia! Sempre tive vontade de fazer umas perguntinhas para alguma vidente, mas você sabe, né? Sou uma medrosa. – disse Fernanda timidamente.

– Onde mora sua avó? – quis saber Tânia.

– É logo ali depois dos trilhos. Querem ir lá agora? Ela vai dormir sempre por volta da meia noite. É cedo ainda! Levo vocês lá.

As duas se olham. Tânia percebe o medo nos olhos da amiga. É o medo do desconhecido, da escuridão.

– Vamos sua boba. Não temos nada a perder. Essa é sua oportunidade. – fala Tânia, a despachada.

Os três saem do clarão da festa, para a escuridão da rua. Caminham um quarteirão, atravessam os trilhos do trem, viram à esquerda e ali já não tem mais asfalto e nem calçamento nas ruas. São ruas de terra batida. Caminham mais uns quatro quarteirões. A escuridão é quase total, já que a maioria das lâmpadas dos postes de iluminação pública está queimada.

– Falta muito? – indaga Fernanda com os olhos arregalados, já quase se arrependendo desse passeio noturno.

– Não. Já estamos quase chegando. Estão vendo aquela casa lá? É a casa das primas! Minha avó mora quase em frente – diz o magrinho apontando para uma casa vermelha com o muro vermelho.

– Suas primas? – quis saber Fernanda.

– Não, sua boba! – responde rindo sua amiga Tânia. – Casa das primas é como se chama a casa das quengas, das mulheres da vida. Entendeu?

Os três caminham mais um pouco e chegam numa casa bem humilde, com pintura gasta pelo tempo, com o muro e as paredes sujas de manchas de umidade. O magrinho abriu o portão velho de madeira e foram entrando num corredor escuro ao lado da casa, até chegar na porta dos fundos que estava aberta. Entraram.

Ali encontraram uma sala pequena, iluminada por uma fraca luz amarela. Calor. Muito calor. Cheiro de comida e suor. Sofá rasgado coberto por uma manta velha, mesa para refeições com quatro cadeiras. Tudo velho e pobre. No fogão velho, a mãe do rapaz magrinho terminava de esquentar o leite e preparar as mamadeiras dos gêmeos.

– Chegou? Demorou, ein? Tava boa a festa dos bacanas? – a mãe perguntou já levando as mamadeiras e as crianças para o quarto, sem nem esperar pela resposta do magrinho.

– Vó! Trouxe duas amigas que querem conhecer a senhora. – diz o magrinho dirigindo-se para uma senhora numa cadeira de balanço.

– Oh! Que lindas suas amigas! Venham meninas! Aproximem-se! Não precisam ter medo desta velha feia! – diz rindo, com hálito de alho e mostrando a boca sem dentes. A avó era magra no rosto enrugado e gorda da cintura para baixo. Usava uma blusa estampada bem colorida, com babados nas mangas curtas e no busto; saia vermelha, longa e rodada. Nos pés, chinelos corroídos pelo tempo e unhas com esmalte descascado na cor vermelha. Seus longos cabelos grisalhos e desgrenhados estavam presos num coque quase desmanchado.

Depois dos cumprimentos, a avó se levanta e diz:

– Me acompanhem. Vamos até minha salinha preferida. É meu "atelier", como disse uma freguesa.

Encaminham-se para outra peça da casa, que não tem porta, mas é dividida por uma cortina de chita colorida, suja e ensebada. A avó segura a pobre cortina para as jovens entrarem.

– É agora... – pensa Fernanda. – Não vejo a hora de tudo terminar e sair daqui correndo. Não gostei nada deste lugar. Povo meio estranho. Estou com medo.

– É agora... – pensa Tânia. – Nunca acreditei em videntes, mas já que estou aqui, porque não? Aí deve ter uma mesinha com uma bola de cristal, velas e baralho...

Entram na sala e se deparam com uma jovem magra que está experimentando um vestido bege com listas douradas.

– Gostaram de meu vestido novo? Está ficando lindo, não? Minha mãe é que está costurando para eu ir numa festa! – diz sorridente a irmã caçula do rapaz magrinho, dando uma volta em torno de si, fingindo estar desfilando.

– Lindíssimo! – as moças concordam.

(Continua mais tarde ou você pode terminá-lo para mim. Aceita o desafio? Aguardo sugestões).

CADA QUAL COM O SEU CADA QUAL

Cada macaco no seu galho, cada um com seu cada um, cada um na sua, cada um no seu quadrado, cada qual com seu cada qual... Não importa o jeito que se diga, são expressões populares que significam que cada pessoa deve preocupar-se apenas com aquilo que lhe diz respeito.

As pessoas são diferentes umas das outras no modo de ser, de pensar, de existir e, portanto, cada um age de uma maneira. Não precisamos ser todos iguais; não precisamos concordar com o que o outro faz, mas principalmente, não deve nos interessar o que o outro faz, pelo menos não deve ser importante a ponto de nos tirar o sono e nos deixar irritados: cada qual com seu cada qual!

Observando-as, consegui identificar dois grupos, que aqui vou chamá-los de grupo 1 e grupo 2.

No grupo 1 podemos encontrar pessoa:

– que se sente superior ao outros;

– que ordena, pois não sabem pedir;

– que elogia com falsidade e/ou ironia;

– que presenteia com intenção de comprar sentimento;

– que doa o pão, mas não aperta a mão suja do pobre;

– que não demonstra afeto através de um abraço (não se sente bem com contato físico);

– com palavras ásperas que ferem como o fio da espada;

– infeliz, triste, incompleta e sugadora;

– pessimista, solitária, amarga e amargurada;

– irritada, mal humorada, depressiva e baixo astral.

Se fosse personagem de estória em quadrinhos, seria aquela pessoa que sempre tem uma nuvem negra sobre sua cabeça, semblante fechado, carrancudo, sem sorriso. Está sempre de mal com a vida e com todos. Pessoa desse grupo 1, muitas vezes nem percebe que assim é, mas trata os outros com superioridade, desprezo e arrogância. Sofre sem perceber!

Mas, como diz o título desta crônica: cada qual com seu cada qual!

No grupo 2, encontrei característica de pessoa:

– que sabe pedir com educação e humildade;

– que elogia com sinceridade e com intenção de agradar;

– que presenteia por prazer;
– que doa com alegria (se não doar, entristece);
– que se utiliza de palavras amáveis e enaltecedoras;
– otimista, feliz, completa e desprendida;
– bem humorada, alto astral e em paz;
– sorridente e rodeada de amigos sorridentes;
– amorosa, afetuosa e com abraço apertado.

A pessoa do grupo 1 não aceita a pessoa do grupo 2; tem inveja, ciúme, desprezo, repulsa. Não consegue entendê-la! Não acredita que possa existir alguém assim. Acha que é tudo fingimento. Então critica, critica e critica a pessoa do grupo 2.

Cada qual com o seu cada qual!

A pessoa deve reconhecer o seu lugar, sem se intrometer em assuntos alheios, dos quais não lhe compete, ou seja, "cuide de sua vida que eu cuido da minha". Cada um com seus problemas. Sempre respeitando a todas as diferenças: não importa se usa sandálias no inverno e botas no verão; se mistura prata com ouro ao se enfeitar; se gosta de sair para se divertir com um grupo de amigos ou prefere se divertir sozinha; se usa roupa artesanal ou de grife famosa; se bebe vinho importado ou vinho de mesa; se usa salto ou chinelo; com maquiagem ou sem maquiagem; se prefere fruta gelada ou natural; se tem bom gosto ou não; se é gordo ou magro; baixo ou alto; pobre ou rico, e por aí vai.

Cada qual com o seu cada qual!

Observando mais introspectivamente sinto-me feliz ao fazer parte do grupo 2 e digo à pessoa que se identificou como sendo do grupo 1:

– Abra um sorrisão, desarme-se e venha para o grupo 2! Aqui são todos bem-vindos! Mas não quero lhe incomodar. Não critico! Se preferir, continue como está. Afinal... Cada qual com o seu cada qual!

CALCE TÊNIS

Estava lendo a interessante crônica "Alexandria – A Queda", do Francisco Marshal, no suplemento DOC do jornal Zero Hora de Porto Alegre, a qual fala de um livro chamado "A Biblioteca Desaparecida", do Alexandre Cânfora. Pensando sobre tudo isso: Alexandria, bibliotecas, livros, importância da leitura como fonte de desenvolvimento... Resolvi escrever um texto.

Como eu procedo para escrever um texto? Vou juntando e largando num papel, ou melhor, no computador, palavras toscas, rústicas, soltas, que parecem sem sentido, mas são as palavras principais, essenciais. Depois que larguei todas essas palavras, formo frases e pego essas frases e junto com as palavras toscas. Para isso acontecer não posso ter interrupção; tenho que ficar concentrada. Vou formando essas frases na minha mente e vou juntando nas palavras toscas, até formar um texto.

Até que fui interrompida:

– Dona Simone o que a senhora acha de eu descongelar um peixe para o jantar de hoje?

Não sei nem o que eu vou comer no almoço! Vou ficar preocupando-me com o jantar? – penso comigo.

– Neguinha, estava pensando em ligar para X e Y para sairmos amanhã a noite e tomarmos uma cervejinha. O que acha?

O que eu acho? O que eu acho é que não posso simplesmente ficar sem responder para pessoas tão queridas! Não consigo ficar concentrada num texto e deixando pessoas ao meu redor tentando falar comigo e eu colocando uma parede invisível entre nós. Não posso. Não consigo fazer isso! Facilmente desconcentro-me do texto e respondo às pessoas que estão a minha volta aguardando pela minha resposta, mas isso faz com que eu perca o fio da meada.

Como fazer para retornar ao fio da meada? Tentei relembrar as frases que eu precisava juntar nas palavras toscas, mas as frases não vieram! Levantei e pensei:

– Quem sabe se eu fumar um cigarro ou um charuto, servir um uísque e ir à sacada e olhar para o Mediterrâneo como vi fazer em um filme do Hemingway? Não dará certo porque aqui não tenho o Mediterrâneo. Não

fumo. Uísque talvez. De vez em quando. Ou um vinho? Mas isso não iria fazer as frases voltarem à minha mente.

O que mais posso fazer? Já sei, pensei comigo. Calçarei tênis! Isso! Vou calçar tênis e ir para a rua caminhar. Pensar na vida; pode ser que as frases voltem.

Foi o que fiz. Calcei o tênis e andei cerca de dez quarteirões. Fui indo... Indo... Fiquei relembrando de todas as palavras toscas e de todas as interrupções, mas as frases não vieram; as benditas frases que eu preciso juntar nas palavras toscas!

Ao final dos dez quarteirões, já cansada de caminhar, abaixei minha cabeça quase encostando nos joelhos, dei uma esticada, uma alongada no corpo, retornei a posição inicial, respirei fundo uma meia dúzia de vezes... Enchia o pulmão e soltava... Fui me acalmando... Retornei para casa... Mais dez quarteirões de retorno. Lembrei-me das palavras toscas e não é que as frases foram surgindo?!? As frases foram se moldando na minha mente; foram se juntando nas palavras toscas e foi formando aquele texto inicial; exatamente aquele que eu queria! Pronto!

Essa é uma tática superpoderosa para resolver alguns problemas: calce o tênis! Não está conseguindo dinheiro para pagar as contas? Calce tênis. Está com falta de concentração para estudar? Calce tênis. Tem alguma questão para resolver? Calce tênis. Alguma dúvida para esclarecer? Calce tênis. Está difícil de explicar? Calce tênis.

Calce tênis e aproveite para olhar as árvores, escutar os pássaros, desejar um bom dia e conversar com as pessoas que encontrar em seu caminho.

Calce o tênis e libere a endorfina e a serotonina que são analgésicos naturais produzidos com a atividade física, dão aquela sensação de bem-estar, regulam as emoções, reduzem o estresse e a ansiedade, enfim trazem a tal felicidade!

Eu calcei o tênis e resolvi meu problema!

Retornando ao conjunto de palavras toscas, já estava quase chegando em casa e pensando:

– Vou para o computador e jogo todo esse texto que está pronto na minha cabeça.

Ao chegar em frente ao prédio onde moro, percebi que não tinha energia elétrica. O que será que aconteceu? O elevador não funciona. Como vou subir tantos andares pela escada após uma caminhada pesada como essa?

Vou dizer o que aconteceu: os danados de dois pombinhos apaixonados resolveram namorar nos fios de energia e deu um curto – ou seja lá o nome que for. Deu um estouro muito forte. Parece que queimou o transformador e a energia do prédio estava apenas em uma fase. E aí fiquei no térreo descansando e esperando a energia voltar ao normal.

E o meu texto? Irá todo para as cucuias de novo? Do jeito que sou desconcentrada, ele certamente sumirá da minha memória rapidamente. Será um fracasso! Já ia entrar em pânico quando lembrei que estava com o celular e aproveitei-me do gravador de voz e salvei o texto! Ufa!

DESABAFO

Na sexta-feira já estava triste com a situação que certas pessoas passam. Sentindo-me apática por não poder ajudar. Decepcionada e desiludida com o universo!

O final de semana chegou e permanecia pensativa, meditabunda e com raiva de mim e do mundo:

– Que ódio! Porque enquanto uns são milionários outros são tão paupérrimos? Porque enquanto uns se esbaldam em jantares exóticos com comidas que nem sei pronunciar o nome correto, outros têm de ficar em filas de bandejão aguardando comida doada por irmãos solidários? Porque enquanto uns se embriagam em festas com excesso de uísque importado, outros nem água têm para beber? Porque enquanto uns se vestem com roupas de grifes famosas e caríssimas, outros se utilizam de farrapos? Porque essas diferenças tão grandes e tão cruéis?

Quanto mais pensava, mais me martirizava, me atormentava e me padecia. E consequentemente, mais ficava indignada e triste ficava:

– Isso não está certo!

Desde pequena aprendi que os extremos e o excesso não fazem bem. Tem que ser meio termo. Assim vivi; assim me criei e concordo com esse tipo de pensamento e de vivência! Nem oito e nem oitenta! Na média. No equilíbrio das coisas! Nem tão quente e nem tão frio: morno. Nem tão baixo e nem tão alto: médio. E assim por diante.

Aprendi que devemos manter em equilíbrio: o físico (corpo), o emocional e a mente (alma).

Ah se esse equilíbrio e igualdade acontecesse na sociedade! É essa diferença social que me incomoda, me perturba e me faz sofrer! Fico com essa dor por dois motivos: primeiro por saber da existência desse desequilíbrio desumano e o segundo motivo (o mais forte deles) é por não poder ajudar; sinto-me impotente e fraca perante essas desigualdades! Estou decepcionada e desapontada com a humanidade.

A tristeza e a angústia foram minimizadas ouvindo as sábias palavras do mestre padre Afonso de Castro: perseverança e gratidão. CLARO! É ISSO MESMO! Não devo deixar me abater se estou desapontada com o pouco retorno obtido! Devo ser grata por ter condições de puxar à frente

campanhas de agasalhos ou qualquer outro tipo de doação! Devo ser grata às pessoas que estão me incentivando! Devo ser grata às pessoas que colaboram!

Fico muito mais tranquila e sossegada sabendo que dá para amenizar a dor dos menos favorecidos com ajuda humanitária, doações de roupas, calçados, cobertores, comida, etc. Nem tudo está perdido. Perseverança e gratidão! Feliz novamente!

DEU BRANCO

Hoje amanheci em branco; mente vazia.

E agora? O escritor Pedro Mattar sugeriu-me: escreva sobre atualidade, crônicas com cerca de quatro mil caracteres. Tá. E daí? Como farei já que sumiu tudo da minha cachola? Não posso entrar em desespero. Política? Corrupção? Saúde? Futebol? Segurança Pública? Meu Deus! Não sei! Não consigo pensar!

Isso me faz lembrar um texto que escrevi aos dezessete anos de idade, intitulado Futuro Poeta, que transcrevo a seguir:

"Não sei sobre o QUE escrevo.
Talvez fale das matas e dos rios.
Também não sei se devo
Falar do verde e do ar puro.
Será que todo mundo viu?
Não sei PORQUE escrevo.
Talvez para desabafar,
Talvez um pouco de medo
Que tudo irá acabar.
Não sei ONDE escrevo.
Será em casa, na rua,
No quintal, no arvoredo?
Minha cabeça não é a mesma.
Será melhor a tua?
Não sei QUANDO escrevo.
Ao clarear ou entardecer?
Será tarde ou será cedo?
Será antes do padecer?
Não sei COMO escrevo.
Será em verso ou em prosa?
Não quero parecer um peso,
Nem quero ficar famosa.
Não sei o QUANTO escrevo.
Verso muito ou verso pouco?
Demais não sei se devo;

Serei considerado um louco.
Tentarei de várias maneiras
Escrever, pois estarás lendo.
Cuidarei não sairá besteira,
Pois gentil estarás sendo."

Naquele tempo de minha juventude até poderia dar a desculpa de não escrever por não ter muito conhecimento da vida, e o pouco que havia vivido baseava-se apenas no trabalho durante o dia num escritório de advocacia e a noite cursando Faculdade de Letras na FURG, em Rio Grande-RS.

Hoje em dia isso não procede. Não posso mais usar esse pretexto, já que este "corpitiu" tem vasta experiência de vida. Espero sinceramente que esse marasmo de pensamentos seja breve, apenas um lapso, uma preguiça no pensar, um descanso para o cérebro, um ócio para a mente.

Tudo isso por causa de quê? Aflição causada pela estreia num jornal! Afe! Quero escrever muito e sobre tudo, mas nada vem! Desejo que as idéias repentinas e espontâneas venham com furor, brotem com exaltação, entusiasmo e frenesi!

Sendo assim, *"vambora pro computa trabaiá*"! Ops! Traduzo: Vou rapidamente para o computador deixar a indolência e a lentidão de um lado; a moleza e a morosidade para o outro e, em frente: uma crônica construída com rapidez e diligência; um texto produzido com cuidado e sensibilidade; uma atividade elaborada com ânimo, coragem e vontade. Em breve nas melhores casas do ramo! Aguardem-me! Volto logo!

DIA DO BIÓLOGO

– Pai! Olha que lindo o rabinho que a lagartixa deixou para mim! – gritei na inocência dos meus seis anos.

– Oh, minha filha. Venha cá. Senta aqui no colo do pai. Vamos conversar. – disse meu pai pacientemente.

– Tá. – sorridente confirmei.

– As lagartixas soltam o rabinho para fugir das pessoas. É seu modo de defesa. Esse poder que elas possuem de se regenerar, também traz sofrimento.

– Éééééé?!?!? – exclamei com sentimentos entre tristeza e espanto.

– É, sim!

– Buáááá! Eu não quero mais maltratar as lagartixas! Buáááá!

– Tá bom, filha. Tá bom. Sei que você não queria machucá-la. Pensava apenas que era uma brincadeira.

– Pai... Juro que nunca mais vou maltratar os animais de todo o mundo! E as plantinhas também! – prometi entre soluços e suspiros.

Esse foi o momento em que mais me aproximei dos membros da fauna e da flora. Minha vida deu um giro para o mundo das letras e afastei-me dos animais e plantas (com exceção apenas para meus vasinhos de violeta, exória e jibóia).

Ainda bem que outras pessoas optaram pela biologia – ciência que estuda os seres vivos, desde uma escala molecular até o nível populacional, bem como a interação da vida com seu ambiente físico-químico. São os biólogos.

Os biólogos estudam a vida nas mais variadas escalas. São cientistas da área da biologia que desenvolvem seus estudos por meio do método científico, trabalhando em laboratórios de pesquisa, laboratórios de rotina como os de biologia clínica, campos abertos como savanas, florestas e todo lugar onde há vida para ser estudada.

Dia 03 de setembro comemora-se o Dia do Biólogo. Para eles, meus parabéns e agradecimentos por cuidarem de quem eu não cuido: a flora e a fauna. Conto com vocês amigos biólogos!

ANTÓNIO JOSÉ BARRADAS BARROSO

Conheci o António, virtualmente, e assim o conheço até hoje. Na ocasião eu havia criado na Academia Rio-Grandina de Letras o Concurso Literário Internacional Castro Alves e António foi um dos participantes daquela primeira edição. Ele foi premiado. Eu gostei tanto da poesia dele que passamos a nos contatar e neste dialogar nos tornamos amigos, embora entre nós esteja o Oceano Atlântico. Esta imensa extenção de água por suas ondas que vem e que vão, se encarregaram de fortalecer a amizade que com o tempo tornou-se cada vez mais forte enre nós dois. E assim, convidei-o a participar da Academia como Membro Correspondente. Fiquei muito feliz por ter aceitado e depois de percorrer os trâmites prescritos nos Estatutos da Academia, António foi aceito por unanimidade em uma reunião pelo sodalício, tornando-se então meu Afilhado. Continua a participar do Concurso, agora na categoria Membros Correspondentes e tem sido sempre classificado entre os primeiros lugares. Tive o prazer de publicar extenso material literário de sua autoria na página da Academia, no Jornal Agora, semanalmente, até o fechamento do Jornal em março do corrente ano. Ter meu Afilhado António nesta Antologia. Ter meu Afilhado António nesta Antologia me é especialmente gratificante por ficar, para todo sempre, o registro de nossa afinidade que a Literatura nos proporcionou.

Nascido em Vila Viçosa, Portugal, em 1934, casado, com dois filhos e três netos. Estudei no Instituto Militar dos Pupilos do Exército, donde transitei para a Academia Militar. Sou, hoje, oficial do Exército (coronel) na situação de reforma. Por influência do meu professor de português, cedo me dediquei à poesia. No entanto, as minhas constantes comissões militares em Angola, Guiné e Moçambique, levaram a que perdesse tudo aquilo

que tinha produzido até 1971 por, na minha última comissão, se ter extraviado uma mala que continha todo o meu trabalho. Mais tarde, filhos e netos "obrigaram-me" a utilizar os meios informáticos para armazenar tudo aquilo que fosse congeminando, e pressionaram-me a mandar poemas para concursos e jogos florais o que passei a fazer desde 2006 tendo recebido um pouco mais de quatrocentos prémios, com cerca de metade em primeiros, segundos ou terceiros. Sou autor de dois livros impressos "antes que chegue o inverno" e "Saudades tecidas pelo tempo" e mais sete livros artesanais "só…só…sonetos", "Cavalgada de rimas", "Cascata de versos", "Andam canções a voar", "Novelas", "Crónicas" e "Os meus contos". Sou ainda sócio correspondente das Academias Rio-Grandina de Letras e Cachoeirense de Letras e do Clube dos Poetas Livres, todos no Brasil, e dos Confrades da Poesia, em Portugal.

O CAMINHO

Se o sonho terminar sem mais paixão,
É percorrer um tão longo caminho,
Sem uma companhia, tão sozinho,
Que a vida passa a ser uma ilusão.

Porém, se alguém nos diz, com emoção,
Palavras de conforto e de carinho,
É como encher um copo de bom vinho
Para beber durante a refeição.

Palavra de carinho que se abriga
Numa voz que se escuta, nossa amiga,
Na doçura da paz que tudo acalma,

É bálsamo, milagre que nos cura,
E que transforma em dia, a noite escura,
Para se ir alojar bem dentro de alma.

POETA AMARGO

Faço versos por prazer,
no anonimato,
são como um auto retrato
que acaba por se meter
no álbum das recordações.
De quando em vez,
mostram-se a um amigo,
só para que ele veja
um sonho antigo
ornado de ilusões.
Se ele boceja,
sinal evidente
do tédio que o domina,
põe-se uma folha por cima
e guardam-se, novamente.

Mas eu não desisto
e, não sei bem porquê,
ainda persisto
em fazer versos
que ninguém lê.

OLHOS FECHADOS

Fecharam-se os meus olhos, sem saber
Se, no mundo, inda existe uma ternura
Que afague um rosto triste, com doçura,
E que lhe adoce a face, com prazer.

Fiquei, de olhos fechados, sem querer
Quebrar só um pouquinho, esta amargura
Que magoa, que dói e que perdura
Para além do que pode e faz sofrer.

E, assim, permaneci, tempo infinito,
Sem um pedido, queixa, sem um grito,
Tentando vencer todos os escolhos.

Porém, senti que vinha, de mansinho,
Beijar-me, docemente, o teu carinho,
E pude, já sorrindo, abrir os olhos.

ESTRELA PRISIONEIRA

Certo dia,
com tremenda ousadia,
tomei uma estrela
e aprisionei-a numa mão fechada.
Ela, chorosa,
fez sair uma ponta luminosa
e pediu-me, com humildade:
– dá-me a liberdade
que, em troca, eu te darei
uma luz mais brilhante do que a minha.
Quando, finalmente,
a libertei,
retomou toda a beleza
e, fazendo sair outra pontinha,
com surpresa,
colocou-te à minha frente.

A VIDA...

Sou culpado, é certo, negar não posso,
Por muito amar a vida, tanto a gente,
Como o ar que se aspira, o chão que é nosso,
Ou os perfumes que sorvo, lentamente.

E nem mesmo o vendaval, em alvoroço,
Tentando transformar o que a alma sente,
Consegue calar todo o amor que eu ouço
Nesse vento que sopra, permanente.

Se a vida foi madrasta, traiçoeira,
Por vezes, falsa, outras, verdadeira,
Tão cheia de ciladas, de perigos,

Recompensou-me, agora, em demasia.
Não pode haver melhor, em cada dia,
Que ter, à minha volta, bons amigos.

QUANDO VOLTARES

Quando voltares
não sei se encontrarás alguém à espera,
ou então, se me encontrares,
seja noite ou seja dia,
seja Outono ou Primavera,
olha bem meus olhos, olhos tristes,
de cego profundo sem cão guia,
que já nem sabe bem se tu existes.
Quando voltares,
não tragas desculpas em farrapos
urdidas no desespero da solidão,
lança fora andrajos, rasga os trapos
que se enrolam no novelo
que cobre esse teu coração
feito de pedras de gelo.
Quando voltares
não rastejes, não supliques
para regressares
ungida dum falso arrependimento.
Eu nunca pedirei para que fiques
porque o amor que tinha, em demasia,
perdeu-se num minuto, num momento,
certo dia.
Quando voltares
não contes tua vida em tom de mágoa,
nem deixes cair a gota de água
dos teus olhos de mentira.
Se tiveres coragem, se ousares,
é uma página da vida que se vira
nesse preciso momento, nessa hora.
Se voltares,
vai-te embora.

O HOMEM ALENTEJANO

Pelico nos ombros, alma de artista,
Capote de aba larga, açorda à ceia,
Pra além do horizonte que ele avista,
Safões cobrindo as pernas, pão semeia.

Trabalho duro, agreste, de conquista,
Arado abrindo a terra que o rodeia,
Homem criança, força de alquimista,
Cumpre o destino, traça uma odisseia.

Se, na tarde bucólica, há sinais
Da calma que conduz a sua vida,
Em lânguidos cantares a dor projecta.

Se é na imensidão desses trigais
Que a lentidão do gesto é mais sentida
Então, findo o trabalho, é um poeta.

AS FLORES DO ALENTEJO

Na minha terra, as flores
têm, ainda, outros cheiros;
não serão mais fragantes
nem sequer mais ligeiros,
são, como direi, outros odores,
com alguns cambiantes,
que ficaram na lembrança
da distante mocidade;
são cheiros de ingenuidade
duma alma de criança.

E todas as flores cresciam
naquele chão seco, quente,
onde os torrões se perdiam
na mão, por entre os dedos,
que ficavam, subtilmente,
prenhes dum cheiro abafado,
como se muitos segredos
se combinassem, nas sinas,
para prazer das narinas
do transeunte apressado.

E a moça que, em varandim,
nervosa, mordia a flor
arrancada do canteiro,
sorria, dizendo sim,
corando toda de amor,
aquele que um dia inteiro
foi aceitando os rigores
do sol quente, de verão,
e lhe acenava com flores
beijadas com emoção.

Ah! E quando chovia!
Primeiro, um ponto castanho
na terra escura surgia;
depois, no lamaçal tamanho,
as flores todas molhadas,
mas já do sol agradadas,
volteavam em mil cores,
e de sorriso entre os dentes,
passavam moças, cientes
de arranjar novos amores.

Ele eram flores penduradas
nas janelas, reluzentes,
nos jardins, engalanadas,
pelos campos, pelo chão,
espalhando, suavemente,
um encanto, uma emoção
feitos de sons e cantigas,
que a alma de cheiros repleta,
retornava à predilecta
conquista das raparigas.

A rosa atirada a medo
duma furtiva janela,
era uma carta em segredo
que o jovem enamorado
apanhava, com cuidado,
pra colocar na lapela.
E o beijo dele era vê-lo
subir no ar, cheio de amor,
que ela colhia, em rubor,
para enfeitar o cabelo.

Ah! Flores de mocidade,
simples, em vasos, no chão,
cativas de toda a gente
ou vivendo em liberdade

nos campos, em profusão,
mas brilhando, humildemente.
Olhando-as, na tarde calma,
ante um sorriso fugaz,
reinava, no mundo, a paz
feita de sossegos de alma.

Brincavam, alegres, petizes,
em folguedos de criança,
pelas ruas empedradas;
as gentes eram felizes
com essas cores da esperança
por toda a parte espalhadas;
assim, ante o mundo inteiro,
juro que, entre tantos fragores,
no meu Alentejo, as flores
têm, ainda, outro cheiro.

O MAR

Contemplo o mar, ao longe, calmo e lindo,
Dum azul que não lembra tempestade,
Mar que é tão grande, um oceano infindo
Que leva e traz mensagens de saudade.

Beija as praias que as águas vão cobrindo
Das ondas mansas a espumar vaidade
Dum país onde o sol nasce sorrindo
Nas manhãs, ao romper da claridade.

As areias coloridas de dourados
Ocultam, de olhares, os namorados
Que ali se refugiam de quem passa,

Por isso, não me canso da cambraia
Das ondas que este mar rola na praia,
Este mar, este mar que nos abraça.

LENDA ALENTEJANA

Conta o povo, diz a lenda,
que uma moura encantada,
quando se foi, libertada
do feitiço que a prendia,
quis deixar, como prenda,
uma discreta oferenda
às gentes com quem vivia.

– Semearás o teu pão
nesses campos sem tamanho,
guardarás o teu rebanho
pelo vale ou pela serra,
e em preito de gratidão,
amarás cada torrão,
como um poeta da terra.

– Saberás que teu labor
teve só por recompensa
a paz honrada e a crença
que essas rugas de desgosto,
por muito sentida a dor,
foram lágrimas de amor
que te sulcaram o rosto.

– Quando velho, saberás,
mirando o azul do céu,
sob as abas do chapéu
que te cobre todo o ano,
que, na lápide, terás
o epitáfio: – Aqui jaz
um HOMEM alentejano.

A FÉ

A fé é a esperança, é um querer,
É quase uma certeza, uma alegria,
Um modo interior de se viver,
Um sonho que se tem por companhia.

A fé não tem razão, não tem saber,
Sente-se e não se explica em teoria,
É como um presente que se irá ter
Hoje, amanhã, depois, em qualquer dia.

A fé é promessa que não foi feita,
A prece que se espera ser eleita,
Um crer só por querer acreditar,

É a força alicerce deste mundo,
Último conforto do moribundo,
Algo que não se vê pra se alcançar.

DESPEDIDA

Na charneca adormecida
canta o melro, a cotovia,
e nessa terra parida,
nascem searas de vida
ao romper de cada dia.

Alentejo, esse horizonte
que se perde na distância,
é água fresca da fonte
que, um dia, correu do monte,
no tempo da nossa infância.

A faina traz os cantares
dos ganhões, nas caminhadas,
que com todos os vagares,
enchem de cantos os ares
em cadências compassadas.

Atrás, vai seguindo, terna,
nesse calor tão intenso,
a mulher de calma eterna,
com a saia atada à perna
e o chapéu cobrindo o lenço.

Gotas caídas no chão,
como chuva descabida,
são surpresas de verão
quando a minha comoção
as chora na despedida.

Assim, por onde passar,
seja estrada, seja atalho,
se alguém me vir a chorar,
eu digo, sem me voltar:
– lágrimas? – Não, é orvalho!

SONHOS

Olhaste para mim, tão sorridente,
Tão serena, tão terna e carinhosa,
Que, em sonhos, eu me vi beijando a rosa
Que se formava em tua face ardente.

A tarde era bucólica, era quente,
E enfeitada de tanta flor mimosa,
Que uma ave que, no céu, voava, airosa,
Trinava umas canções ao sol poente.

Se os olhos choravam, a alma ria,
Porque também se chora de alegria
Como um sonho trazido pelo vento,

E se há gotas na minha comoção,
Não te aflijas, amor, que apenas são
Lágrimas de feliz contentamento.

O TEU EXEMPLO

Meu pai,
disseste-me que um homem, em sua vida,
pode ser prestável sem ser servil.
Cumpri teu dito.

E que, perante um inimigo, na desdita,
deveria ser forte, mas não ser vil.
Creio, acredito
que também cumpri, usando de clemência
ainda que a ira, no peito, transbordasse
em fúria cega.

Meu pai,
também me afirmaste que uma ausência
traria sofrimento, se muito se amasse,
e nada o nega
pois já sofri, ainda que não soubesse
do muito, muito amor que, na alma, havia,
e que continua.

Ouvi-te que o labor honesto enobrece
quando o homem se realiza, com alegria.
segui também a ideia tua.

Meu pai,
ensinaste-me a ter sempre esperança
num porvir mais fraterno, mais risonho.
E eu esperei.

Quiseste que, com olhos de criança,
olhasse o mundo todo como um sonho,
e agora, eu sei
como é lindo ver toda a natureza
com a alma transbordando de amizade
pela vida.

Porém, de todos os anseios, a beleza
de teus ensinamentos, conceitos e bondade
é tão querida,
que te faço esta pequena confissão,
numa simples vaidade, mas tentando pôr
minha alma a nu:

– penso e sinto, com ternura e emoção,
que gostaria de ser, com muito amor,
tal como tu,
meu pai.

O TÉDIO

Levanto-me com tédio e, assim, me deito
Que a rotina domina o pensamento,
E fazer sempre o mesmo é um tormento
Que me faz dar mil voltas sobre o leito.

Se acaso, algo de novo surge a jeito,
Meus olhos brilham de contentamento
E grito ao sol, à brisa, grito ao vento
Obrigado, do fundo do meu peito.

Mas o tédio regressa, novamente,
E depressa se instala e que é presente
Fazendo eu tudo aquilo que fizer.

Porém, pra mitigar esta amargura,
Minha alma fica presa na ternura
Do beijo que me dá minha mulher.

PALAVRAS

Palavras, quero dizer-te muitas palavras,
mas apenas palavras belas
que, num sentir comovido,
se possam roubar às estrelas
pra ciciar no ouvido.

Palavras, que tenham o sabor
de frutas maduras,
daquelas
que sejam uma doce canção
e que, de tão singelas,
se gravam no coração.

Palavras, muitas, muitas palavras
que soem como hinos de Natal,
e que se brindam, sentidas,
depois de serem servidas
em copos de puro cristal.

Palavras, sim, palavras
que embalam, que animam,
que colhem, na vida,
poemas de amor,
e que rimam
na suave cadência da voz
que as balbucia.

Palavras que despertem desejos,
que possam mudar em beijos
orvalhos de madrugada;
que se entrelacem na hera
que sobe apressada,
mas sorri, esperançada,
nas manhãs de primavera.

Palavras que nunca digam adeus
como o eremita da vida
que, na montanha perdida,
só ousa falar com Deus.

Palavras, que façam corar
como papoila em seara,
que sejam raios de luar
na noite que já começa,
e eu possa construir uma tiara
p'ra te enfeitar a cabeça.

Palavras que nunca sejam adagas
de dois gumes;
que não se tornem azedas,
nem vagas,
nem alimentem queixumes;
apenas suaves, como as sedas,
ou carícias de veludo,

Palavras que sejam tudo
o que haja de mais belo.
Palavras, ditas com cuidado desvelo
Para, no despertar matinal,
Fazerem corar de prazer
Palavras, ah! Tantas, tantas palavras
que se calaram…
Palavras que, afinal,
ficaram…
… por dizer...

A PANDEMIA

Janela aberta, estático, me quedo,
Envolve-me o silêncio, mas tão triste,
Parece até que o mundo não existe
E, então, de olhos fechados, tenho medo.

É vírus que engendrou um tal enredo,
Que teima em avançar, e que persiste,
Que derruba barreiras e que insiste,
Pra todo o mundo, oculta o seu segredo.

E o povo, pra suster esta gangrena,
Ficou dentro de casa, em quarentena,
Enquanto uma vacina não resolve.

Sem ouvir uma voz, por mais singela,
Assim, me quedo, triste, na janela,
Por todo este silêncio que me envolve.

MATAR

Confesso que não consigo ver matar e ficar indiferente,
como se fosse coisa rotineira,
apenas por mero prazer, por uma vontade esquecida
que, mesmo que mais tarde se arrependa a mente,
não consegue retornar à vida
de nenhuma maneira.

Quando vejo, de espingarda ao ombro, um caçador
calcorrear os campos, sem parar,
sem se ater na grandiosa natureza
onde a árvore ou o arbusto se mostram em toda a sua beleza,
logo penso que àquele homem falta amor,
esse amor que ele não soube tomar
quando lhe cortaram o cordão umbilical
e, assim, pensando ele que é senhor de todo o mundo,
embrenha-se num longo pesadelo, e tão profundo,
que o leva a perseguir um animal
para matar.

E aquele nobre e lindo touro que nasceu livre, numa herdade,
que pastou toda a vida, pelos campos, sossegado,
guiado pela vara do campino,
e que, de repente, é enjaulado
num espaço exíguo, privado de liberdade,
onde, surpreso, desconhece que alteraram seu destino,
que vai a caminho da cidade
para ser exibido numa larga arena
e acabar por ser morto, e com aplausos, em faena.

Ah! Quando penso que o homem caminha pra a sua destruição,
que passa, pela vida, sem cultura,
que pode olhar o horizonte, mas que não tem a noção
que foi criado por arte suprema,
sinto, no peito uma tão grande amargura
que não há rima, não há verso, não há poema
que consiga a sua cura.

Por tudo isto, minha alma só sente
que não consegue ver matar e ficar indiferente.

LADRÃO INDIGENTE

Um ladrão indigente, pra sustento
Dum corpo emagrecido, escanzelado,
Sorrateiro, foi a um supermercado
E roubou uma lata de alimento.

Presente a um juiz que, em passo lento,
E de túnica preta subiu ao estrado,
Se sentou em cadeirão encastoado,
E sentença ditou ao réu atento.

– Não tem atenuantes o seu acto,
Assim, pra castigar tal desacato,
O condeno a dez dias de prisão.

– Que esta sentença o faça bem pensar
Que nessa senda não vai mais andar,
E dou por encerrada esta sessão.

LADRÃO DE CASACA

Há ladrões de casaca onde a brancura
No colarinho, é classe social,
Raros são os que vão a tribunal,
Todos têm tratamento de brandura.

Processo que os acusa, dura… dura…
O tempo necessário pra afinal,
Ultrapassar o prazo que é legal
Com o dinheiro roubado, sem procura.

Ladrão, com advogado a peso de ouro,
Vai-se rindo do alto do pelouro
E, se vai ser julgado, ouve a sentença

Que lhe vai conceder a liberdade
Pois juiz o condena, na verdade,
A uma simples pena, mas suspensa.

O MEU TEMPO

Olho o meu tempo e, por minha desgraça,
o tempo que passa
não olha pra trás,
e peço, ao tempo, com uma falsa promessa,
que passe, sem pressa,
que seja capaz.

Mas o tempo passou, passou sem me ver,
passou a correr,
sem dar um aviso,
num passo apressado, com ar de desgosto,
não tendo, no rosto,
sequer um sorriso.

O tempo, não para, não para um segundo,
envolve o meu mundo
num manto de idade
e, se o tempo é bitola, se o tempo é medida,
é velho, sem vida,
sem ter mocidade.

Não sei se há, no tempo, a pausa aparente
que tenha presente
um eterno amor,
porém sei que o tempo, duma alma insegura,
vai, com amargura,
esfumar-se na dor.

O tempo, como mito, é completo mistério,
passa sempre sério,
pois nunca chorou
mas o tempo, ah! o tempo, me deixa a pensar...
se paro de sonhar...
...meu tempo acabou.

MEUS POEMAS

Aceito, com prazer, louvor ao escrito
Feito, em qualquer altura, com poemas
Que abordam tantos, mesmo tantos temas,
Mas não queiram fazer-me um erudito.

Quando me chega um verso, fico aflito
Mas vou congeminando mil esquemas
Para rimar com outro, sem problemas,
E, a esta concordância, me limito.

Como abelha a colher mel, pra colmeia,
Meus versos são a simples odisseia
Dum abordar da vida, diferente.

Pedaços arrancados do meu ser
Que saltam e que pulam, a crescer,
E se juntam, por fim, na minha mente.

SÚPLICA

Meus versos lanço ao vento que, a soprar,
Vai dobrando as ramadas do arvoredo…
Lá vão eles… voando, sem ter medo…
Com a rima que os segue, a acompanhar.

E eu, ao vê-los partir, fico a cismar
Se levam pra bem longe, assim tão cedo,
Aquilo que eu escrevi… o meu segredo…
Que já me arrependi, por confessar.

Imploro, então, que anulem a viagem,
Que regressem, após breve paragem
Num doce entardecer, cheio de calma.

Voltem, sem atropelos, à nascença,
Venham, que a saudade é já imensa,
Alojar-se, de novo, dentro da alma.

ACTO FINAL

Não lamento chegar ao fim da vida
No entanto, tenho pena de a deixar,
Com tanta, tanta coisa, pra acabar,
Que minha alma se sente já perdida.

Como a poesia, em forma tão querida
De só meus sentimentos expressar,
Queria inda eu poder continuar
Numa causa que muito me é querida.

Num só verso, resumo o que desejo,
Palavra de amor, com um terno beijo,
Um sonho, uma ilusão, ou fantasia.

Assim, se minha vida prolongasse,
Podia ser que o tempo me deixasse
Levar versos pra minha companhia.

NASCIMENTO

Surge o poema
se a folha se agita
na árvore, defronte da nossa janela.

Surge o poema
se a criança que grita,
com fome e descalça, na rua gelada,
olha p´ra tudo, com olhos de nada,
e sente que o nada, o nada é só dela.

Surge o poema
se a luz do luar
ilumina o par, no banco da praça.

Surge o poema
se o sol, a brilhar,
doura a seara, ondulando ao vento.

Surge o poema
quando o pensamento
se queda na ave que voa e que passa.

Surge o poema
quando, na alma,
há paz e sossego, existe esperança.

Surge o poema
se o mar, com calma,
se vai desfazer na areia da praia,
ou quando a moça, de rodada saia,
baila sozinha uma estranha dança.

Surge o poema
se o ar matinal
é fresco e suave, com cheiro a flores.

Surge o poema
se, no roseiral,
se ouvem cânticos todos os dias.

Surge o poema
se as melodias
tecem momentos repletos de amores.

Surge o poema
ao calor da chama
dos anos da vida, num bolo caseiro,
mas todo o poema é mais verdadeiro
quando o amor descobre os sabores.

Surge o poema
quando se ama.

DANIEL COSTA DOS SANTOS

Daniel é meu Sobrinho, por isso o acompanho em sua caminhada pela trilha do saber desde o ensino fundamental e sua formação superior. É um profissional por excelência nas áreas que ele atua. Vez por outra, em momentos de descanso de sua extensa tarefa quotidiana, solta-se no universo das letras e escreve poesias, também, com mais frequência, prosas. Sou seu constante admirador e isto me levou a convidá-lo a pertencer ao quadro de Membros Correspondentes, da Academia Rio-Grandina de Letras. Feliz com o seu aceite, tomei o devido caminho dos Estatutos da Academia e fiz sua indicação. O processo foi avaliado em uma reunião do sodalício e aprovado por unanimidade. A partir de então, passou a ser o meu Afilhado Cultural na Academia.

Daniel Costa dos Santos, natural de Rio Grande/RS e reside em Curitiba/PR desde 1996. Professor universitário e atua em áreas da Filosofia, Ciência e Tecnologia. Apreciador das Artes.

MARSEILLE

...o sangue não morre...

Eram quase 19 h e o entardecer estava agradabilíssimo naquele verão mediterrâneo. O vento havia serenado. O sol ainda estava presente, mas as pessoas já andavam mais calmas pelas ruas. Era domingo e a noite que se aproximava já acenava com suavidade, fazendo crer que haveria ainda momentos que propiciariam o descanso da alma até o encerramento daquele dia.

Eu estava faminto. Minha única refeição do dia havia sido o café da manhã no hotel e já era a hora do jantar. Passei em frente a vários restaurantes até que avistei o *Restaurant La Maison Blanche.* Como o *menu* estava exposto junto à porta, constatei que um *entrecôte grillée,* acompanhado de vegetais, era servido. Não tive dúvidas e acomodei-me no *La Maison* em uma daquelas mesas dispostas na calçada, algo tão comum em *Marseille* e em toda a França. Após pronto e atencioso atendimento, encaminhei o pedido e pus-me a descansar e observar o movimento em volta. Já relaxado, comecei a recordar os acontecimentos dos dias anteriores.

Aquele era o meu terceiro dia em *Marseille*. Eu havia chegado na sexta-feira no começo da tarde, quando então iniciei o meu roteiro. Fora agradável andar pela *La Canebière*, avistar o *Palais de la Bourse*, entrar na *Église Saint-Vincent-de-Paul*, retornar à *La Canebière,* acessar e caminhar pela *Rue de Rome,* até a *Place Castellane* para avistar a *Avenue du Prado*. O ambiente destas ruas e avenidas era complexo e difuso. A grande diversidade étnica presente chegava a causar perplexidade em certos momentos pois, de certa forma, tais etnias guardavam aspectos definidores de suas culturas. A África representada por seus trajes multicoloridos, as mulheres do Islã com seus véus, além de turistas, notadamente de outras regiões da Europa, com vestimentas leves e circulando intensamente.

No sábado eu retomei o roteiro, no entanto com uma trajetória expressivamente mais longa. O vento era intenso e em certos momentos era difícil até manter o equilíbrio ao caminhar. O primeiro lugar que visitei foi a *Quai du Port,* no próprio *Vieux Port*. Após esta parada, subi pela *Rue de la Prison* até alcançar o *L'Hôtel de Ville*. Após apreciá-lo em sua imponente arquitetura, parti pela *Grand'Rue* e cheguei à *Rue de la Republique,* esta

belíssima por suas construções antigas. E após um contemplativo passeio pela *La Republique*, enveredei-me por várias ruas até cruzar a *Rue d'Aix*, de onde avistei o *La Porte d'Aix-Arc de Triomphe* localizado na *Place Jules Guesde.* Sensibilizado pela beleza do lugar, avancei pelo *Boulevard de Paris*, o qual também lindíssimo e vibrante pela mesma miscelânea étnica já observada no dia anterior. Ao deixar o *Boulevard de Paris*, e de um modo um tanto errante e fortuito, retornei à *Église Saint-Vincent-de-Paul.* Um descanso nesta região foi imperativo, dado o calor e o vento que não cediam. Realmente ventava forte.

Após o descanso, e retomadas as energias, fui ao encontro da estação *Saint Charles*, com suas escadarias majestosas, cunhadas por esculturas notadamente intimistas. Foi interessante observar turistas extasiados diante daquele conjunto artístico de intenso apelo estético. Segui a caminhada e desloquei-me até a *La Porte d'Aix-Arc de Triomphe*, a qual eu já havia avistado. E, para trás deste arco, estendia-se a *Rue de la Joilette*, pela qual transitei por engano. Mas foi um engano que me permitiu acessar o lado não turístico da cidade, delineado quase que exclusivamente por imigrantes. Sendo uma região comercial voltada para um público visivelmente pobre, a movimentação era intensa e frenética como em dia de feira pública em áreas de periferia de grandes cidades.

E naquele domingo o meu primeiro destino foi a *Basilique Notre Dame de la Garde*. Como a mesma se encontra no topo de um morro, foi possível contemplar toda *Marseille*. O *Château d'If*, na *Ile d'If*, imortalizados por Alexandre Dumas em o *Conde de Montecristo*, resplandeciam envoltos pelas águas do Mediterrâneo. E o *Vieux Port*, com todas as suas embarcações, além do *Le Pharo,* igualmente atraiam olhares admirados. A eternidade não seria suficiente para saciar o meu desejo de contemplação daquele infinitésimo de mundo!

Mesmo ainda encantado, convenci-me de que era necessário continuar o trajeto. Decidi por descer o morro, rumo à costa, quando então me deparei fortuitamente com a *Plage du Prophet.* Singela, aconchegante, memorável! As pessoas banhavam-se, tomavam sol, brincavam. É uma praia pequena, melhor, é um acidente geológico que redundou em uma pequena faixa de terra em meio à densa formação rochosa presente. Ao deixar a *Plage du Prophet*, segui a caminhada pela costa e encontrei a *Plage Catalans*, esta parecidíssima com a *du Prophet*. Naquelas horas o sol mediterrâneo ardia.

Em meio a minha recapitulação daqueles três dias, chegou a minha cerveja. Reconheço que um vinho tinto combinaria um tanto melhor com

o esperado *entrecôte*, mas o meu corpo, tomado por uma sede já visceral, clamava por uma cerveja leve, gelada e bem suave. E nada como uma *bière*. Sorvi-a quase com devoção na primeira taça e não tardei em solicitar outra. Meus devaneios firmaram-se e a paz do entardecer enternecia.

Foi quando um senhor, surgindo não sei de onde, chegou ao *La Maison*. Provavelmente sexagenário, de média estatura, tez morena, traços faciais angulosos e não calvo, mas com proeminentes "entradas". Trajava um belo terno num tom bege, uma camisa alva e uma gravata cor de vinho. Usava um chapéu Panamá claro e calçava sapatos marrons bem polidos. Era um senhor de aparência muito distinta, séria e ao mesmo tempo terna.

Em sua chegada, seu cumprimento a todos foi com um discreto *bon soir,* prontamente retribuído por todos, inclusive por mim mesmo. Não me contive e fiquei a observá-lo pois pareceu-me um senhor "à moda antiga". Bem trajado, educado, elegante. Eu procurava ser discreto ao observar seus movimentos, mas não conseguia, pelo visto. Ele percebeu e dirigiu-me um amistoso sorriso, ao qual, de maneira envergonhada pela minha intrusão por ele percebida, retribuí.

Eu havia até esquecido da minha fome quando chegou o *entrecôte*. Simplesmente divino, temperos especialíssimos. Aliás, tudo estava inebriante àquelas alturas, dados a atmosfera do entardecer em *Marseille*, a *bière*, o *entrecôte* e, claro, aquele senhor.

Procurei deter-me à minha refeição, o que estimulou a fome novamente. Mas mesmo em meio aquele momento, onde o primitivo mais do que nunca norteia as ações humanas, eu procurava acompanhar os movimentos do tal senhor. E, para aprofundar a minha estranheza, observei o seu pedido chegar. Café em um bule médio, leite condensado em um bule pequeno e um belo prato cerâmico com bolachas *champagne*. Para mim, confesso, era algo sobremaneira inusitado. Um pedido daqueles! Afinal, de onde seria aquele senhor? Francês, simplesmente seguindo costumes? Estrangeiro? Seriam costumes atuais? Aquilo tudo me parecia tão antigo! Ele percebeu o quanto fiquei estupefato e, amavelmente, dirigiu-me outro aberto sorriso. Retribui com um sorriso "amarelado" de vergonha e procurei concentrar-me novamente à minha fome.

Mas não havia como não espiar aquele senhor e maldisse a mim mesmo por não ser mais discreto. E quando voltei a olhar, tentando hilariamente esconder-me por detrás da taça enquanto bebia a *bière*, vi que ele estava, com uma lupa, analisando minúcias de selos colados em alguns envelopes postais que ele havia disposto sobre a mesa. Realmente, então pensei, eu

voltara no tempo. Eu estava realmente fazendo uma viagem pelo tempo e aquele senhor era o meu condutor.

Passaram-se mais uns minutos e ele terminou o seu café, guardou a lupa e os envelopes, para então solicitar a conta. A garçonete trouxe-lhe os valores. Ele deixou a mesa e dirigiu-se para o interior do restaurante possivelmente para o pagamento. Ao voltar, com uma expressão de satisfação e até de felicidade, eu diria, repetiu o *bon soir* de despedida, novamente respondido por todos presentes.

E, para a minha total surpresa, ele voltou-se para mim com um sorriso amável e indescritível, e disse uma frase que simplesmente culminou todo aquele meu momento de perplexidade: "É muito bom estar aqui novamente!" Após isto, ele deixou o restaurante e vi a sua silhueta dispersar-se pela *Quai des Belges*. Afinal, o que teria me acontecido? Seria o *entrecôte* com seus temperos mágicos? Seria a *bière*? O ar de *Marseille*, moldado por aquela maresia indelével do Mediterrâneo? O já crepuscular momento, com sua auréola intimista revolvendo os confins da minha alma?

Atrás de respostas, encerrei meu jantar, fechei minha conta e rumei para o cais do *Vieux Port* e por lá me acomodei. Imaginei que a sua similaridade com o Canal do Rio Grande e o Porto Velho, estes tão presentes na minha existência, viesse a me possibilitar resgates nas minhas memórias de infância que pudessem explicar-me algo. Além disto, contemplando a profundidade do crepúsculo, clamei ao Sol, testemunha ocular da saga humana desde seus primórdios, que me dissesse quem seria aquele senhor e o que estaria acontecendo. Mas quem sabe o Sol poente tenha se retirado antes que tivesse escutado o meu clamor, pois ele não me respondeu. E o véu da noite estendeu-se rapidamente. Passei a esperar pela Lua, também testemunha da História. Mas naquela noite, infelizmente, ela não apareceu. Então, à minha esquerda, no alto do céu, foi possível avistar Vênus, com seu brilho constante e vigoroso. Era outra testemunha dos tempos e clamei-lhe por uma resposta. Mas avistar Vênus nos céus do Mediterrâneo, sentado na borda do cais do *Vieux Port*, envolto pela atmosfera de *Marseille*, projetou-me novamente para o meu próprio delírio que eu estava tentando entender. Assim, caso Vênus tenha respondido ao meu clamor, sinceramente, sequer percebi.

Dedicado aos filhos do Sr. Marcos Costa, meu avô.

Delft, Setembro 2010.

UM ENCONTRO NO DESENCONTRO DO TEMPO

Minha irmã e eu folheávamos aquele antigo álbum de fotografias, já com as páginas amareladas e danificadas. No entanto, as fotografias estavam em bom estado e nítidas em seus delicados matizes do branco ao negro. Havia registros de aniversários, casamentos, almoços. E havia fotografias também do cotidiano, de pessoas em jardins e pátios, de jovens namorados com olhares discretos e tímidos, mas que denunciavam seus sentimentos, e de crianças brincando ou, simplesmente, graciosamente posando.

Em uma destas fotografias havia quatro meninas, em poses típicas de crianças de algumas décadas atrás, com vestidos impecáveis e graciosos. Elas estavam em um pátio delimitado por paredes laterais em madeira e por um muro ao fundo coberto por vegetação. Era possível observar também um pequeno jardim, próximo ao muro, contendo rosas e flores. Destacava-se no interior do pátio um solitário pé de romã, ao lado do qual elas estavam posando. Elas miravam a câmera com expressões contidas e sorrisos tênues. Mostravam-se muitíssimo "comportadas", termo este próprio da época.

Uma daquelas meninas nós reconhecemos de imediato, pois ela era inconfundível. Seus olhos levemente "puxados", sua pele morena e seus cabelos escuros, que se estendiam até os ombros, salientavam traços conhecidos. Seu vestido parecia ser creme e tinha algumas rendas adornando as mangas. Ela vestia pequenas meias e seus sapatos eram afivelados. Um delicado cinto emoldurava sua cintura. Seu sorriso estava um pouco mais contido que os das outras meninas, mas seu olhar era vívido, curioso, expressivo. Minha irmã e eu conversávamos e nos deleitávamos com aquela foto em especial. Era lindo ver aquela menina em sua tenra idade, provavelmente entre dez e doze anos. Foi-nos uma grata surpresa termos encontrado aquela fotografia.

No entanto, em um movimento que nos surpreendeu, ela começou a mover-se em direção à câmera e, incrivelmente, surgiu diante de nós. E toda aquela ambiência, que imaginávamos estar vibrando no pátio, a acompanhou e inundou a nossa sala. Passamos a sentir as fragrâncias daquelas rosas e flores e ouvíamos pássaros cantando. Uma brisa de verão começou a fluir acariciando os nossos corações, ainda que estivéssemos no final do outono.

A luz, que denunciava uma atmosfera de entardecer naquele ambiente, pousou sobre o nosso entorno colocando em relevo aquela dócil menina, quando então conseguimos vê-la com nitidez. A cor do seu vestido não era creme, mas sim um branco cintilante, e seus sapatos eram negros. Suas meias eram brancas e percebemos que ela usava brincos com pedras que lembravam safiras, detalhe este que não havíamos percebido na foto. Ver aquela menina moveu em nós diversos sentimentos, do espanto ao encanto, da incredulidade ao enlevo. Aquela menina era linda. Seus olhos castanhos brilhavam e sua expressão externava amor. A minha irmã e eu quase não respirávamos.

Face a face conosco ela não escondia a sua curiosidade. Ela tocou e acariciou demoradamente a face da minha irmã, explorando seus contornos, mirando cada singularidade. Tateou seus cabelos e cheirou-os com carinho. O olhar daquela menina, compenetrado e profundo tamanho o seu envolvimento com aquele momento, então fixou-se no olhar da minha irmã. Nesta sideral conexão, suas almas se encontraram. Certamente a menina estava vivendo cada ato daquela experiência.

Após aquele encontro, ela voltou-se para mim e repetiu os mesmos movimentos, deslizando sua delicada mão sobre a minha face. Olhava atentamente cada sutileza, cada detalhe. Afagou os meus cabelos, alcançou as minhas mãos e observou-as demoradamente. Buscou o meu olhar para que transcendêssemos e conectássemos as nossas almas. E assim, nos encontramos.

A menina sorria, emocionava-se. Seus olhos se alternavam entre o marejado e o brilho intenso. Visivelmente ela estava sob um redemoinho de emoções. Neste surreal encontro, ficou claro que ela queria nos conhecer, desejava nos sentir. Então ela arqueou o seu franzino corpo sobre nós, que estávamos sentados lado a lado, e abraçou-nos de uma forma tão arrebatadora que nós não contivemos nossas lágrimas. Seus braços não eram longos, mas o seu abraço foi enorme, envolvendo-nos completamente. Sentir o seu calor foi algo inimaginável e, por fim, ela beijou-nos e despediu-se com um olhar de felicidade e carinho.

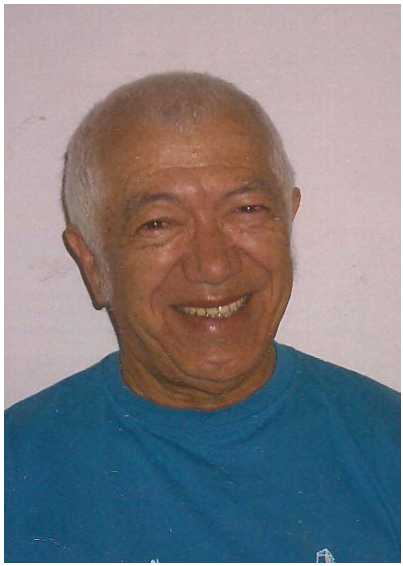
Em sua partida, todo aquele cenário onírico que havia emergido em torno de nós se desfez tão rapidamente que nos deixou ainda mais atordoados e ofegantes. Quando nos demos por recuperados, vimos o álbum em nossa frente aberto na mesma página. Lá estava a fotografia das meninas, lá estavam elas, as quatro. A pose da "nossa" menina era a

mesma, mas havia uma diferença. Ela sorria abertamente. Era um sorriso espontâneo, amoroso, idílico.

Nós, Valéria Costa dos Santos e Daniel Costa dos Santos,
dedicamos este conto a nossa mãe, Jandira Costa dos Santos

Curitiba, 12 de Setembro de 2020

AGRADECIMENTOS DO PADRINHO



Meus Afilhados,

Ao iniciar este meu capítulo, tenho imenso prazer em agradecer o pronto atendimento ao darem atenção e aceite ao meu convite.

Vocês se dispuseram a estar comigo, a participar do meu viver e me deixaram suas lembranças registradas em verso e prosa nesta Antologia, que passa aos arquivos de minhas andanças literárias, juntamente com a presença de vocês, meus Afilhados inesquecíveis, a dividirem comigo, alegrias de momentos que só o escrever proporciona e nos aproxima, nos une, em uma teia de sentimentos, indestrutíveis, que ficará para sempre, nesta nossa Antologia, depois de nosso adeus.

Dalva Leal Martins, Elaine Maria Goulart Nunes, Maria Islair Duarte Lages, Marisa Wilde Rodrigues Pinto, Simone Possas Fontana, António José Barradas Barroso e Daniel Costa dos Santos, o que vale nesta minha citação do nome de vocês é firmar o registro que estamos a deixar para posteridade, com nossa marca na Literatura.

Marcos Costa Filho

QUANTO AMOR EU TENHA

Um dia, meus olhos pousaram nos teus,
foi o mesmo o chegar à janela do ser!
Estava aberta aos sentimentos meus
E coloquei-os lá p'ra todo o meu viver!

Sacudido pela paixão, não se arrependeu,
de cair no fogo e sem pensar sofrer,
do amor teu virou brasa o coração meu,
ficando rubro no intenso aquecer,

das ondas incandescentes de delicioso enlevo,
fazendo-me feliz em dimensão tamanha,
que ainda agora, enquanto escrevo,

mesma emoção minh'alma ganha
e ainda depois de muito tempo vivo,
para dar-te quanto amor eu tenha!

A VIDA É UM POEMA

Longo ou não, a vida é um poema.
Alegrias e tristezas, infortúnios ou venturas,
com certeza, serão nele algum tema
dos versos, cujas estrofes, farão suas estruturas.

E durante os caminhos dia a dia percorridos,
vai se escrevendo o poema verso a verso.
Doçuras e amarguras misturam-se nos escritos,
com ou sem rima, não importa, é sem regresso.

E desta forma todos nós somos poetas,
cada um com seu estilo e sentimento d'alma.
Quando não muito lírico, um problema bate às portas,

talvez seja oportuno um ponto. E, voltar à calma.
Para as venturas e desventuras não há comportas,
podem retornar aos versos, questão de carma!

CHUVA NA JANELA

A tarde é comprida, sombria e morna. É verão.
A chuva, miúda e intermitente, que bate na janela,
antes de ser incômoda, aviva o fogo da paixão.
Aos amantes não importa se é uma procela,

ou é uma chuva rápida, própria da estação.
De fora, o cinza da tarde, se pintado em tela,
até pode arrefecer qualquer sentimento ou ação.
Mas dentro, na penumbra, a paisagem é bela.

E assim, muito intenso o amor se fez,
jorrando das cataratas da perene paixão,
como há muito se repete, com toda a fluidez,

no mesmo ritmo sincopado de cada coração,
que no momento, em uníssono, outra vez,
acertaram o compasso com o mesmo diapasão!

AMORES!... Ah!... OS AMORES!

Ah!... Os amores, sim os amores começam e terminam.
Na verdade, é universal, tudo tem um início e um fim.
Isto é também aplicado aos sentires dos que se amam.
Então, parece mesmo que é normal, sempre ser assim.

Mas, existem amores efêmeros, tal como, fogo de palha,
antes de realmente começarem, repentino, se acabam.
Outros, mais duradouros, a crueldade do tempo os malha,
gela os contatos, encolhe os sentimentos e os liquidam.

Embora, mesmo sem fugir à lei universal, firme se mantêm,
amores, quando nascidos de uma tal paixão, fulminante.
Geram, no andar do tempo, brasas que muito durar vão.

São firmes, perenes, lógico, impossível eternamente.
No correr do existir, as cinzas sobre elas se debruçarão,
porém, na faísca de um beijo, reacendem ardorosamente!

MÁGOAS AO MAR

Do mar escuto o som ritmado.
Como um chamado lhe vou ao encontro.
Sacode minh'alma o belo contato,
e me dá o marulho, alegria de pronto!

Numa verde onda de branco debruada,
jogo todas as mágoas a serem lavadas.
Nem tantas! ... Uma soma minguada.
Mas, quantas que sejam, são logo apagadas!

Na vida se alternam choros e risos.
E, sentida saudade de tempos idos,
é como a liberdade... ventos airosos,

levam vestígios de então paraísos
e assim amenizam tempos vividos,
ainda frementes, na lembrança retidos!

O EQUILÍBRIO DO SER

Há um local de alta sensibilidade
bem no centro do equilíbrio humano,
quando atingido por uma fatalidade
pode ficar exposto a qualquer dano.

Esta central de sentimentos, delicada,
não se tem por certo, onde está localizada.
Na época romântica, talvez, no coração.
Assim dizia quem acometido de paixão.

Mas esteja lá onde estiver, é delicado.
No coração, cérebro ou n'alma o comando
precisa ser mantido sob estrito cuidado,

pois dele derivam as atitudes de mando
para manter todo o ser equilibrado.
Nele, há o bem e o mal se enfrentando.

AMOR TRANSCENDE O TEMPO

Célere, o tempo muda usos e costumes.
No momento são comuns os "ficares".
Sabe-se lá o que pensar destes lumes,
se deste modo também há os "amares"?

E o amor que vezes brota com perfumes,
num curto tempo, mas perfumando ares,
até se firma não guardando queixumes,
e de repente, enlaça na vida jovens pares.

Amor antigo com respaldo no passado,
acha estranho, diferente o amor nascente,
dos tempos recentes, parece complicado.

Pensando bem, o que rola nesta corrente,
aflorando imediato fogo do ser apaixonado,
assemelha-se à brasa outrora adolescente!

AMANTES

Olhares, sorrisos, sonhos, palpitações,
sacodem os seres quando surpreendidos
ao acontecer reciproco em seus corações
um forte clarão a estremecer os sentidos!

Forte a sacudir o viver em todas as direções
e novos sentires de encantos são refletidos
no brilho da aurora, com certeza, de paixões,
e irrompem com seus impulsos não contidos!

E fica o vivente a mercê dos encantamentos
um pouco à deriva, no mar sem horizontes,
pois são intensas as ondas dos sentimentos

e cruza sem pestanejar as espumas flutuantes
jamais pensando que possa haver sofrimentos.
Somente importa o ser feliz, para os amantes!

UM TESOURO NO SILÊNCIO

É interessante o que o silêncio pode conter.
Por mais que se imagine ausência de tudo,
qualquer tipo de som, ruído, a se entender,
é possível num lapso de tempo todo mudo

ondas de pensamentos virem a acontecer
e sem uma palavra sequer ficar desnudo
tudo que parecia a mudez, vezes esconder,
revelado sem som, com maciez de veludo.

O viver a dois em momentos todos seus,
ao longo de um tempo que parece infinito,
os silêncios permeiam momentos, então,

se tornam preciosos, abençoados por Deus,
que parece mantenedor deste tesouro restrito
a corações uníssonos, em eterna comunhão!

A CORRENTEZA DO DESTINO

Ao longo do viver quando aperta uma saudade,
com intensidade, sacudindo a estrutura do ser,
se esvai o prazer, também, qualquer felicidade,
quando a tal realidade foi dura ao acontecer.

Quando recordar o belo da vida na continuidade,
em qualquer idade, os velhos tempos a florescer
na lembrança, até mesmo a trazer tranquilidade,
saudade é gostosa em meio a uma longevidade.

E, ajuda o viver, uma dádiva, lei Divina na natureza.
Descobrindo nela a beleza e no dia a dia renascer,
eis o que se pode fazer e é gratificante, com certeza.

Qualquer revés com sua aspereza, se eliminar poderia
se livre, incólume, pudéssemos sair da correnteza,
dura, implacável, da ligeireza do destino em correria!

UMA ÓPERA CHAMADA VIDA

A ópera da vida composta por superior energia,
dá ao cantor livre arbítrio na execução da partitura
e pode ter vários atos e árias de plena harmonia,
também, a executar os de complicadíssima leitura.

Se no *"allegro"* está o encanto como se queria,
sendo que, vezes apenas um *"intermezzo"* dura,
pois pode ocorrer a falta do público que seria
um incentivador do cantor na ação mais bela e pura.

E assim, o cantor a abandonar o palco tende.
Aí, na pausa entre um e outro ato, a reflexão,
bem medida, deve levar ao coração ou à razão.

Quando a entoação já não é a surpreendente,
cada dia mais acurado deve ser o ensaio e então,
há chance de retorno ao palco. É a ópera... *"andante!"*

LEMBRANÇAS APAGADAS

Não sei por quantos mundos andei.
Rolo neste chão olhando as estrelas.
Como vim parar aqui, não sei.
Lembranças de outros gostaria de tê-las.

Em outras vidas, quem sabe, amei.
Com certeza, por não poder trazê-las,
minhas paixões que por lá deixei.
Se cá pudesse, então, eu aqui reavê-las,

seria confuso ou alegre, sorumbático ou feliz?
E porque não tenho estas lembranças?
Que assim seja, ... como Deus quis!

Ao longo de minha vida nestas andanças,
vou complementando tudo o que sou, penso e fiz.
Assim, continuo a caminhada. Por que mudanças?

VERSEJANDO SONHOS

Se poetar é como dizem, o mundo da lua,
então, existe este mundo todo encantado,
que pode ter início lá no fim da minha rua,
cheio de alegrias ou dores... ou temperado.

Mas se o poeta viaja levitando na sua vida,
elevado em vicissitudes ao lunático é alçado.
O sonho traduzido num livre pensar perpetua,
mesmo terráqueo em celestial é transformado.

Canta em seus versos amor, paixão alegria,
também, as dores, tudo em escalas superiores.
Não se importa se é correto... tudo em revelia.

Fluem em suas metáforas até mesmo horrores.
Traz de volta ao mundo o que no etéreo refletia
e verseja os sonhos numa diversidade de valores

AMAR

Amar é uma lei Divina,
em vigência na espécie humana.
Na verdade, nem sempre cumprida
em seus requisitos e ditames prescritos.

Amar, flui por vezes em espontaneidade
tão clara, ingênua, séria ou irresponsável.
Expande-se de um ser de bem com a vida,
até parecendo ridícula e em qualquer idade
pode se tornar uma paixão incontrolável.

Mas o amar tem formas diferentes
nem sempre se origina numa paixão.
Há amor no doar-se sem visa
de retorno premeditado,
quando ao próximo, um ato praticado,
que de algum modo ameniza
uma dor, um sentimento, uma aflição.

Amar o que se faz quotidianamente,
é colocar no mundo de ondas conturbadas,
uma gota de um valor inestimável,
de otimismo, que toma vulto paulatinamente,
quando a outras tantas somadas,
evitando muita mágoa se tornar incontrolável.
Amar, no mais simples sentido de doar
um sorriso, uma palavra, um abraço, um olhar,
leva por vezes ao próximo força tanta,
capaz de revigorar uma alma que levam
energia estrutural e recuperação de vida,
num lapso de tempo, pela dádiva recebida.
Amar é uma força que obstáculos remove,
dissolve agruras, sofreres, pessimismo, ódio.

Amar é uma arma que não agride e desarma.
Por isso, a fortaleza do íntimo, o amor promove.
Amar é preciso, sinceramente, primeiro a si próprio,
pois, um interior vazio é um abismo enorme!

INUSITADO

Numa certa esquina da vida
eis um encontro inusitado:
dona Indecisão, distraída,
com dona Certeza, o inesperado.

De onde vens querida amiga?
Se bem que seja difícil privarmos,
falou a primeira em cantiga:
Oh!... bom nos encontrarmos!

Toda resoluta, dona Certeza
Deu-se um ar de tranquilidade
e perguntou, com franqueza:
qual a razão de tanta amabilidade?

Ah!... preciso de um acalento.
Queixou-se direto a indecisão.
Só vivo abafada todo tempo,
não aguento mais a situação!...

Indecisão, se assim é teu destino,
viver só entre os não definidos,
anima-te, isso não é um desatino,
reaja e teu sofrer será diminuído!

OBRIGADO ÀS FLORES

Cuidei do jardim a cada dia
e foi acontecendo uma amizade,
tão bela, perfumada e colorida,
entre mim e as flores. Eu sentia,
que não era sonho, mas realidade
e estavam em minha vida inserida.

Pelas manhãs, um pouco d'água,
outro à tardinha, lhes regava o chão,
onde elas, fixas pelas raízes, contudo,
moviam caules, abanavam as folhas,
ajudadas pelo vento, em leve movimento
e pareciam agradecer minha singela ação.

Mas, quando em minha lida matutina
deparei-me com as pétalas colorindo o chão,
fui eu, atônito, quem lhes agradeceu!
Na hora derradeira de expirarem,
rosas e dálias haviam deixado, então,
incrível adeus, de impressionar a retina!
Estava ali, assinado com suas pétalas
o tempo que alegraram o meu viver!

A FLOR DO LÁCIO

O quê será?... O quê será?...
Desta minha bela e muito rica,
que todo dia me valho dela,
mas que rapidamente se modifica,
minha Língua Portuguesa?
A qual, já aprendi várias vezes
e depois de tantas reformas,
está confusa, com novas normas?

Mas o pior, talvez, será... será...
que vai rumo a um dialeto?
Pois seu uso a ficar repleto
mais e mais quotidianamente,
sem a menor cerimônia,
de engajados tão rapidamente,
termos do Inglês americano,
dela, a tirar o natural encanto.

Minha bela e materna Língua
te faltam com o respeito
pública e notoriamente,
pois até as colunas dos jornais
te ignoram, te deixam à mingua
de teus termos, teus sinônimos
e apresentam de qualquer jeito
a mistura de idiomas como normais.

Termos de qualquer origem inclusos,
em textos na nossa Língua escrita,
seguem regras, mas, esquecidas estão
e por isso correto até parecem, os abusos.
Todo idioma sofre sempre modificações,
pois é uma dinâmica atrelada à épocas,

mas a troca de seus termos naturais
por estrangeirismo, é torná-los rivais.

E o pior é que nesta acesa luta literária,
o modismo muito ajuda a torná-la renhida
surgindo para o que menos se imagina
títulos para eventos, livros, entidades,
programas de televisão, revistas, bandas,
e tantas palavras escritas de modo absurdo
até seguidas de apóstrofe atreladas de "s",
a acontecer pelas escolas e universidades.

Até nas crônicas de respeitáveis autores
e nos artigos de competentes escritores
todo dia levam ao público os periódicos
uma gama de mistura bilíngue tão clara,
parecendo assim ser e induzem os leitores,
incluírem seu vocabulário como muito lógico.
Pode-se estar a anteceder como prefácio:
"Perder-se-á no tempo a última Flor do Lácio"!

CHIMARRÃO A DOIS

Sou gaúcho de cidade,
nunca tive do campo a lida,
mas desde tenra idade
carrego pela vida
costumes de tradição,
como o tal do chimarrão.

Ah!... este verde e amargo
nas rodas campeiras,
passando de mão em mão,
vezes acompanhado de trago,
são contados de várias maneiras:
alegria, saudade, tristeza e solidão!

Mas meu chimarrão é diferente:
na roda, ela e eu, somos em dois
e a cuia em seu bojo quentinho
leva e traz, não deixa para depois,
reviver nossa paixão fulminante,
beijos... aconchego... carinho!

Cevando na cuia a erva da vida,
com a água quente do amor,
o amargo, se houver, é adoçado
e na conversa a trilha é percorrida
por nossas intimidades do passado,
revividas cada dia com novo sabor!

GAÚCHO DESLOCADO

Não é por acaso a forma de grande coração
deste Rio Grande do Sul ser a identidade.
Longe destas fronteiras, a saudade matadeira
peala o gaúcho e vai encurtando a laçada
com o sentimento a lhe dizer: pega a estrada,
volta depressa, já... e de qualquer maneira.

Estar fora certo tempo de sua querência,
até em paraíso, ele sofre as consequências.
É como estou agora, neste momento exato,
Em Aracajú, nesta orla sergipana e constato,
que o Patrão, a seu capricho, um dia a pincelou
e a tecnologia do homem a complementou.

É só chegar e topa-se com gente hospitaleira,
um céu muito azul, uma brisa, vento maneiro.
Um mar aberto de ondas tal como o Cassino,
mesma cor, debrum de brancuras espumantes,
desfazendo-se numa areia tão igual e conhecida,
parece que estou em casa, na minha praia preferida.

Mas, optando andar somente pela avenida
de uma infraestrutura de dar uma sã inveja,
onde há o lazer em várias formas e maneiras,
entre arborização e jardinagem de primeira,
encontra-se a vida rolando, rostos aos milhares,
os transeuntes felizes, até me parecem familiares.

Há muito som e o forró vai marcando
a alegria de quem quiser temperar a vida.
O artesanato, a água de coco, os restaurantes,
ao longo da larga avenida são mutantes.
Há de tudo: o típico, o simples, o elegante.
Além do caranguejo, há todo tipo de comida.

O tiro de laço da saudade já apertou a laçada
e lá vou eu, deixando aqui a promessa de volta.
Meu encontro com o frio já tem hora marcada.
Levo na lembrança beleza tanta aqui vivenciada.
Vou destrocar o canudinho e o coco geladão
pela bomba e a cuia do meu quente chimarrão!

INVERNADA DE SAUDADE

Manhã cedito quando o sol ia despontando
apertou o peão a chincha no pingo malhado.
Lépido, boleou a perna e saiu campo afora
amargando grande dor pelo amor truncado.
Em longa viagem a querência ia cortando,
dias em frente, sempre, sempre galopando,
olhos parados, pois índio macho não chora,
ainda que, esteja doendo o peito machucado.

Nada mais do que um baita amor finado,
deixa um gaúcho de todo apoquentado.
Mano a mano apostado com o sentimento
o cuera sofre como se da vida um manotaço,
num repente, fortemente o tenha apealado.
E lhe dói sem reagir, ser assim pego a laço,
Deixando seu coração no maior tormento
p'ra bater a cada momento com embaraço.

Depressa, mas sem descanso vai andando.
E o sol vai doirando ao longe os horizontes.
No peão vai arrefecendo no peito amargurado,
o vigor, dobrando a altivez do guasca largado,
que agora busca , nos confins, outros repontes,
com a flor do amor no peito dia a dia apertado,
tendo certeza que não a regará em outras fontes,
pois igual àquela prenda, jamais havia encontrado.

Lá de cima o Patrão Velho tudo vê e está sabendo.
O cuera de alma pura e nobre sentimento, sofrendo,
encambichado, quisera da prenda puro amor, somente.
Que ranzinza, o patrão da casa grande... barbaridade!
De afogadilho fez mau juízo do peão, erradamente,
de mal agido com sua filha usando de deslealdade,

e desandou nele sua cólera com força, pesadamente,
enxotou-o, sem tempo de trocar mesmo a bombacha.

Nem o brilho que reluz do peão a barba baça,
nem seu porte tão correto no exímio trabalhar,
nem seu topete altivo de nunca refugar repuxo,
nem sua estirpe de jamais uma mínima trapaça,
foi capaz de conseguir um pouquinho amenizar
a dureza do patrão, tão ferida à queima-bucha.
Somente fazia esbravejar, louco de encanzinado.
Cego, não via franqueza no peão encambichado.

Na garupa, carregando imensa e pesada saudade
mal ou bem, deveras, se aquerenciando, até então,
aqui ou ali, sem pouso certo, mais o peso da idade,
a trotezito, da vida ao fim, via-se chegando o peão.
Porém, eis que inusitadamente o senhor destino
bateu-lhe de frente com o amor antigo, repentino,
desatando as amarras, liberando a eles a velha paixão!

O EFEITO PEALO NO AMOR

Montado em seu cavalo tubiano
sentindo o minuano no rosto,
num galope a rasgar o tempo,
seguia sua rota o pampiano.
A chinoca no pensamento,
o peito sacudia em alvoroço.

O frio gelava alma e chão.
O tropel quebrava a geada.
A ânsia de chegar o inflamava.
O ímpeto do impulsivo coração
à aproximação de sua amada,
era como fogo que o atiçava.

Peão dos mais guapos, valente,
enfrentava qualquer parada.
Jamais em alguma peleia batido.
Porém, do amor o pealo recente
bem armado encurtava a laçada
e por certo ele estava vencido.

Muitas léguas foram percorridas,
sem descanso a sua montada,
por seu dono encambichado.
No tropel marcadas as batidas
do coração naquela jornada
que o amor lhe havia aprontado.

E assim, quando a tarde caia,
o galope já ia se arrefecendo,
a silhueta do galpão ele já via
e da cordiona som apetecendo
cair no fandango, o que queria.

No palanque o cavalo foi atando.
À porta dois braços abriram a cruz
na qual jogou-se ao fogo da paixão.
Valeu a pena as horas cavalgando.
Pealado no amor o valente se reduz
ao mais meigo e submisso peão!

O TREM DA FELICIDADE

O trem chegara havia poucos minutos. A locomotiva parecia ávida de descanso. Soprava ao alto pela chaminé, tufos de fumaça negra, como se fora um sinal indígena. Ela avisava que havia chegado. A mensagem parecia ser entendida pela pequena comunidade humilde daquele pacato lugar. De todos os lados acorriam pessoas a pé, a cavalo, de carroça... todos rumando para aquele paradouro.

Tão singelo era aquele ponto de parada que jamais fora apontado em algum mapa. Não chegava a constituir-se em uma estação. Ali, o trem daquele tempo era o acontecimento máximo de duas vezes por semana. Raramente havia quem embarcasse, como também, desembarcasse. O comboio era sempre misto. Havia costumeiramente movimento de pequenas encomendas, cargas leves.

Num dos carros de passageiros, uma elegante mulher, apresta-se a descer. Sua bagagem, uma pequena arca recoberta por uma capa de veludo vermelho já estava na gare, providenciada que fora pelo chefe de trem. Ao descer, a mulher teve sobre si os olhares do diminuto povo presente. Silenciosos, admirados, boquiabertos, tinham em suas faces estampadas a mesma pergunta: Quem será?

O chefe do paradouro adiantou-se para cumprimentá-la. Foi um pouco trêmulo ao estender-lhe a mão. A proximidade causou-lhe um envolvimento pelo aroma diferente, nunca por ele sentido, exalando de flor alguma o que deixou-o aturdido. Não lembrava de, em toda sua vida, sendo a maior parte dedicada àquele serviço na companhia férrea, ter participado de uma recepção, costume do lugarejo a todo visitante, como estava acontecendo naquela manhã de domingo. Concatenando algumas palavras, conseguiu convidá-la a entrar em sua minúscula sala de trabalho, tão pobre, quanto organizada e limpa. Empunhou um espanador de lã de carneiro e lustrou uma cadeira de madeira oferecendo-a à forasteira. A mulher aceitou-a. Agora, ele precisava preencher uma pequena ficha, de um papel amarelado pelo tempo, há muito guardado num arquivo que raramente era usado. Por favor, disse: preciso saber algo sobre a senhora... desculpe-me... mas é meu dever. De onde vem? – Ah!... Venho de estação em estação por esta vida afora. – Sabe... continuou ele, tenho que declarar

sua bagagem e... – Uma arca cheia de amor, assim ela antecipou a resposta. – E ... quanto tempo pretende permanecer aqui?... – O suficiente para tomar um outro trem que sei, passará por aqui. – Qual?... Perguntou o chefe do paradouro. – O trem da felicidade, respondeu-lhe a mulher. – Mas como? Nunca o vi passar por aqui. E ainda, não seria mais fácil tê-lo apanhado em uma estação de grande movimento? – Pois é, já estive em algumas, fiz várias viagens, umas curtas, outras longas, porém, chegavam ao fim sempre que esgotava o prazo de validade da esperança contida em minha passagem. – E agora?... – Bem agora busquei este ponto quase desconhecido onde pretendo ficar livre, sozinha, valendo-me do conteúdo de minha arca.

O humilde funcionário, embaraçado, não entendia de fato o que se passava com aquela estranha pessoa. E, com um olhar que carregava profundos sentimentos, a mulher continuou a falar: – A espera aqui será do tamanho da esperança. Enquanto durar, tomarei as gotas de saudades que carrego na arca. Doses na medida certa para temperar a realidade.

Após ficar alguns minutos em silêncio, a mulher deixando escapar o pensamento, pausadamente em voz meiga e sussurrante, como se ninguém estivesse a ouvi-la, com um olhar sereno contemplando a paisagem como se fora um paraíso, foi dizendo: – Aqui me encontrarei comigo mesma, nesta tranquilidade poderei rever o recôndito de minha alma, organizar minha bagagem revisando minha arca, porei em dia meus valores e verei o quanto aplicarei em esperança. Quando a nova passagem fizer jus ao preço da espera, será o momento certo de começar nova viagem. Parecendo viva, a locomotiva silvou seu apito, atirou novas lufadas de fumaça pelo chaminé e ao movimentar os braços que punham as rodas em andamento, deixava escapar esguichos de vapor de uma alvura contrastante com o negrume que atirava para o ar. O ranger das rodas sobre os trilhos anunciavam que os vagões estavam obedecendo a ordem de entrar em marcha. Não demoraria muito, lá na curva distante desapareceria atrás da montanha o trem comum. Outros ali passariam, mas sabe-se lá quantos, até chegar o Trem da Felicidade?

A AMPULHETA

Um dos diversos instrumentos que o homem concebeu para medir o tempo foi a ampulheta. Também conhecido por relógio de areia. A sua invenção é atribuída a um monge de Chartres, na França, de nome Luitprand, que viveu no século VIII. É formada por dois cones de vidro, ocos, unidos pelo gargalo, de modo a deixar passar a areia de um para outro, através de um orifício. A duração da passagem da areia marca um intervalo de tempo. Para proteger a estrutura, uma armação de madeira. Mais tarde as ampulhetas passaram ser feitas de uma só peça de vidro com um orifício para passagem da areia.

Num aniversário meu, minha amiga Jurema deu-me de presente uma pequena ampulheta. Achei uma ideia diferente e o objeto muito interessante. Coloquei-o sobre minha estante de trabalho, numa parte mais elevada. Durante algum tempo ela permaneceu ali e eu apenas a via numa dessas viradas de cabeça, passando por ela o olhar sem fitá-la. Ela estava ali despercebida por mim. Um enfeite. Nada mais.

Certo dia, trabalhava um texto e estava com dificuldade de dar-lhe uma sequência condizente. As palavras seguiam obedecendo minha digitação na rapidez que afloravam de meu pensamento e iam se alinhando no crescer do texto. Quando fazia uma pausa, uma leitura do que já havia grafado me levava à conclusão de que tudo estava sem nexo. Era necessário retomar o andamento em algum parágrafo anterior no qual eu perdera o rumo mais adequado do âmago da situação em descrição. Numa destas paradas, antes de recomeçar, dei de nariz com a ampulheta. Ali, no seu lugar de costume. Na sua inércia parecia desafiar-me. Num primeiro momento, não entendi porque me havia fixado nela. Isto interrompeu meu ritmo de trabalho. Por alguns instantes, fiquei com o olhar centrado nela.

Passado alguns segundos, ou seja lá que tempo, mas muito rápido, tomei-a de seu lugar e coloquei-a no mesmo plano onde eu estava digitando. Inverti sua posição de apoio. A areia começou a fluir da parte de cima para a de baixo. Enquanto isto acontecia, transportei-me ao dia em que fui presenteado. Os grãos de areia desciam velozes.

A ação durou cinco minutos. Nesse intervalo revi minha amiga através da ampulheta, pois o objeto do presente a trouxe à minha lembrança.

Além de fazer uma pausa no trabalho, revivi na ampulheta a amizade fluindo em seus cinco minutos, que mais pareceram horas de uma boa prosa. Valeu a interrupção de minha atividade. Foi como se tivesse criado um intervalo para falar com a amiga. Embora pareça estranho, mas, foi o que realmente senti. Daquele momento em diante, a ampulheta faz parte de meus aparatos de trabalho. Sempre que há necessidade de coordenar parágrafos desencontrados, dar continuidade à ideias interrompidas, faço uma pausa. Ponho a ampulheta a trabalhar e enquanto por cinco minutos ela me informa que o tempo está passando, vou pensando no retorno ao texto, e, quando o faço, consigo tornar a continuidade solucionada. Minha ampulheta, presente de aniversário, além do tempo, marca um intervalo para reflexão, também, uma pura e inesquecível amizade.

A FOLHA E A LÁGRIMA

Passou, quem sabe, pela passarela do meio do canteiro da Avenida Portugal alguém lacrimejando. Algumas lágrimas podem ter chegado ao chão. No solo, rapidamente desapareceram, absorvidas. Outras tiveram, talvez, uma viagem de pequeno curso e na queda, podem ter ficado retidas numa certa dobra do vestuário. Alguma pode ter se escondido em uma ruga da face e conseguido manter-se até desaparecer, evaporando-se.

É outono e as árvores frondosas da Avenida Portugal estão apresentando-se em duas cores. Há folhagem verde e também em um tom de amarelo. Estas, despencam-se de seus galhos e vão ao solo. Aquelas, dentro em breve, seguirão o mesmo caminho. Na trajetória, parece ocorrer uma dança, um ritual de despedida.

A brisa fresca da manhã responsabiliza-se pelos movimentos na descida das folhas para o seu fim. O sol, por sua vez, com seus raios luminosos atravessando a copa das árvores, aqui e ali, produz um espetáculo colorido. As gotículas de água na superfície das folhas ao contato com a luz produzem pequenos espectros que brilham.

Recém caída, uma folha amarelecida, ao tocar o solo ali ficou como que a descansar. Em seguida, uma gota cristalina foi nela se depositar. Sentindo o impacto, a folha tentou recompor-se rapidamente virando-se, de modo a tomar conhecimento do que estava ocorrendo. Ah!... Falou a folha, ao ver a gota instalada num sulco de seu tecido epitelial ressequido... Talvez, você tenha sido a gota que me faltou lá em cima, agora, de nada me adiantarás. Espere, dona folha, não vim de tão alto e caí porque fui demais. Mas dona água... Calma, aí dona folha se engana, eu sou uma lágrima. Bem!... e como veio parar aqui? Meu fim assim ficou determinado e você, por que não está lá em cima, dona folha? Trabalhei sem parar na fotossíntese e respiração, esgotei-me, enfraqueci-me, não consegui manter-me lá, olhe, naquele galho lá e aqui estou. E o que houve com você dona lágrima? Lubrifiquei um olho seco pelas amarguras da vida, depois, rolei por uma face fechada, triste e eis-me aqui.

Não me arrependo, dona lágrima, de como estou agora. Veja lá a beleza do plátano em que eu estava.

De fato, é lindo dona folha. Mas sabe, também não me arrependo de minha sorte, você precisava ver a nova face do rosto que umedeci, antes de cair. Maravilhei-me com a sensação de alívio para a qual contribuí.

Em meio a tal tagarelice, da brisa uma leve lufada fez rolar dona folha, que enquanto seguia seu destino, sem ter onde nem como fixar-se, voltou-se para um aceno de despedida. Porém, a lágrima, que caíra de sua borda não teve tempo suficiente para despedir-se da amiga, cuja amizade se iniciara de inopino. Cada uma com seu destino. Uma se foi com a leve brisa da manhã, a outra foi absorvida pelo solo vermelho.

Assim, já no fim de suas existências, folha e lágrima, numa amizade efêmera, surgida de modo inusitado, ainda mantinham o viço alegre do bem vivido tempo que a natureza lhes havia concedido. No contexto do existir, haviam cumprido cada uma o seu papel, o que leva à tranquilidade de um final feliz.

A PROFESSORA DO DOUTOR

Dr. Lauro, com uma brilhante carreira médica, chegara há pouco tempo à cidade. Um excelente clínico. Um pesquisador de primeira linha. Estava regressando da Europa onde havia apresentado, em congressos de vários países, resultados de suas pesquisas. Em três dias por semana dedicava apenas um turno para atender pacientes em seu consultório. Sempre, agenda cheia.

Certo dia, na sala de espera, uma senhora aposentada dirigiu-se à secretária:

– Moça, por favor, confira aqui se minha consulta é hoje mesmo.

– Sim, senhora, certinho. É outubro e o dia é quinze.

Momentos após, a secretária chamou D. Luiza e levou-a a adentrar no consultório.

– Com licença... Doutor? Falou a paciente ao entrar na sala.

– Bom dia Professora Luiza! Por favor, sente-se. Fique à vontade...

– Sabe quem sou, com certeza, pela informação de sua secretária, não é?

– Não, Professora, eu a reconheceria em qualquer outro lugar.

– Mas, Doutor, desde um tempo em que...

– Sim, em que eu era um menino, que não nos vemos. É isto?

– Assim eu ia dizer! Mas então, como...?

– É bem verdade que minha secretária ao preencher sua ficha colocou nela os dados que me permitiriam identificá-la, mesmo que eu não a reconhecesse à primeira vista. Mas, esta sua voz... bastou suas poucas palavras e eu revivi os momentos de minha infância.

– Mas, Doutor, naquele tempo...

– Ah!... eu era um guri travesso, arredio à obediência...

– Assim como são os guris, saudáveis, por terem muita energia.

– Professora! Não pense que me esqueci do peralta que eu era.

– Doutor, isto não importa. Acompanho nos jornais sua carreira. O sucesso dos alunos é a maior alegria do Professor como recompensa ao seu trabalho.

– Posso lhe garantir, Professora, que o começo de tudo foi na sua sala de aula.

– Aquela sala pequena daquele grupo escolar no meio da pracinha do quartel?

– Sim, pois foi ali que aprendi a juntar as letras e formar as primeiras palavras sob os seus ensinamentos. Foi o alicerce sólido que me proporcionou, no correr da vida, adicionar os conhecimentos necessários para seguir meu rumo profissional. O doutorado e tudo mais que eu faça além dele, nada mais é do que um continuado construir sobre, digamos, aquela "pedra fundamental do saber" que a Senhora, competentemente, colocou em mim.

– Doutor, ainda bem que estou no seu consultório, porque ao ouvir este relato, minha alegria é tamanha que meu velho coração pode não aguentar.

– Então, estamos nas mesmas condições e vamos acalentar estas emoções. Permita-me abraçá-la. Coincidentemente, no dia em que reencontro minha primeira Professora, é o dia do Professor.

O BALÉ PLUVIAL

Que manhã molhada!... Vejo da janela do meu pequeno local de trabalho os pingos de chuva de encontro às lajotas a fazer uma dança. Um complicado, mas verdadeiro balé. Ponho atenção. Sinto um ritmado que me parecem compassos cheios de semifusas, dado a rapidez como ocorre, para poder dar este som, no qual não percebo uma nota em destaque. Em seguida, a água caída vai rápida correndo para o ralo. Escoa-se. Parece personagem que já cumpriu sua parte no todo e precisa deixar o palco. As plantas no jardim e nos vasos parecem aplaudir, com o abano de suas folhas ao sabor do vento, que por sua vez dá mostra de não ter pressa e é lento, a se mostrarem alegres pela parte que a chuva lhes proporciona para sua vitalidade. Em determinado momento: "pianíssimo"! Sinto como que haverá uma pausa logo a seguir. Não há mais som. Pelo menos ao alcance de minha capacidade de audição. Mas, sei que ainda chove, porque pontinhos se mostram nos impactos com o chão, aqui e ali. Ficou um pouco assim. Alguns minutos. O som retorna. Com a volta dele, vejo novamente o balé. Bem depressa de retorno ao palco. Penso que o momento anterior foi para troca de personagens. Segue o som agora bem audível. Volto a ver os pontos dançantes a fazerem na lajota verdadeiras evoluções. E, agora são mais intensos a variarem os locais da queda. Imagino ser, por exemplo, o segundo movimento, o segundo ato. Não sei até quando esse balé vai continuar. Sei, porém, que devo retornar aos meus afazeres, pois estar a apreciar este concerto implica em colocar à disposição dele um pouco do meu tempo, que poderá ser muito, caso a Divina autoria resolva compor este pluvial balé em muitos e muitos atos. Mas, dou graças a Ele por permitir que eu esteja aqui, ainda, a apreciar Sua obra.

VIAGEM SEM RETORNO

A gare da estação do tempo está lotada. Recém chegou o trem do Ano Velho. Não fosse tudo automático e não seria possível a continuação da viagem logo em seguida. Não há tempo a ser perdido, mesmo porque, é impossível, dado que, o trem do tempo está apenas a um minuto de mudar de placa indicativa do seguimento da viagem. É incrível como, com tanto alvoroço, todos se entendem e buscam seus lugares na alegria de viver tal momento. Há uma pressa sem ser notada, muito acomodada em cada viajante, qual seja, a de dar início à nova viagem. Há música, fogos, festas, comemorações, uma alegria esfuziante que parece não ter limite e se expande pelo espocar dos espumantes ao saltar longe suas rolhas. Luzes, cores, o quadro do momento libera sentimentos muitas vezes trancafiados por algum tempo e ora encontra o ponto certo para sua liberação. Então, ocorrem os abraços realmente fraternos, os beijos totalmente sinceros, os amores que se soltam nos palpitantes corações que até parecem acertarem os batimentos e há os uníssonos convergindo para reencontros de vidas com promessas de futuro.

Ninguém orienta, não há regras, os fatos vão ocorrendo e os viajantes em seus anseios muitas vezes se julgam a andar pelas nuvens como se lhes fosse permitido levitar como os anjos, mesmo porque, no momento parece a felicidade ter somente o céu como limite. Não há uma explicação de o porquê da expectativa do Ano Novo se insere em cada vivente e o transforma. São esquecidas algumas rusgas um pouco antigas, e a vibração do novo tempo que se espera ser bem melhor de ser vivido se sobrepõe a qualquer resquício de pessimismo.

Os clarões dos fogos de artifício chegam ao máximo. A euforia e a alegria estouram com exuberância. É chegado o instante do início da nova viagem. A placa indicativa no alto do trem alerta: ANO NOVO. Parece que lentamente inicia-se o novo trajeto de vida, porém, mais depressa do que se pode notar, o comboio já está rolando célere nos trilhos da vida e cada um vai se acomodando no seu lugar que o Destino, embora de todos despercebido, é o severo chefe deste expresso, e, sem que ninguém note, sai a cobrar a cada passageiro a diminuição de seu tempo neste comboio terráqueo.

NOEL DE VERDADE

Uma fábrica de brinquedos de madeira funcionava firme, durante o ano inteiro, lá no fundo do nosso quintal. Meu Pai, ferroviário, nas horas vagas, planejava e colocava em prática o preparo das peças que eram rigorosamente caprichadas. Quase toda família se envolvia de alguma forma. Minha participação era colocar massa nos furinhos que ficavam das cabeças dos preguinhos rebaixados. Quando a massa secava, precisava lixar. Depois ajudava a dar a primeira de mão com uma tinta branca. Voltava a parte que eu menos gostava, lixar. Assim, nas preliminares, era a minha participação, sendo que, meu Pai, sempre lembrou de meu espaço de criança e lá ia eu para a confraria do futebol de bola de meia, que rolava na calçada em frente a nossa casa. Na fase de acabamento, meu Pai e minha irmã Julieta, que já era uma moça, faziam maravilhas com as tintas preparadas por Ele para cada tipo de brinquedo. Embora eu sempre quisesse ajudar na pintura de acabamento, não tinha vez. Ele fazia questão de que aquela produção caseira primasse pela melhor qualidade possível. E, de fato, era reconhecido o tão esmerado trabalho, pois, toda nossa produção ia para um bazar, do Henrique Büller, que ficava na rua General Bacellar, no atual calçadão. Tudo era vendido no Natal e já em janeiro do ano seguinte recebíamos do bazar a primeira lista dos brinquedos mais procurados e que deviam ser repedidos, às vezes em quantidade maior. Lá por julho, ou agosto, nos chegava a complementação do pedido, incluindo as novidades. Na primeira quinzena de novembro, a produção Seguia rumo ao bazar. O transporte era feito por mim e pela minha irmã Julieta. Com muito capricho para não arranhar nenhuma peça, eram feitos pacotes de acordo como ela e eu pudéssemos carregar. Lógico, os meus eram menores. Ganhávamos os quatrocentos réis para ir de bonde, o Circular, que passava em frente a nossa casa na rua Marechal Deodoro e descíamos próximo ao bazar, a uma quadra, na Avenida Marechal Floriano Peixoto. E, fazíamos uma viagem pela manhã e outra pela tarde. Um dia, minha irmã me sugeriu irmos a pé e economizarmos aquele rico dinheirinho. E fomos. Demoramos quase toda manhã para chegarmos no bazar. Eu não aguentei a caminhada com os pacotes, um de cada lado do corpo. Andava um pouco e precisava me sentar na beira da calçada para descansar. A

experiência não deu certo e não a repetimos mais. A paterna observação sempre captava minha preferência sobre alguma peça e fora do alcance dos meus olhos, produzia, naquele tipo, um exemplar diferenciado, mais requintado, com muito amor e carinho, enquanto em longa espera eu aguardava o Natal. Também, ocorria com minha irmã menor, Jandira, nunca esqueci meu caminhão gigante enquanto ela ganhou um carrinho berço para sua boneca, da produção especial de casa. Então, meu Pai, que era indiretamente o assistente do Noel de muitas infâncias, era diretamente o nosso PAPAI e NOEL de verdade.

VIAGENS INESQUECÍVEIS

Na estação central, que ficava no início da Rua Marechal Deodoro, onde eu morava quando criança, num horário que não me lembro com precisão, apenas que era depois do almoço, saia um trem para o Balneário Cassino

Quando meu pai, que era ferroviário estava em férias, o que acontecia no verão, todos os dias, ele, Jandira, minha irmã mais moça e eu, éramos assíduos na gare de embarques. Foram viagens inesquecíveis, embora, tão curtas, dentro do nosso município, mesmo se repetindo com tanta frequência.

O toque de um sino, pelo chefe da estação, seguido de um silvo de apito do chefe de trem era o sinal livre para o trem partir. É o que ocorria logo após um apito breve da "maria-fumaça. E lá íamos nós.

A locomotiva a vapor, que quando se embrabecia, gritava, bufava largando vapor, cuspia brasas, soltava baforadas de seu baita cachimbo para acalmar-se deitava a correr sobre seus trilhos, dos quais era dona absoluta.

Felizes da vida, à janela postados, conferíamos, minha irmã e eu, a paisagem de sempre. A alegria, porém, era renovada a cada vez. Conforme a direção do vento e o humor da "maria fumaça", alcunha carinhosa dado a locomotiva, fazia-se necessário fechar a janela. Era preciso evitar os fragmentos de fulingem, que por ela soltos no ar, vinham para dentro do vagão.

O cheiro gostoso do carvão mineral, que quase era o combustível utilizado, mesmo com a janela fechada, não era impedido de chegar até nós.

Junção, Vieira, Senandes e Bolaxa, eram as estações onde o comboio parava antes de chegar à Vila Siqueira, a última, já na entrada do Balneário. Em cada uma delas, nossa curiosidade se voltava para a possibilidade de alguma guloseima ser comprada pelo nosso pai. Havia pessoas com cestos de palha a vender rapadurinhas, balas, araçás, pastéis... coisas assim.

Da estação Vila Siqueira, até a proximidade da praia, era um lindo percurso pela Avenida Rio Grande, a principal do Balneário. O leito da via férrea situava-se numa alameda de eucaliptos. Quando o trem parava, um número de pessoas que lotavam ois oito, dez e até quinze vagões, descia e tomava a praia de assalto. Parecia um exército que acabara de dar um desembarque para tomar posições. Mochilas, bolsas, barracas, eram

carregadas pelos recém chegados. Era uma pequena caminhada a procura de um lugar para acampar. Embora fosse uma multidão, para aquela época, anos quarenta do século vinte, havia no Cassino lugar a perder de vista e no tempo de agora é reconhecida como a praia mais extensa do mundo, no livro dos recordes.

Logo ali, deixando a Avenida Rio Grande, que era perpendicular à praia, entre as dunas e o mar, eram tomadas as sposições dos veranistas diários, os viajantes de trem.

Nosso pai tinha feito, em casa, artesanalmente, uma barraca, com tecidos de algodão, aproveitado dos sacos de farinha de trigo, ou açúcar, não lembro bem para ser preciso. Porém, recordo que era tingida de azul com um corante de marca "Guaranny".

Primeiro, ao chegar, tratava-se do acampamento. Depois, mudava-se a roupa para ir ao banho. Jandira e eu nos divertíamos muito naquelas viagens.

Mas, éramos diferentes ao estarmos na praia. Enquanto eu tinha medo das ondas e da fúria ao quebrarem com barulho constante, revoltas e espumantes, Jandira atrevia-se em desafiá-las. Seguidamente, nosso pai tinha que contê-la, ao passo que eu me limitava a brincar na beirinha. Quando nosso pai ia dar um mergulho, ficávamos com a "elástica", uma bonequinha de borracha, que colocávamos a flutuar, juntamente com um navio de madeira, feito pelo nosso pai em sua oficina de brinquedos que mantinha no fundo do quintal de nossa casa. Os dois brinquedos nos acompanhavam sempre naquelas viagens. Um dia, voltamos sem a "elástica". Uma onda, traiçoeira, em seu refluxo levou-a sem nos pedir permissão, aproveitando-se do nosso descuido.

Dentro de uma maleta de madeira, nosso pai levava nossa refeição. Quase sempre era sanduiche de patê de presunto e café frio. Depois, uvas.

Ao fim da tarde, tal como aquele exército tomara conta de uma mínima extensão da praia, assim a deixava, como que batendo em retirada.

Cansados das brincadeira na água e de rolar pelas dunas, ajudávamos, bem dizer em quase nada, nosso pai a desmontar a barraca e levantar acampamento.

Toca de volta para o trem, que havia feito manobra e estava lá, à espera, com a "maria-fumaça", agora, de frente para a entrada da Vila Siqueira. A viagem de regresso então se iniciava. Pedíamos para voltar à janela do outro lado. Variar a visão da paisagem era algo que não deixávamos por menos. Sim, como se fosse cada vez um fato inédito.

Cansados, mas nunca sonolentos, fazíamos questão de recorrermos ao fundo da maleta para apanhar o que ainda tivesse para comer. Seguido, eu queria ir até o banheiro do trem, mas nosso pai relutava, pois com o trem mais do que lotado, levantar seria, com certeza, perder o lugar. Mas, meu caso era que eu achava chique estar sentado no vazo sanitário, com o trem em movimento, principalmente, com a janela do banheiro aberta, a apreciar a paisagem. Pouquíssimas vezes, quanto o trem estava mais vazio, consegui o meu intento.

Apitando... apitando e mais o bimbalhar do sino, a "maria-fumaça" ia fazendo o maior estardalhaço ao se aproximar da estação central. O que para nós era festivo, na realidade era uma prevenção justificada, pois o trem ia cruzar a rua Dois de Novembro, cortando o trânsito urbano antes de entras, de retorno, à estação central.

Então... estávamos de volta de mais uma inesquecível feliz viagem de nossa infância.

UM OPERÁRIO DE ESCOL

Marcos Costa, meu Pai, tinha a alcunha de Marquito, pela qual, era conhecidíssimo não só pela legião de colegas ferroviários, bem como, pelo amplo número de pessoas que o conhecia. Trabalhou nas oficinas da Viação Férrea, na cidade do Rio Grande, até sua aposentadoria. Sempre foi reverenciado pela excelência do seu trabalho, e de seu caráter. Um operário de ESCOL.

Sua carreira de conhecimentos profissionais começou quando aos dezessete anos de idade entrou para a Marinha Mercante e esteve embarcado no navio de nome Sabará, que era arrendado por uma companhia de navegação francesa. Conheceu várias cidades de Países da Europeus e também esteve nos Estados Unidos da América. Dado a nacionalidade da empresa do Sabará, quando havia necessidade de reparos, o navio ia ao dique seco em " *Marselle",* na França. Com isto, aprendeu a falar francês, no dia a dia, pois certa vez esteve por vários meses em *Marselle.*

Como era dedicado, o chefe de máquinas, setor em que trabalhava, simpatizou com Ele e quando o navio estava em reparos, precisava a manutenção das máquinas e às vezes convidava meu Pai para trabalhar, mesmo em horário de folga. Ele aceitava e deixava de sair com o grupo para os passeios e diversões que a juventude requeria. Nessas ocasiões, tornou-se um aprendiz de primeira. O chefe não tinha preguiça em passar para Ele, digamos, muitos "segredos" da profissão. Naquele tempo, o Sabará, movido a vapor, fazia o percurso Europa – América em trinta dias com um horizonte de somente céu e mar. Por isso, se fazia necessário o conhecimento para sanar qualquer problema daquelas máquinas quando estivessem em pleno oceano.

Quando desembarcou, porque minha avó tinha ficado viúva e havia necessidade de Ele assumir de perto o rumo da família, retornou a Rio Grande. Empregou-se numa oficina que tenho lembrança de falar ser um estaleiro, Maneca Martins, ou Plano Inclinado, que ficava na vizinhança do Clube Regatas Rio Grande. Dessa época lembro de contar um fato seguinte: certo dia, viu no dique seco, uma lancha e perguntou o que havia com ela. – Está para que seja fundida uma nova hélice, um pouco maior, porque com a dela, muito pequena, ela anda devagar. – Olha, disse meu

Pai, isto obedece um cálculo que a engenharia naval fez, não vai dar certo. – Ah!... Ai falou um metido a engenheiro, foi a resposta que recebeu ao som das risadas dos demais que estavam perto.

Uma vez feita a troca vieram buscar a lancha. Na semana seguinte, quando certo dia ao chegar para o trabalho, Ele viu a lancha, novamente, elevada no dique seco, aproximou-se e perguntou – Por que a lancha voltou? – lhe responderam: para trocar a hélice. – Daí Ele comentou: com certeza a lancha, além de desenvolver menos velocidade deve ter sofrido aquecimento do motor, não foi? – É aconteceu, lhe respondeu o chefe, com cara fechada. Meu Pai saiu a sorrir ao dizer: – pois é, às vezes se encontra gente sem grau mas um pouco sabida que evita sejam cometidos estes vexames, caso seja ouvida.

Meu Pai contava diversos casos em que lhe valera o aprendizado a bordo. São muitos. Escolhi apenas mais um, o ocorrido quando ele trabalhava na "Cia. Swift." Era uma firma inglesa que trabalhava com carnes e derivados, tinha um abatedouro de gado bovino que situava-se à Avenida Honório Bicalho na área portuária do então porto novo, assim chamado na época. Certo dia, no fim do expediente da tarde, o frigorífico parou. Ocorreu a quebra nos dentes de uma engrenagem mestra, que transportava o gado abatido, levando as peças a todos os setores onde ocorria neste, naquele, o final da limpeza, bem como, os cortes necessários para a carne seguir depois para os açougues. A esteira parada, prejuízo a cada hora multiplicado. Então, o chefe geral tinha informações do operário que Ele era e mandou chamá-lo a seu gabinete. E perguntou – Você tem como consertar a engrenagem mestra? Meu Pai falou – não posso lhe prometer sem ver o estrago. Então, o chefe mandou chamar o encarregado do setor que meu Pai trabalhava e disse – Quero a ferramentaria à disposição do Sr. Marcos o tempo que for preciso e lhe alcance toda ferramenta e material que ele pedir a tempo e a hora. Ato seguinte, meu Pai foi para o local, verificou o estrago e começou a trabalhar. Como dizia Ele, foi um caso de *"metalar dentes novos na engrenagem",* um trabalho semelhante como fazem os dentistas ao implantar um dente numa pessoa. Foi serviço para a noite inteira. Por volta das seis horas da manhã, meu Pai chamou o encarregado e disse: vamos testar, pode ligar a chave geral. Como resposta recebeu – Vai saltar dente para todo lado. Ao ligar, o encarregado engoliu o que disse, pois todo o complexo da esteira entrou em andamento normal. Meu Pai aguardou o chefe que ao chegar foi direto ver o parque de trabalho a funcionar, com

todas as atividades a pleno. Deu uma gratificação ao meu Pai e dois dias de folga para descanso da noite trabalhada. A seguir daí, quando chegava a chamada safra seca, em que diminuía o gado que chegava para a Cia., havia a lista da degola, ou seja, de dispensa de funcionários. O encarregado do setor do meu Pai, ficou atravessado com ele por causa de sua diferencial capacidade e o colocava na lista. Quando o chefe, que era inglês, em seu gabinete revia a lista, pegava uma caneta e em vermelho circulava o nome do meu Pai e dizia ***"Opa!... Este muchaho no".***

Tais vivências, que ao contar aproveitava para dar uma lição de vida, me foram e aos meus cinco irmãos, ao longo de nossas existências, de um grande valor.

Nascido em 1901, aqui em Rio Grande, embarcou aos 17 anos, no dia 23 de janeiro de 1918, no navio mercante Sabará, no porto local e viu o fim da primeira guerra mundial em Marseille, na França. Contava a alegria do povo na rua a cantar, abraçarem-se e beijarem-se, homens e mulheres, independente de se conhecerem ou não, evento em que, também se envolveu. Das fotos que recordam esse tempo pela Europa, uma que sempre achei interessantíssima, pela época que foi, 1922, é esta (que acima está) em que ele está em três poses no mesmo ambiente. Deixou a Marinha Mercante ao desembarcar do Sabará em 20 de outubro de 1922, no Rio

de Janeiro, tomou lugar como passageiro no paquete Sírio e retornou a nossa cidade em de 4 de novembro do mesmo ano. Aposentou-se como ferroviário. Veio a falecer em 18 de agosto de 1970.

".

Marcos Costa Filho – Filho de Marcos Costa e Maria José da Gloria Costa, é natural da cidade do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul. Professor/Biólogo, aposentado da Universidade Federal do Rio Grande – Furg. Em sua nova fase de vida formou-se em Letras Português/Inglês na mesma Universidade em que trabalhou. Criou os eventos literários "Sua Poesia Vai à Feira" (que ocorre anualmente na Feira do Livro da Furg, desde o ano 2004); "Poesia ao Entardecer" e "Mostra Rio-Grandina de Textos Natalinos" na Livraria Acadêmica; "Concurso Literário Internacional Castro Alves" (na Academia Rio-Grandina de Letras); o Projeto Jovem Escritor junto à Secretaria de Município da Educação. Titular da cadeira número 31 da Academia Rio-Grandina de Letras. Acadêmico Fundador da Academia Internacional de Artes e Letras Sul Lourenciana e titular da cadeira nº 5. Coordenou por quinze anos uma página literária publicada no caderno O Peixeiro do Jornal Agora, com matéria, prosa e verso, da Academia Rio-Grandina de Letras. Foi pioneiro ao organizar um concurso literário na Festa do Mar, no ano de 2008. Foi o segundo Presidente da Casa do Poeta Brasileiro no Bairro Balneário Cassino (Rio Grande-RS).Tem várias premiações em concursos literários, participou de diversas antologias que circulam pelo Brasil inteiro, como a do Centro de Literatura do Forte de Copacabana e Museu Histórico do Exército, no Rio de Janeiro – RJ em 2010. Foi Patrono da 38ª Feira do Livro da Universidade Federal do Rio Grande – Furg. Tem onze livros publicados.

O Organizador agradece a seus Afilhados Culturais na Academia Rio-Grandina de Letras, Dalva Leal Martins, Elaine Maria Goulart Nunes, Maria Islair Duarte Lages, Marisa Wilde Rodrigues Pinto, Simone Possas Fontana, António José Barradas Barroso e Daniel Costa dos Santos, por terem, tão gentilmente, aceito o convite a participarem juntamente consigo, nesta Antologia, que por isso leva o título de ENCONTRO LITERÁRIO e passa a honra de apresentar ao público, um verdadeiro passeio agradável pela prosa e pelo verso.

ORELHA DO LIVRO
(NO ORIGINAL DE PORTUGAL)

ANTÓNIO JOSÉ BARRADAS BARROSO

Considera-se antologia toda a colectânea de poemas escolhidos de autores diversos. Tendo começado na antiga Grécia, pela mão do sírio Meleagro, natural de Gadara e nascido duzentos anos antes de Cristo, continuou com Filipe da Macedónia na segunda metade do primeiro século, prolongando-se, sucessivamente, com Estraton de Sardes e Agatias de Mirina, no século VI, para, entre outros, continuar, no século X, com Constantino Cébalas e a sua obra "Anthologia inédita codicis Palatini", ou Máximo Planudo , nos finais século XIII.

Já a antologia, dita latina, assenta em vários autores desde o século XVI, que tendo por base nomes como Fabrício, Benet, Maya, culmina com Burman a publicar uma Antologia Latina em Amsterdão, em 1759. A partir desta data, as antologias têm tomado conta do quotidiano, umas compiladas com dedicação e inegável valor, outras eivadas de gritante mediocridade.

Lança, agora, Marcos Costa Filho, distinto poeta e escritor, uma nova antologia convidando para fazerem parte da mesma, poetas seus amigos que ele considerou dignos de figurarem na obra. Se a sua fidedigna e quão simpática opinião pessoal corresponder à apreciação geral dos leitores, poder-se-á afirmar a verdade de Mário Quintana:

Emergência
Quem faz um poema abre uma janela
Respira, tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo -
para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.

casaletras

casaletras.com

ISBN: 978-65-86625-16-5